

Os comportamentos de dependência e de independência do primogênito e as percepções maternas no contexto de gestação do segundo filho

Débora S. de Oliveira

**Dissertação apresentada como exigência para a obtenção do grau de Mestre em
Psicologia sob orientação da
Prof^ª. Dr^ª. Rita de Cássia Sobreira Lopes**

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia**

Porto Alegre

2006

AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa é fruto de um desejo: conhecer um pouco mais acerca do desenvolvimento infantil e das relações pais e filhos. E não teria sido produzida e concluída sem a contribuição de algumas pessoas, importantes, que me auxiliaram no decorrer dessa trajetória.

Agradeço, inicialmente, à minha orientadora, Profa. Dra. Rita de Cássia Sobreira Lopes por ter acolhido meu objeto de pesquisa e por ter acompanhado e auxiliado na realização deste trabalho em todas as etapas, com profissionalismo e dedicação.

Às famílias que participaram deste estudo, as quais confiaram suas histórias, permitindo que pudéssemos acompanhar um pouco delas. Em especial, agradeço aos primogênitos, que me possibilitaram aprender um pouco mais sobre crianças pré-escolares, não só através do estudo, mas também pelo pequeno convívio.

Ao professor Dr. César Augusto Piccinini, coordenador do grupo de pesquisa NUDIF, por ter viabilizado e incentivado a realização deste estudo.

Ao professor Dr. Alberto Manoel Quintana, com quem trabalhei como bolsista de iniciação científica durante o período de graduação, e que sempre me incentivou e despertou o interesse pela pesquisa.

À professora Dra. Dorian Mônica Arpini, minha orientadora no trabalho de monografia de conclusão de curso de graduação, por ter me acompanhado, introduzido e orientado, com dedicação e ética, os meus primeiros estudos sobre a infância e sobre as relações pais e filhos.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, agradeço os ensinamentos teóricos e metodológicos recebidos ao longo do mestrado. Em especial, agradeço à Profa. Dra. Denise Bandeira pelo treinamento e discussão sobre o Teste das Fábulas.

Às colegas do NUDIF, em especial à colega e amiga Caroline Rossato Pereira, com quem pude dividir angústias e alegrias nestes dois anos de pesquisa.

Aos meus pais, Ivo e Madalena, pelo amor, incentivo e apoio nos momentos difíceis e por terem despertado em mim a ousadia, a força e a vontade pelo trabalho e para viver os acontecimentos da vida. E, em especial, agradeço por terem aflorado minha curiosidade para conhecer mais sobre família e sobre as relações pais e filhos.

Aos meus irmãos, Alexandre e Camila, pelo amor e carinho. Em especial, agradeço à minha irmã por ter destinado tempo e disponibilidade para comprar os livros na CESMA/SM sempre que a solicitei. E ao irmão, pelo exemplo em seguir na busca pelo conhecimento.

Agradeço também à família do meu marido, em especial, à Rosane, minha sogra e segunda mãe, pela sempre dedicação e preocupação.

Em especial, agradeço ao meu marido, Richard, com quem tenho compartilhado os momentos de angústias e alegrias, bem como o desejo por seguir, tanto a experiência acadêmica, quanto minha vida pessoal. Agradeço pelo amor, dedicação, respeito, amizade, ternura, companheirismo, paciência e apoio em todos os momentos, inclusive aqueles cuja causa do problema foi a tecnológica. Agradeço também pelo estímulo para seguir sempre em frente e nunca desistir.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| RESUMO | 7 |
| ABSTRACT | 8 |
| | |
| CAPÍTULO I | |
| INTRODUÇÃO | 9 |
| 1.1 Impacto do nascimento do segundo filho na relação mãe-primogênito | 12 |
| 1.2 Impacto do nascimento do segundo filho para o primogênito..... | 13 |
| 1.3 O impacto da gestação do segundo filho nos comportamentos de dependência e de independência do primogênito | 16 |
| 1.4 Os comportamentos de dependência e de independência de crianças em idade pré-escolar..... | 18 |
| 1.5 Justificativa e objetivo de pesquisa | 21 |
| | |
| CAPÍTULO II | |
| MÉTODO | 23 |
| 2.1 Participantes | 23 |
| 2.2 Delineamento e procedimento | 25 |
| 2.3 Considerações éticas sobre o estudo..... | 27 |
| 2.4 Instrumentos e materiais..... | 28 |
| 2.5 Análise dos dados | 34 |
| | |
| CAPÍTULO III | |
| RESULTADOS | 37 |
| 3.1 Caso 1 – Eva e Roberto | 38 |
| 3.2 Caso 2 – Diana e Marcos..... | 50 |
| 3.3 Caso 3 – Ana Laura e Emanuela | 62 |
| 3.4 Caso 4 – Claudia e Carine | 74 |
| 3.5 Caso 5 – Angela e Leila..... | 86 |

CAPÍTULO IV

| | |
|--|-----|
| DISCUSSÃO | 102 |
| Parte I - Os comportamentos de dependência e de independência do primogênito em idade pré-escolar: aspectos singulares | 102 |
| Parte II – Os comportamentos de dependência e de independência do primogênito em idade pré-escolar: aspectos comuns..... | 112 |
| Considerações Finais | 122 |

| | |
|--------------------------|-----|
| REFERÊNCIAS | 129 |
|--------------------------|-----|

ANEXOS

| | |
|---|-----|
| Anexo A - Termo de consentimento livre e esclarecido | 134 |
| Anexo B - Ficha de contato inicial | 135 |
| Anexo C - Entrevista de dados demográficos | 136 |
| Anexo D - Entrevista com a mãe sobre o impacto da gestação do segundo filho na dinâmica familiar | 137 |
| Anexo E - Entrevista com a mãe sobre o desenvolvimento do primogênito (terceiro ao quinto ano de vida do primogênito) | 136 |

Lista de Tabelas

| | |
|---|-----|
| Tabela 1. Dados demográficos dos participantes | 25 |
| Tabela 2. Comportamentos de dependência e de independência da criança revelados no Teste das Fábulas..... | 103 |
| Tabela 3. Percepções maternas sobre os comportamentos de dependência e de independência da criança no contexto de gestação de um segundo filho..... | 104 |

RESUMO

O nascimento do segundo filho constitui-se em uma fase específica do ciclo de vida familiar, acarretando mudanças, especialmente, na relação mãe-primogênito. Dessa forma, o presente estudo teve por objetivo investigar os comportamentos de dependência e de independência do primogênito e as percepções maternas sobre esses comportamentos no contexto de gestação de um segundo filho. Foi realizado um estudo de caso coletivo, do qual participaram cinco primogênitos e suas respectivas mães, no terceiro trimestre de gestação do segundo filho. Os participantes pertenciam à amostra de um projeto longitudinal maior. Com as crianças, foi aplicado o Teste das Fábulas e as mães responderam a entrevistas semi-dirigidas. Análise de conteúdo revelou uma tendência de comportamento predominantemente dependente do primogênito. Esta tendência despertava sentimentos ambivalentes nas mães, que acabavam estimulando comportamentos de independência. Pode-se dizer que as crianças também se mostraram ambivalentes, apresentando um padrão oscilatório de comportamento em algumas respostas às fábulas. Os resultados sugerem que o contexto de nascimento de um novo membro na família constitui-se em um momento especial, tanto para a criança que tem que deixar de ocupar o papel de filho único e aprender a compartilhar os cuidados maternos, quanto para a mãe que deve lidar com as ansiedades advindas da gestação de um segundo filho e com os sentimentos em relação ao primogênito. As implicações dos achados para uma compreensão das alterações de comportamento na criança em períodos de transição familiar são destacadas.

ABSTRACT

The birth of a second child constitutes a specific phase of the family life cycle, producing changes, especially in the mother-firstborn relation. In that way, the present study aimed to investigate the firstborn's dependence and independence behaviors, as well as the maternal perceptions about those behaviors in the context of a second child's pregnancy. A collective-case study was carried out, in which five firstborn and their respective mothers, in the third quarter of the second child's pregnancy, took part. The participants belonged to a sample of a larger longitudinal project. The Fables Test was administered to the children, and the mothers answered a semi-structured interview. Content analysis revealed a trend towards predominantly dependent behavior of the firstborn, which provoked ambivalent feelings in the mothers, that ended up in them stimulating independence behaviors. It can be said that the children also showed ambivalence, since they presented an behavior oscillatory pattern in some answers to the fables. The results suggest that the context of the birth of a new member in the family constitutes a special moment, both for the child who will no longer occupy the only son's role and to learn to share maternal care, and for the mother who should work with the anxieties concerning a second child's pregnancy and with the feelings regarding the firstborn. The implications of the findings for understanding the alterations in the child's behavior in transition periods are highlighted.

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO¹

O nascimento do segundo filho constitui-se em evento marcante do ciclo de vida da família, uma vez que se caracteriza como uma fase específica de transição que afeta mutuamente os diferentes subsistemas familiares. Considerando que o contexto familiar passa a exigir adaptações e a sofrer mudanças na interação pai-mãe-criança, sobretudo na rotina de cuidados que a mãe destina ao filho mais velho, pesquisadores têm se dedicado a entender as alterações que esse evento provoca no ambiente, bem como suas implicações para o desenvolvimento emocional infantil (Baydar, Greek & Brooks-Gunn, 1997a; Baydar, Hyle & Brooks-Gunn, 1997b; Dessen & Mettel, 1984; Dunn, Kendrick & MacNamee, 1981; Gottlieb & Mendelson, 1990; Kowaleski-Jones & Dunifon, 2004; Teti, Sakin, Kucera, Corns & Eiden, 1996; Stewart, Mobley, Tuyl & Salvador, 1987).

As interações pai-mãe-primogênito modificam-se em diferentes períodos – antes, durante e depois do nascimento do segundo filho – e podem sofrer ajustes por um longo tempo (Kowaleski-Jones & Dunifon, 2004; Stewart & cols. 1987). Contudo, a relação diádica mãe-criança é a mais afetada, uma vez que há uma diminuição da interação e da atenção materna com o primogênito e uma redução do tempo que ocupa em brincadeiras com este (Dunn & Kendrick, 1980). Isso se deve ao fato de que a mãe tende a dirigir seu interesse para a gestação e para o novo bebê (Brazelton & Sparrow, 2003; Gullicks & Crase, 1993). Frente a essas possíveis alterações na disponibilidade materna, o pai pode desempenhar um papel essencial, auxiliando a relação mãe e filho mais velho (Dessen & Braz, 2000; Lewis & Dessen, 1999; Rockville, 2000; Winnicott, 1974).

Entre as pesquisas que buscaram estudar o impacto do nascimento do segundo filho nas relações familiares, destacam-se os estudos que examinaram as interações mãe-primogênito (Dunn & Kendrick, 1980; Kendrick & Dunn, 1980; Lewis & Kreitzberg, 1979), bem como a interação pai-mãe-primogênito (Dessen, 1997; Dessen & Mettel, 1984; Kreppner, Paulsen & Schuetze, 1982). Além das mudanças nas

¹ Parte do conteúdo deste capítulo foi submetido à publicação com o título “O impacto do nascimento do segundo filho nos comportamentos de dependência e de independência do primogênito”, na Revista *PSICO*, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

interações, o primogênito, de modo especial, parece sofrer grande impacto quando da chegada de um segundo filho, uma vez que apresenta mudanças de comportamento e diferentes reações (Dunn & Kendrick, 1980; Dunn & cols. 1981; Field & Reite, 1984; Gottlieb & Baillies, 1995; Gullicks & Crase, 1993; Stewart & cols. 1987). Estas reações podem variar conforme a harmonia conjugal e o nível socioeconômico (Dessen & Mettel, 1984; Kramer & Gottman, 1992), e estão associadas à idade (Teti & cols. 1996) e ao sexo do primogênito e do segundo filho (Dunn & cols. 1981).

Muitos pesquisadores contribuíram com estudos sobre os efeitos do nascimento do segundo filho nas relações pai-mãe-primogênito, nas relações mãe-primogênito, no desenvolvimento emocional do primogênito e nas relações entre irmãos, na década de 1980 (Dunn & Kendrick, 1980; Dunn & cols. 1981; Kendrick & Dunn, 1980; Kreppner & cols. 1982; Stewart & cols. 1987). No Brasil, somente alguns pesquisadores se dedicaram a tal temática (Dessen, 1997; Dessen & Mettel, 1984). Contudo, destaca-se, nos últimos anos, a escassez de pesquisas nessa área, tanto no exterior quanto em contexto brasileiro (Baydar & cols. 1997a; 1997b; Cox & Paley, 1997; Gottlieb & Mendelson, 1990; Kowaleski-Jones & Dunifon, 2004; Teti & cols. 1996). Ainda que haja algumas pesquisas que tenham investigado as repercussões do nascimento do segundo filho na relação pai-mãe-primogênito e no comportamento do filho mais velho, chamam a atenção os escassos trabalhos que investiguem, especificamente, os efeitos emocionais sobre o primogênito, em especial os comportamentos de dependência e de independência, foco do presente estudo. É possível perceber ainda os poucos trabalhos sobre as percepções maternas a respeito desses comportamentos.

Em uma pesquisa realizada nos bancos de dados (*PsycInfo, Social Sciences Full Text, Bireme, LILACS, Scielo*, entre outros) foram encontrados apenas três artigos mais recentes que abordaram o nascimento de um segundo filho, o primogênito e as mudanças nas relações familiares (Dessen & Braz, 2000; Kowaleski-Jones & Dunifon, 2004; Kramer & Ramsburg, 2002). A maioria dos artigos encontrados que enfocaram tal temática datam da década de 1990 (Baydar & cols. 1997a; 1997b; Cox & Paley, 1997; Gottlieb & Mendelson, 1990; Gottlieb & Baillies, 1995; Gullicks & Crase, 1993; Kramer & Gottman, 1992; Kramer, 1996; Teti & cols. 1996) e da década de 1980 (Dessen & Mettel, 1984; Dunn & Kendrick, 1980; Dunn & Kendrick, 1981; Dunn & cols. 1981; Kendrick & Dunn, 1980; Kreppner & cols. 1982).

Dentre estas pesquisas, é possível observar que há as que abordaram, especificamente, o estresse e a autonomia do primogênito durante a gestação (Gottlieb

& Baillies, 1995), as respostas do primogênito à separação da mãe em decorrência do nascimento de um irmão (Field & Reite, 1984), bem como os preditores do apego seguro em crianças pré-escolares durante a transição de tornar-se irmão (Teti & cols. 1996). Outras pesquisas também mencionaram a temática da dependência e da independência do primogênito em idade pré-escolar e das relações pai-mãe-primogênito, entre outros aspectos, ao estudarem as diferentes reações do primogênito nesse contexto (Baydar & cols. 1997a; 1997b; Dessen & Mettel, 1984; Dunn & Kendrick, 1981).

As crianças em idade pré-escolar, de modo especial, apresentam maiores dificuldades para adaptar-se ao nascimento de um irmão, visto que as mudanças sofridas no contexto familiar, em grande parte, ocorrem na relação mãe-primogênito (Dunn & Kendrick, 1980; Dessen & Mettel, 1984; Kramer & Gottman, 1992; Teti & cols. 1996; Murphy, 1993). O primogênito passa a apresentar reações variadas e, até mesmo, contraditórias, no que se refere à separação psicológica ou emocional dos pais, oscilando entre uma maior independência e autonomia (assumindo o papel de “irmão mais velho”) e o desejo de receber a mesma atenção e cuidados que o recém-nascido (Stewart & cols. 1987).

Sendo assim, torna-se de fundamental importância a continuidade de pesquisas sobre esse assunto, uma vez que a investigação sobre esse importante momento de transição do ciclo de vida familiar pode contribuir para a elaboração de propostas de intervenção junto às famílias que precisam se adaptar às mudanças inerentes a esse novo período (Kramer & Ramsburg, 2002). Dessa forma, o presente estudo objetiva investigar os comportamentos de dependência e de independência do primogênito em idade pré-escolar e as percepções maternas sobre esses comportamentos no contexto de gestação do segundo filho. Pretende-se, através dessa pesquisa, contribuir para a discussão sobre as repercussões da gestação do segundo filho na relação mãe-primogênito, no desenvolvimento emocional infantil e, em especial, nos comportamentos de dependência e de independência do primogênito. Além disso, busca-se um melhor entendimento sobre esse importante momento do ciclo de vida da família. Para tanto, será discutido, neste primeiro capítulo, o impacto do nascimento de um segundo filho na relação mãe-primogênito. Serão analisadas ainda pesquisas que enfocaram o impacto do nascimento do segundo filho para o primogênito. Em seguida, serão abordados estudos que examinaram o impacto do nascimento do segundo filho nos comportamentos de dependência e de independência do primogênito. Além disso,

serão discutidos os comportamentos de dependência e de independência de crianças em idade pré-escolar. Por fim, serão consideradas as justificativas e os objetivos da presente pesquisa.

1.1 O impacto do nascimento do segundo filho na relação mãe-primogênito

O contexto do nascimento de um segundo filho altera o padrão de funcionamento familiar formado por pai, mãe e uma criança (Kowaleski-Jones & Dunifon, 2004; Feiring & Lewis, 1978). Essa constelação de mudanças, marcada por um processo de adaptação e de transição, exige alterações, sobretudo na rotina de cuidados que a mãe destina ao filho mais velho (Brazelton & Sparrow, 2003; Baydar & cols. 1997a; Cox & Paley, 1997; Dessen & Mettel, 1984; Dunn & cols. 1981; Gottlieb & Mendelson, 1990; Teti & cols. 1996; Stewart & cols. 1987). Essas alterações tendem a se estender por dois anos subseqüentes, até que haja nova organização familiar, e estão associadas às mudanças mais amplas nas relações familiares, envolvendo modificações estruturais nas circunstâncias sociais e econômicas, nas tarefas e papéis desempenhados pelos membros, no número de participantes da família, entre outros aspectos (Dunn & Kendrick, 1980; Gottlieb & Baillies, 1995; Kreppner & cols. 1982).

As relações pai, mãe e primogênito passam a se modificar de forma inteiramente radical e a ter implicações diretas para o desenvolvimento emocional infantil (Gottlieb & Baillies, 1995; Kendrick & Dunn, 1980; Murphy, 1993; Stewart & cols. 1987). De um modo especial, a relação mãe-primogênito também passa a sofrer alterações. A mãe, nesse contexto, apresenta uma diminuição das interações com o filho mais velho e uma redução de sua atenção e do tempo que ocupa em brincadeiras e jogos conjuntos (Baydar & cols. 1997a; Dunn & Kendrick, 1980; Kowaleski-Jones & Dunifon, 2004; Stewart & cols. 1987). Paralelamente a tal decréscimo, há um aumento na incidência de proibições e repreensões maternas às atitudes do primogênito, uma exacerbação dos comportamentos de confrontação entre mãe e primogênito, bem como uma maior proximidade do filho com relação ao pai (Dessen, 1997; Dessen & Braz, 2000; Kendrick & Dunn, 1980; Teti & cols. 1996).

Esse momento de transição e de adaptações reflete-se, de diferentes maneiras, nas respostas empreendidas pelos filhos mais velhos, sobretudo pelo primogênito, quando experienciando esse contexto de nascimento de um irmão. O primogênito pode vivenciar este momento com grande estresse, uma vez que a chegada de um irmão pode

ameaçar a sua relação com a mãe (Dunn & Kendrick, 1981; Field & Reite, 1984; Kramer & Gottman, 1992; Stewart & cols. 1987) e, possivelmente, abala a confiabilidade do ambiente familiar (Dunn & Kendrick, 1980; Gottlieb & Mendelson, 1990; Kramer, 1996; Kowaleski-Jones & Dunifon, 2004; Walz & Rich, 1983). Nesse sentido, a preparação e a participação para o nascimento e para a chegada de um irmão podem ser estressantes para o primogênito, o qual deve se ajustar às alterações na qualidade e na quantidade do tempo e da atenção a ele destinados pelos pais, sobretudo pela mãe (Gottlieb & Baillies, 1995; Stewart & cols. 1987).

1.2 O impacto do nascimento do segundo filho para o primogênito

Tendo em vista que as mudanças sofridas no contexto familiar ocorrem, em grande parte, nas relações estabelecidas entre os membros da família, o primogênito, de um modo especial, parece ser aquele que demonstra de forma mais acentuada o impacto sofrido pela chegada de um segundo filho na família (Dunn & Kendrick, 1980; Dessen & Mettel, 1984; Kramer & Gottman, 1992; Teti & cols. 1996; Murphy, 1993). Algumas crianças apresentam uma variedade de reações e inúmeras mudanças de comportamento já durante o período gestacional, mostrando-se severamente estressadas, enquanto outras vivenciam tal momento com grande tranqüilidade (Dunn & cols. 1981; Stewart & cols. 1987).

As reações mais freqüentes observadas foram: aumento nos comportamentos de confrontação e de agressão com a mãe e com o bebê, problemas no sono, acréscimo nos comportamentos de dependência, de demanda e de regressão, maior ambivalência, além de aumento no afastamento, de comportamentos de independência e de domínio de tarefa, entre outros (Dunn & cols. 1981; Field & Reite, 1984; Kendrick & Dunn, 1980; Gottlieb & Baillies, 1995; Gullicks & Crase, 1993; Murphy, 1993; Stewart & cols. 1987). O estresse vivenciado pelo filho mais velho varia conforme a idade (Dessen & Mettel, 1984; Kramer & Gottman, 1992) e o sexo do primogênito e do segundo filho (Dunn & cols. 1981). Além disso, está associado ao interjogo de diferentes fatores - biológico, pessoal, situacional e relacional (Gottlieb & Baillies, 1995), à harmonia conjugal e ao nível socioeconômico familiar (Teti & cols. 1996), bem como ao apoio parental que o primogênito experiencia já antes do nascimento do segundo filho (Gottlieb & Mendelson, 1990). Examinando os efeitos do nascimento de um irmão sobre os problemas de comportamento em pré-escolares, Baydar e cols. (1997a; 1997b)

indicaram que tais problemas apresentaram-se de maneira temporária, diminuindo dentro de um ano.

As pioneiras nos estudos sobre o processo de adaptação do primogênito em decorrência do nascimento de um irmão foram Dunn e Kendrick (1980, 1981a, 1981b), na década de 1980. Estas pesquisadoras acompanharam quarenta díades inglesas mãe-primogênito, entre 18 e 43 meses, desde o último trimestre de gestação do segundo filho, até os quatorze meses após seu nascimento. Através de observação da interação e de entrevistas com a mãe, na casa das famílias, constataram que o nascimento do irmão possui efeitos diretos no comportamento do primogênito. De acordo com o relato das mães, grande parte dos primogênitos apresentou problemas no sono, aumento na dependência, no choro e em comportamentos de imitação do bebê, tais como pedido de colo, regressão na aprendizagem e hábitos de higiene e de toailete, fala infantilizada, entre outros. Entretanto, estes comportamentos eram acompanhados por demonstrações de carinho e de interesse pelo irmão. No que tange ao comportamento da mãe nesse contexto, essa pesquisa constatou uma diminuição da atenção, da brincadeira e do nível de apoio emocional fornecido por ela aos seus filhos primogênitos, sobretudo quando estes eram meninos, antes e depois do nascimento do segundo filho. Nesses casos, foi possível observar que tais reações maternas desencadearam em seus filhos primogênitos comportamentos de iniciativa e de confrontação negativa na interação com a mãe.

Estes achados foram corroborados pelo estudo de Stewart e cols. (1987), que acompanharam quarenta e uma famílias norte-americanas com filhos primogênitos entre dois e quatro anos, desde o último trimestre de gestação até o décimo-segundo mês após o nascimento do segundo filho. Os dados analisados a partir de entrevistas com a mãe e da observação da família, em momento de jogo, indicaram que o primogênito também apresentou alterações em seus comportamentos, tais como aumento de confrontação e de agressão dirigidos tanto para a mãe quanto para o irmão, aumento nas expressões de ansiedade e de comportamentos imitativos do bebê. Além disso, os achados também indicaram sentimentos de carinho e de interesse por parte do primogênito antes e depois do nascimento do segundo filho.

Ainda a respeito do processo de adaptação do primogênito ao nascimento de um irmão, Kramer e Ramsburg (2002) realizaram uma revisão crítica da literatura a respeito da chegada do segundo filho e da interação pais e primogênito. Estes autores apontaram controvérsias e concordâncias entre pesquisadores quanto ao fato de contar ou não à criança sobre a chegada de um irmão e quanto a propiciar a sua participação nesse

momento, através de visitas ao hospital, preparação do enxoval, troca de fraldas, entre outras atividades. A participação do primogênito nos cuidados com o bebê é indicada como um modo de facilitar a interação pai, mãe e criança e contribuir para respostas positivas do primogênito que se encontra inserido nesse novo contexto de adaptações (Brazelton & Sparrow, 2003; Murphy, 1993; Gullicks & Crase, 1993; Gottlieb & Mendelson, 1990; Field & Reite, 1984; Walz & Rich, 1983). Nesse mesmo sentido, investigando o papel materno em mulheres que recentemente tinham se tornado mãe de dois filhos, Walz e Rich (1983) verificaram que a capacidade de a mãe fornecer um ambiente materno confiável fez com que o primogênito aceitasse mais facilmente a chegada do irmão.

Considerando que o nascimento do segundo filho constitui-se em uma fase que acarreta mudanças no ambiente familiar, é plausível supor que o primeiro filho, já durante a gestação, demonstre de forma mais acentuada, através de diferentes reações, o impacto sofrido pelo contexto de espera de um irmão. Dentre essas reações, é possível perceber diferentes comportamentos que denotam aspectos referentes à dependência e à independência física e emocional do primogênito com relação à mãe. No tópico a seguir, serão discutidas pesquisas que examinaram esses comportamentos nesse contexto.

1.3 O impacto da gestação do segundo filho nos comportamentos de dependência e de independência do primogênito

Ainda que haja muitas pesquisas que tenham focado o impacto do nascimento do segundo filho na relação pai-mãe-primogênito, mãe-primogênito e nos comportamentos deste, chamam a atenção os poucos estudos que investigaram a separação psicológica ou emocional do filho mais velho nesse contexto de mudanças do ambiente familiar. Com base na literatura revisada, verificou-se que pesquisadores sugerem novos estudos que explorem ainda mais as questões de autonomia e de dependência da criança (Gottlieb & Baillies, 1995), uma vez que os resultados das pesquisas ainda são contraditórios.

De modo geral, verificou-se que o primogênito apresenta reações variadas e, até mesmo, contraditórias, oscilando entre uma maior independência e autonomia (assumindo o papel de “irmão mais velho”) e o desejo de receber a mesma atenção e cuidados que o recém-nascido (Dunn & Kendrick, 1980; Dunn & cols. 1981; Field & Reite, 1984; Gottlieb & Mendelson, 1990; Stewart & cols. 1987). Estas últimas reações foram consideradas, muitas vezes, pelos pais, como comportamentos regressivos (Stewart & cols. 1987) ou como de imitação do novo bebê (Dunn & Kendrick, 1980).

Ao investigar uma amostra canadense composta de oitenta crianças e suas mães que aguardavam, ou não, a chegada do segundo filho e que se encontravam em diferentes momentos da gestação, Gottlieb e Baillies (1995) verificaram que as reações dos primogênitos diferiram conforme o período gestacional e também quando comparadas ao grupo de crianças que não aguardavam o nascimento de um irmão. O primogênito se mostrou mais angustiado e apresentou diferentes comportamentos de dependência, em resposta a momentos de separação da mãe nas semanas finais da gestação. Estas respostas variaram conforme a idade e o sexo do primogênito. Foi notado que meninas com menos idade, em contexto de espera de um irmão, mostraram-se mais dependentes que meninas mais velhas e que meninos. Além disso, foi observado que meninos reagiram mais à separação, expressando maior raiva e distanciamento com relação à mãe do que meninas, e que meninos mais velhos mostraram-se mais autônomos que os mais novos.

Estes achados corroboram uma pesquisa da década de 1980, que indicou que primogênitos meninos tenderam a retirar-se da relação mãe-bebê, enquanto que as meninas tenderam a se tornar mais dependentes (Dunn & Kendrick, 1981a). Nesta

mesma direção, um outro estudo revelou que os primogênitos separados de suas mães em dois momentos – durante e depois da hospitalização – apresentaram-se mais agarrados, fisicamente agressivos e apresentaram mudanças na alimentação, sono e hábitos de higiene (Field & Reite, 1984).

Uma outra pesquisa, realizada mais recentemente, enfatizou que a segunda maior preocupação do primogênito, de acordo com o relato materno, no contexto de chegada de um irmão, é a sua separação da mãe em decorrência da hospitalização (Kramer, 1996). Os dados indicaram, por meio de entrevistas, que as mães acreditavam que, depois do medo (23%), os primogênitos apresentavam grande preocupação em relação ao momento da separação de suas mães por ocasião do nascimento do irmão (16%). Os resultados também apontaram que a habilidade materna para estar sensível e perceber as preocupações e interesse do primogênito pode estar menor, nesse momento de nascimento de um segundo filho.

No contexto brasileiro, Dessen e Mettel (1984), ao examinarem os padrões de interação pai-mãe-primogênito, apontaram efeitos diretos no comportamento dos pais e do primogênito, com idade de dois anos e sete meses, por ocasião do nascimento de um segundo filho. As pesquisadoras realizaram um estudo de caso com uma família de classe média urbana, através de entrevistas e observação. Os dados sugeriram que mesmo que o primogênito apresentasse comportamentos de ajuda e de cuidado com o bebê, exibia simultaneamente aumento na agressividade em relação ao pai e nas exigências com relação à mãe, além de problemas no sono e nas habilidades de toalete. Conforme estas pesquisadoras, as alterações nos padrões de interação podem estar refletindo a maneira como os pais encaram a aquisição das habilidades e autonomia do primogênito, as mudanças no desenvolvimento infantil ou a própria situação estressante do nascimento de um bebê. As autoras sugeriram, também, que a criança, por ser o primogênito, pode ter sido exposta a atitudes e comportamentos emitidos pelos pais que geraram maior dependência. Apontaram ainda que no contexto de nascimento de um segundo filho esse primogênito pode não estar preparado para alterações nas atitudes dos pais, bem como pode não responder à demanda dos mesmos, os quais esperam, muitas vezes, que o filho mais velho apresente maior independência em seus comportamentos.

Em contraposição, Baydar e cols. (1997a; 1997b) indicaram que crianças com irmão do mesmo sexo foram apontadas pelas mães como apresentando pouco comportamento dependente quando comparadas a primogênitos com irmão do sexo

oposto ou sem irmãos. De acordo com estes pesquisadores, tal fato pode significar que primogênitos com irmão do sexo oposto exibem mais comportamentos dependentes como forma de resgatar a atenção materna. Dunn e cols. (1981), na década de 1980, verificaram que as crianças foram apontadas pelas mães como tendo mostrado sinais de crescimento e de independência, ao insistirem em comer, vestir-se e ir ao banheiro sozinhas, brincar mais tempo sozinhas, além de deixarem de usar a mamadeira. Outros pesquisadores também se dedicaram, nessa mesma época ao estudo de primogênitos no contexto de nascimento de um irmão, e sugeriram que o crescimento e a maturidade da criança podem ter sido estimulados pelas mães como forma de incitar a criança a se adaptar às novas demandas decorrentes desse momento (Walz & Rich, 1983).

Nesse contexto de mudanças, as interações mãe-primogênito parecem alterar o desempenho de papéis parentais na responsabilidade dos cuidados destinados ao filho mais velho. O modo como a mãe interage e estimula ou não os movimentos de dependência e de independência do filho nesse momento de grandes mudanças no ambiente familiar torna-se de grande importância para o desenvolvimento emocional infantil.

1.4 Os comportamentos de dependência e de independência de crianças em idade pré-escolar

A literatura na área é escassa e apresenta resultados contraditórios, sobretudo no que diz respeito aos comportamentos de dependência e de independência de primogênitos em idade pré-escolar, cujas mães encontram-se grávidas do segundo filho. Se, por um lado, há maior dependência e comportamentos regressivos do primogênito, por outro, pesquisas também mencionaram que este apresenta sinais de crescimento e comportamentos mais independentes, não vivenciando este momento como estressante (Dunn & Kendrick, 1980; Dunn & cols. 1981; Field & Reite, 1984; Gottlieb & Mendelson, 1990; Stewart & cols. 1987).

De modo especial, as crianças em idade pré-escolar apresentam maiores dificuldades para adaptar-se ao nascimento de um irmão, já que as mudanças sofridas no contexto familiar, em grande parte, ocorrem na relação mãe-primogênito (Dunn & Kendrick, 1980; Dessen & Mettel, 1984; Kramer & Gottman, 1992; Teti & cols. 1996; Murphy, 1993). Estudando primogênitos em idade pré-escolar, Kramer e Gottman (1992) observaram que crianças de quatro anos responderam mais positivamente à

chegada de um irmão do que crianças de três anos. Este dado aponta para o fato de que crianças mais velhas possuem habilidades cognitivas que as tornam capazes de entender melhor os eventos estressores. Da mesma forma, Dunn e Kendrick (1980) também indicaram que crianças maiores de cinco anos possuem formas já mais adaptadas de lidar com a tensão surgida neste momento.

Nesse mesmo sentido, Teti e cols. (1996), ao estudarem crianças com idade entre dois e cinco anos, verificaram que as últimas apresentaram maiores taxas de estresse quando comparadas a crianças menores. Foi realizado um estudo longitudinal, por meio de questionários, com 194 mães, que se encontravam no terceiro trimestre de gestação, e seus filhos primogênitos. Foi verificado que crianças maiores possuem entendimento e habilidade cognitiva para perceber que o nascimento de um segundo filho pode ameaçar as relações pai-mãe-primogênito, enquanto que as menores não são capazes de prever o impacto do nascimento de um irmão em suas vidas, não o percebendo como fonte de ameaça.

Estas diferentes respostas dadas pela criança podem estar associadas ao fato de que nesse período do desenvolvimento, a criança está saindo de seu “cercado”, desenvolvido a partir dos cuidados fornecidos pela mãe (Winnicott, 2000), está vivenciando um processo de separação e de individuação (Mahler, 2002; 1982; Balaban, 1988) e elaborando sua independência (Dunn & Kendrick, 1980). Nesse período, a criança está tendo maiores habilidades motoras, cognitivas e emocionais para ter outras experiências no mundo externo. Uma criança nessa faixa etária, em especial com idade entre quatro e cinco anos, é capaz de pensar sobre a importância da comunicação e das relações com seus semelhantes, e também almeja explorar e encontrar respostas ela mesma sobre os fatos (Brazelton & Sparrow, 2003). As novas habilidades e a capacidade para identificar-se com os pais e para explorar o ambiente fornecem incentivos para aprender ainda mais com o que está a sua volta e possibilitam também a percepção de recompensas por seu crescimento (Brazelton, 2002). Contudo, as crianças exploram e organizam o seu espaço em função do que está ao seu alcance dentro de seu ambiente familiar. Esta exploração possibilita à criança tornar-se consciente de que ainda é pequena e muito dependente de seus cuidadores.

Nesse sentido, a separação psicológica emocional da criança só é alcançada através das trocas interativas com seus cuidadores (Mahler, 2002, 1982). A capacidade de explorar o ambiente de forma individual, de tolerar o estresse da separação e de se adaptar às novas situações varia muito de criança para criança e está associada ao papel

da mãe de facilitadora desses movimentos de separação (Bowlby, 1981; Mahler, 2002, 1982; Winnicott, 1974). A confiabilidade do ambiente possibilita que as experiências infantis de exploração possam ser, ao mesmo tempo, estimulantes e amedrontadoras. Sendo assim, os pais devem tomar todos os cuidados para não abalar a confiabilidade do ambiente (Balaban, 1988; Bowlby, 2004; Brazelton & Sparrow, 2003; Mahler, 2002, 1982; Mondarlo & Valentina, 1998; Moura & Gabassi, 1998; Winnicott, 2000; Saporoli, 1999).

A predominância do prazer e o ambiente de disponibilidade materna permitem à criança conter a ansiedade de separação, proporcionando um funcionamento individual (Mahler, 2002, 1982). Esta ansiedade e o medo são reações normais que surgem nas diferentes experiências de separação e de exploração (Bowlby, 2004). A qualidade e a quantidade das relações pai-mãe-primogênito tornam-se cada vez mais necessárias para um comportamento independente saudável, uma vez que facilitam os processos de pensamento da criança, o teste de realidade e o comportamento de enfrentar situações não-familiares (Mahler, 2002; 1982). Além disso, o desempenho dos pais em relação aos cuidados dos filhos e o reconhecimento do desejo e da necessidade destes de realizarem suas explorações denotam a disponibilidade e o respeito que os pais possuem acerca das experiências do filho (Bowlby, 2004).

Dessa forma, o relacionamento estabelecido com pai, mãe ou cuidadores contribui para o desenvolvimento emocional e comportamental da criança, bem como colabora para a sua jornada rumo à autonomia (Brazelton, 2002). A mãe, em especial, deve adaptar-se ao longo do processo de separação psicológica ou emocional, de modo a estabelecer uma interação favorável. Além disso, deve retomar a sua própria independência e reconhecer que a criança torna-se um indivíduo autônomo (Mahler, 2002; 1982; Winnicott, 1999, 2001). Esta separação, muitas vezes, é uma tarefa difícil para a mãe que não consegue se separar da criança com a mesma rapidez com que esta precisa ficar separada dela (Winnicott, 1960). Tendo em vista que o ambiente contribui para o desenvolvimento emocional e comportamental, bem como pode facilitar o processo de separação psicológica emocional da criança, é plausível supor que eventuais alterações decorrentes da chegada de uma segunda criança na família possam ter implicações diretas, sobretudo para os comportamentos de dependência e de independência do primogênito.

1.5 Justificativa e objetivo de pesquisa

Ainda que pesquisas tenham apontado a relação mãe-primogênito como reflexo de um contexto no qual os comportamentos de dependência e de independência podem ser estimulados ou não por ser seus cuidadores, há poucos estudos que investigaram tal temática quando a família aguarda a chegada de uma segunda criança. O campo científico apresenta, de modo geral, poucos estudos acerca do nascimento do segundo filho quando comparado às pesquisas sobre a chegada do primogênito. Além disso, chama atenção a escassez de investigações que enfoquem, especificamente, os comportamentos de dependência e de independência do primogênito e as percepções maternas sobre esses comportamentos no contexto de gestação de um segundo filho. Tal evidência é ainda mais acentuada no contexto brasileiro, em que as poucas pesquisas datam do final dos anos 1980 e início dos 1990.

O primogênito, de modo especial em idade pré-escolar, parece ser aquele que sofre maior impacto, uma vez que são sentidas mudanças na sua relação com os pais, sobretudo com a mãe (Teti & cols. 1996; Gottlieb & Baillies, 1995). As reações do primogênito e as mudanças na sua relação com a mãe dependem de inúmeros fatores, como características do ambiente familiar, da relação conjugal, da relação estabelecida entre os membros, das mudanças que acompanham a chegada desta nova criança, bem como das características pessoais do primogênito (Baydar & cols. 1997b; Dessen & Mettel, 1984; Dunn & cols. 1981; Gottlieb & Baillies, 1995; Kramer & Gottman, 1992; Teti & cols. 1996). De fato, os efeitos do nascimento de uma segunda criança não são generalizáveis (Baydar & cols. 1997b), uma vez que o processo de transição do primogênito para tornar-se um irmão pode ser facilitado se os pais forem hábeis em manter a rotina diária de cuidado e de atenção com o primogênito, bem como conservarem o engajamento social com que este já está acostumado (Kramer, 1996).

Contudo, os achados das pesquisas que tentaram compreender a forma pela qual o primogênito vivencia tal período do ciclo de vida familiar são ainda contraditórios, sobretudo no que diz respeito às questões de dependência e de independência. Se, por um lado, há maior comportamento de dependência e de imaturidade do primogênito, por outro, as pesquisas também mencionaram que nem toda criança experiencia esse momento como um evento estressor. Algumas crianças parecem responder

positivamente, apresentando sinais de crescimento e de comportamentos mais independentes. Com base na literatura revisada, foi verificado que novos estudos devem explorar ainda mais as questões de autonomia e dependência da criança (Gottlieb & Baillies, 1995), a fim de verificar se as alterações na interação estão associadas às mudanças do desenvolvimento ou, propriamente, à chegada de um irmão (Dunn & Kendrick, 1980).

É plausível supor que possíveis mudanças nas relações familiares podem abalar a confiabilidade do ambiente e repercutir nos comportamentos de dependência e de independência da criança. A investigação e o estudo de questões acerca das mudanças nas relações familiares e suas implicações para cada um dos membros são de fundamental importância para a compreensão do desenvolvimento humano. Identificar os pontos de transição familiar que podem acarretar mudanças são tarefas básicas da psicologia do desenvolvimento, que por sua vez, necessita da contribuição de áreas afins.

Assim, o objetivo do presente estudo é o de investigar especificamente os comportamentos de dependência e de independência do primogênito e as percepções maternas em relação a esses comportamentos no contexto de gestação do segundo filho. Para tanto, buscou-se considerar tanto o ponto de vista da criança quanto o ponto de vista materno, a fim de atingir uma maior compreensão a respeito dos comportamentos de dependência e de independência do primogênito no contexto de gestação de um irmão. Ponderar diferentes e importantes fontes de informação pode garantir a obtenção de um melhor entendimento acerca de um fenômeno a ser estudado (Stake, 1994).

CAPÍTULO II

MÉTODO

2.1 Participantes

Participaram deste estudo cinco primogênitos em idade pré-escolar, entre quatro e cinco anos, e suas respectivas mães, que se encontravam no terceiro trimestre de gestação do segundo filho. As participantes eram de nível socioeconômico variado, residentes na região metropolitana de Porto Alegre, casadas, sendo que o marido era o pai dos dois filhos.

Em termos de escolaridade, as mulheres variaram entre médio completo (n=1), superior incompleto (n=1) e superior completo (n=3). Em termos de *status* ocupacional, cabe destacar que todas as mães (n=5) do presente estudo trabalhavam e variaram de profissões classificadas como médio *status* (n=2) e alto *status* (n=3), de acordo com a Escala de Hollingshead (1975). Esta escala envolve a combinação de dois fatores, escolaridade e ocupação do pai e da mãe, para classificar o nível socioeconômico familiar de forma mais acurada.

Todos os participantes do presente estudo fazem parte de um projeto maior, intitulado *Estudo longitudinal sobre o impacto do nascimento do segundo filho na dinâmica familiar e no desenvolvimento emocional do primogênito* (Piccinini, Lopes, Rossato & Oliveira, 2005) realizado pelo Núcleo de Infância e Família (NUDIF), do Instituto de Psicologia da UFRGS². Este projeto objetiva investigar os aspectos subjetivos e comportamentais das relações pai-mãe-primogênito, bem como o impacto do nascimento do segundo filho no relacionamento familiar e no desenvolvimento emocional do primogênito.

O projeto longitudinal acompanhará cerca de vinte quatro famílias ao longo de dois anos, desde o último trimestre de gestação do segundo filho até os dois anos de vida deste. Até o momento foram coletados os dados de 20 famílias. As pesquisadoras contataram cinquenta e sete instituições da cidade de Porto Alegre, como creches (2/57), escolas de educação infantil (25/57) e em escolas de ensino fundamental (15/57), nas

² O grupo de pesquisa é coordenado pelos professores César Augusto Piccinini e Rita Sobreira Lopes. Estudantes do curso de mestrado do Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento da UFRGS compõem este grupo de pesquisa. Cada pesquisador foi responsável por contatar e realizar a coleta de dados de oito famílias durante a primeira fase do projeto.

quais o primogênito em idade pré-escolar estava matriculado. As famílias foram também selecionadas por meio de hospitais (7/57), unidades sanitárias de saúde quando a gestante fazia pré-natal (3/57) e por indicação (5/57).

Não houve intercorrências clínicas com a mãe ou com o bebê durante o período gestacional. O marido ou companheiro também foi convidado a participar do estudo, caso residissem juntos em situação matrimonial. Os participantes representavam configurações familiares intactas ou recasadas. Das famílias que participaram do projeto maior, cinco eram famílias recasadas e 15 eram do primeiro casamento.

O presente estudo considerou somente as famílias do primeiro casamento, em que pai, mãe e criança responderam a todos os instrumentos propostos pela Fase 1 do estudo maior. Além disso, também foi considerado como critério de inclusão para esta amostra o fato de o primogênito estar com quatro a cinco anos de idade na época da coleta de dados. De acordo com Cunha e Nunes (1993), crianças nessa faixa etária conseguem responder de forma clara e rica o Teste das Fábulas. Além disso, a seleção dos casos, pela pesquisadora, também foi realizada considerando a representatividade dos casos (Laville & Dionne, 1999).

A definição do número de participantes (cinco) se deve à sugestão de Barker, Pistrang e Elliot (1994) para o tamanho da amostra em pesquisas qualitativas. Conforme estes autores, a saturação dos dados pode ser atingida com amostras entre cinco e dez participantes quando se utiliza entrevistas ricas, com eixos temáticos nitidamente definidos.

A caracterização da amostra será apresentada na Tabela 1, a seguir:

Tabela 1. Dados demográficos dos participantes

| Caso | 01 | 02 | 03 | 04 | 05 |
|--------------------|---------------------|---------------------|-------------------|-------------------|-------------------|
| Mãe | Eva | Diana | Ana Laura | Claudia | Angela |
| Idade | 31 anos | 34 anos | 38 anos | 33 anos | 34anos |
| Profissão | Secretária | Vendedora | Psicóloga | Nutricionista | Prof. Inglês |
| Escolaridade | Ens. Médio Completo | Superior Incompleto | Superior Completo | Superior Completo | Superior Completo |
| Primogênito | Roberto | Marcos | Emanuela | Carine | Leila |
| Sexo | Masculino | Masculino | Feminino | Feminino | Feminino |
| Idade | 5 anos | 4 anos e 3 meses | 5 anos e 11 meses | 4 anos e 7 meses | 5 anos |
| Bebê | Evandro | Isadora | Ramos | Graziela | Paulo |
| Sexo | Masculino | Feminino | Masculino | Feminino | Masculino |
| Idade Gestacional | 36sem | 32sem | 26sem | 33sem | 37sem |
| Pai | Ricardo | Pablo | Ramiro | Ronaldo | Nilton |

Cabe ressaltar que foram atribuídos nomes fictícios aos participantes deste estudo. Além disso, procurou-se manter algumas especificidades quanto à atribuição dos nomes, por exemplo, nomes simples, primeira letra do nome quando possível.

2.2 Delineamento e procedimento

Foi utilizado um delineamento de Estudo de caso coletivo (Stake, 1994), com o objetivo de examinar as semelhanças e as particularidades sobre os comportamentos de dependência e de independência do primogênito, bem como as percepções maternas sobre esses comportamentos no contexto de gestação de um segundo filho. Esta estratégia de pesquisa permite investigar os comportamentos de dependência e de independência do primogênito em idade pré-escolar e de que forma esta criança, cuja mãe encontra-se grávida, está experienciando este momento do ciclo de vida familiar. Além disso, possibilita compreender de que forma a mãe percebe os comportamentos de dependência e de independência do primogênito nesse contexto.

O Estudo de caso considera aquilo que se pode alcançar a partir de uma única ocorrência, priorizando o entendimento de casos individuais (Stake, 1994). De acordo

com Stake (1994), o estudo de caso pode ser classificado em três tipos: intrínseco, instrumental e coletivo. O estudo de caso intrínseco é realizado a partir de um interesse individual do pesquisador em um caso específico, objetivando aprofundar o conhecimento acerca deste caso particular. O segundo tipo refere-se à investigação de um determinado fenômeno de pesquisa, a fim de permitir o entendimento de um problema ou o refinamento da teoria. Assim, o caso ocupa um papel secundário, mesmo sendo pesquisado em profundidade, uma vez que serve como suporte para o aprofundamento teórico. Por fim, o estudo de caso coletivo, utilizado pelo presente estudo e que possibilita investigar um fenômeno ou um conceito teórico a partir de vários casos. Este estudo de caso, por sua vez, permite identificar tanto o que é comum aos casos, quanto o que diz respeito especificamente a um único caso. Dessa forma, o estudo de caso coletivo pode conduzir a uma melhor compreensão sobre um fenômeno a partir de um número maior de outros casos.

O contato inicial com as famílias foi realizado por meio de instituições, conforme mencionado anteriormente, ou através de indicações. Inicialmente, os objetivos da pesquisa foram submetidos à avaliação das instituições contatadas e, quando houve concordância com a sua realização, uma pesquisadora entrou em contato com a família, convidando-a para participar do presente estudo. Cabe destacar que foram realizados três estudos pilotos, a fim de verificar a fidedignidade dos instrumentos propostos com os objetivos do projeto longitudinal maior.

As famílias que se dispuseram a fazer parte dessa primeira fase do projeto longitudinal preencheram a *Ficha de contato inicial* e foram convidadas a comparecer à universidade, em dia e horário agendados, para a realização dos demais procedimentos de coleta de dados. Houve também a possibilidade de os instrumentos serem coletados na residência, no local de trabalho ou nas instituições de contato. Neste primeiro encontro, a mãe foi solicitada a preencher a *Entrevista de dados demográficos* e a assinar o *Termo de consentimento livre e esclarecido*, o qual contemplou os objetivos da pesquisa, a garantia de direito ao sigilo e a opção por não fazer parte deste estudo no momento que desejasse.

Em seguida, foi solicitado que a mãe respondesse a *Entrevista sobre a gestação e as expectativas da gestante*, a *Entrevista com a mãe sobre o impacto da gestação do segundo filho na dinâmica familiar*, a *Entrevista sobre a experiência da maternidade (do terceiro ao quinto ano de vida do primogênito)* e a *Entrevista com a mãe sobre o desenvolvimento do primogênito (do terceiro ao quinto ano de vida do primogênito)*.

Ao pai, também foi solicitado que respondesse à *Entrevista sobre a gestação e as expectativas do pai*, a *Entrevista com o pai sobre o impacto da gestação do segundo filho na dinâmica familiar*, a *Entrevista sobre a experiência da paternidade (do terceiro ao quinto ano de vida do primogênito)* e a *Entrevista com o pai sobre o desenvolvimento do primogênito (do terceiro ao quinto ano de vida do primogênito)*. No primogênito foi aplicado o instrumento projetivo chamado Teste das Fábulas (Cunha & Nunes, 1993). A aplicação foi realizada nas escolas de educação infantil, em creches e na casa dos participantes, conforme a disponibilidade destes.

Cabe destacar que estas entrevistas tiveram uma estrutura, porém o entrevistador era orientado a explorar as respostas maternas e paternas, tendo sido acrescentadas questões à medida do necessário. As entrevistas foram gravadas em fita-cassete e gravador digital e transcritas para posterior análise.

Para fins de análise do presente estudo, foi utilizado somente o Teste das Fábulas com a criança e as seguintes entrevistas semi-dirigidas com a mãe: *Entrevista com a mãe sobre o impacto da gestação do segundo filho na dinâmica familiar* e a *Entrevista com a mãe sobre o desenvolvimento do primogênito (do terceiro ao quinto ano de vida do primogênito)*.

2.3 Considerações éticas sobre o estudo

Durante o processo de elaboração de uma pesquisa em ciências do comportamento deve-se respeitar os quatro referenciais básicos da bioética: autonomia, não maleficência, beneficência e justiça, conforme apontam as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa envolvendo Seres Humanos (Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde) e a Resolução no. 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia. No que se refere à pesquisa em psicologia, Barker, Pistrang e Elliot (1994) apontaram três princípios centrais que devem ser seguidos: consentimento livre e esclarecido, minimização de potenciais prejuízos ou privação de benefícios e garantia de confidencialidade e proteção de privacidade.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido refere-se à informação e ao esclarecimento dos principais objetivos e procedimentos do estudo, em linguagem clara e compreensível para que os participantes possam entendê-los, possibilitando a livre escolha de sua participação. Nesse documento constaram os objetivos da pesquisa, o esclarecimento de livre decisão a respeito de sua participação, e da garantia à confidencialidade e à privacidade. Foi também elucidada a possibilidade de o

participante retirar-se do estudo a qualquer momento que desejasse. O Termo de consentimento livre e esclarecido foi assinado em duas vias, uma cópia ficando com a pesquisadora e a outra com o participante. (cópia no Anexo A)

Quanto à minimização de potenciais prejuízos ou privação de benefícios, uma pesquisa só é eticamente válida no momento em que os benefícios forem maiores do que os possíveis prejuízos causados aos participantes. Este estudo foi considerado de risco mínimo, uma vez que não visou focar questões ansiogênicas nos participantes ou oferecer um serviço de acesso restrito, do qual apenas um grupo se beneficiasse em detrimento de outro. Houve o cuidado por parte dos pesquisadores de que se os participantes demonstrassem algum desconforto ou alguma reação emocional intensa durante os instrumentos utilizados, seria realizado encaminhamento para atendimento clínico, se necessário, na Clínica de Atendimento Psicológico da UFRGS, a qual disponibiliza atendimento emocional gratuito. Por fim, o terceiro princípio fundamental em pesquisa psicológica refere-se à garantia de privacidade e de confidencialidade dos participantes. A privacidade diz respeito ao direito de o participante não fornecer alguma informação ao pesquisador, enquanto que a confidencialidade concerne à garantia de que os dados coletados não serão compartilhados com outros pesquisadores, a menos que estes também garantam a proteção dos participantes. A presente pesquisa preservou estes dois direitos, uma vez que todos os dados serão mantidos no Instituto de Psicologia da UFRGS, com acesso restrito apenas aos pesquisadores do grupo, até que se esgotem as análises dos dados. Além disso, a pesquisadora colocou-se à disposição informando nome e telefone para responder a eventuais dúvidas a respeito da pesquisa.

Cabe salientar que o *Estudo longitudinal sobre o impacto do nascimento do segundo filho na dinâmica familiar e no desenvolvimento emocional do primogênito*, da qual a presente pesquisa faz parte, dispõe da apreciação institucional, regulamentada através da avaliação do Comitê de Pesquisa e Ética da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pela Resolução nº2004373. Esse estudo também foi considerado ético e metodologicamente adequado, de acordo com as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa envolvendo Seres Humanos (Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde).

2.4 Instrumentos e materiais

Foram utilizados os seguintes instrumentos para o presente estudo:

Ficha de contato inicial (NUDIF, 2005b): esta ficha é uma adaptação do instrumento

desenvolvido pelo GIDEP (Grupo de Interação Social, Desenvolvimento e Psicopatologia) e foi preenchida pela pesquisadora no primeiro encontro com a família, com o objetivo de selecionar possíveis participantes para a primeira fase do estudo longitudinal. Para tanto, foram investigados alguns dados gerais, como endereço, telefone para contato, idade da mãe e do companheiro, escolaridade, profissão, estado civil, idade e sexo do primogênito. Além desses dados, foram requeridas informações sobre a gestação, como tempo de gravidez, sexo do bebê, estado de saúde da gestante e do bebê durante o período puerperal e a data prevista para o nascimento. (cópia no Anexo B)

Entrevista de dados demográficos (NUDIF, 2005c): instrumento adaptado da *Entrevista de Dados Demográficos* elaborada pelo GIDEP (1998). Esta entrevista foi realizada com as famílias já selecionadas a partir dos dados encontrados na *Ficha de Contato Inicial* e visou confirmar dados anteriormente coletados, bem como obteve dados demográficos adicionais como, religião, tempo de trabalho, etnia e moradores da casa. (cópia no Anexo C)

Entrevista com a mãe sobre o impacto da gestação do segundo filho na dinâmica familiar (NUDIF, 2005d): este instrumento buscou examinar o impacto do nascimento do segundo filho na dinâmica familiar, a partir da perspectiva materna. Foram abordados temas sobre o dia-a-dia da família, os relacionamentos entre a família durante o período gestacional, o relacionamento conjugal, os relacionamentos com familiares e amigos, bem como a preparação feita com o primogênito pelos pais para a chegada do novo irmão. Dentre os pontos abordados nesta entrevista, assinala-se apenas o que interessa para o presente estudo: as percepções da mãe sobre os comportamentos de dependência e de independência do primogênito no seu relacionamento com a mesma no contexto de gestação do segundo filho. Foram destacadas questões da entrevista, que foram utilizadas para fins de análise do presente estudo: *Tu percebeste alguma mudança no comportamento do/a (nome) em relação a ti? O que aconteceu? Como tu te sentes com isto?* Caso o conteúdo investigado nestas questões aparecesse em outros momentos da entrevista eles eram também considerados para fins de análise. (cópia no Anexo D)

Entrevista com a mãe sobre o desenvolvimento do primogênito (terceiro ao quinto ano de vida do primogênito) (NUDIF, 2005e): Esta entrevista buscou examinar, a

partir da perspectiva materna, diferentes pontos relacionados aos comportamentos e ao desenvolvimento do primogênito. Diversos aspectos foram investigados na entrevista: as impressões da mãe a respeito do crescimento, do desenvolvimento, das habilidades e das características emocionais do primogênito. Dentre estes, assinalam-se os que interessam para o presente estudo: as percepções maternas acerca da alimentação, uso da mamadeira e chupeta, linguagem, hora do sono, hábitos de toalete e de higiene, reação à separação da mãe, dando especial atenção para os comportamentos de dependência e de independência nessas diversas áreas. Destaca-se algumas questões da entrevista, que foram utilizadas para fins de análise: *Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre: alimentação; uso do bico/chupeta; linguagem/fala; sono; controle do xixi e do cocô; cuidados e higiene pessoal (hora do banho, troca de roupa, escovação de dentes); Eu gostaria que tu falasses um pouquinho sobre os momentos em que o/a (nome) tem ficado longe de ti? Com quem ele/a é mais agarrado?* Caso o conteúdo investigado nestas questões aparecesse em outros momentos da entrevista eles eram também considerados para fins de análise. (cópia no Anexo E)

Teste das Fábulas (Cunha & Nunes, 1993): é uma adaptação da Fábula de Düss, desenvolvida por Luisa Düss, em 1940 na Suíça, e publicada em 1950 na França, sob a forma verbal. Este método projetivo verbal teve como objetivo examinar as respostas das crianças (Mazzeschi, Lis, Calvo, Vallone & Superchi, 2001). O Teste das Fábulas consiste em uma versão pictórica brasileira, desenvolvida e publicada por Cunha e Nunes em 1993. É um instrumento projetivo sensível para detectar conflitos relacionados ao desenvolvimento emocional infantil, como processo de separação-individuação, simbiose materna, rivalidade fraterna, conflitiva edípica, entre outros (Cunha & Nunes, 1993; Cunha, Werlang, Oliveira, Nunes, Alegre, Heineck & Silveira, 1989; Nunes, Cunha & Oliveira, 1990).

O Teste das Fábulas é um dos poucos instrumentos projetivos plenamente adequado para amostra de crianças pré-escolares (Cunha & cols. 1989). As técnicas projetivas são recursos utilizados para eliciar a emergência de material inconsciente nas respostas do sujeito. As historietas produzidas pelas fábulas apresentam situações-problemas que mobilizam questões passíveis de projeção (Cunha & Werlang, 1995). Foi aplicado o Teste das Fábulas em sua forma pictórica em todas as crianças da amostra do projeto longitudinal, de forma individual.

Para fins do presente estudo, foram selecionadas as crianças que possuíam entre

quatro e cinco anos de idade, na ocasião da realização da primeira fase de coletas de dados do projeto longitudinal, a fim de investigar os comportamentos de dependência e de independência de primogênitos. O objetivo de utilizar um instrumento projetivo não foi o de incluí-lo a um processo diagnóstico clínico, mas o de conhecer de que forma este primogênito está vivenciando este momento do desenvolvimento infantil, em termos de comportamentos de dependência e de independência em relação a sua mãe.

O teste na forma pictórica é constituído de doze lâminas com ilustrações adequadas a cada uma das dez fábulas e referentes a cada uma destas. Esta forma pictórica apresenta duas pranchas a mais que o número das fábulas, pois há duas alternativas de aplicação para a Fábula 4, em função da idade, e duas para a Fábula 8, em função do sexo da criança. O examinador conta as histórias das fábulas, anota as respostas e faz um inquérito cuidadoso para aprofundar as respostas fornecidas pela criança, quando for necessário. A versão pictórica é indicada para crianças entre três e oito ou nove anos de idade.

O Teste das Fábulas, na versão pictórica, é constituído por dois subgrupos de histórias (Fábulas 1, 2, 3 e Fábulas 6, 7, 8), que buscam investigar questões mais profundas. De acordo com Cunha e Nunes (1993), o primeiro subgrupo de histórias caracteriza-se por colocar o examinando em situações problema, cujos temas principais remeteriam à vida infantil, podendo mobilizá-lo afetivamente quando muito envolvido pelo conflito. Dessa forma, além de explorar temas específicos, este primeiro subgrupo oferece indícios do nível de frustração da criança pequena no momento da aplicação do teste.

Os dois subgrupos são intercalados pelas Fábulas 4 e 5 e são finalizados pelas Fábulas 9 e 10. Estas quatro fábulas possuem função catártica e de controle. O conteúdo das fábulas do primeiro e do segundo subgrupo, pode gerar sentimentos de frustração e mobilizar aspectos agressivos. É necessário, portanto, oferecer à criança histórias que a permitam dar vazão a sua hostilidade, ansiedade, culpa, desejos de morte e de autopunição. Para fins de análise do presente estudo, optou-se por utilizar somente as seguintes fábulas para entender os comportamentos de dependência e de independência do primogênito: F1, F2, F3, F5 e F10. A escolha das fábulas foi realizada considerando a oportunidade de aprendizagem (Stake, 1994) e de compreensão do fenômeno que se objetivou estudar a partir do conteúdo revelado nas histórias produzidas pelo primogênito. Apresenta-se a seguir uma descrição do conteúdo dessas Fábulas que compõe o instrumento, bem como os conflitos que cada uma delas busca explorar.

Fábula 1 (Fábula do Passarinho):

A Fábula 1 (Cunha & Nunes, 1993) descreve a história de uma família de passarinhos que estão dormindo em seu ninho, no galho de uma árvore. Após um vento muito forte, este ninho cai ao chão e os pais voam cada um para árvores diferentes. O filhote passarinho, que já sabe voar um pouquinho, encontra-se sozinho e deve tomar alguma atitude.

Para fins de análise, foram considerados comportamentos de independência as respostas em que as crianças indicaram reações dos filhotes passarinhos apresentadas independentemente do apoio, cuidado e presença das figuras parentais. Foram considerados comportamentos de dependência as respostas em que as crianças indicaram que o filhote passarinho foi ao encontro de uma figura de apoio. Além disso, foi considerado também como comportamento dependente quando as crianças indicaram que o passarinho necessitava de cuidados ou por ter caído do ninho ou por ter se machucado.

Fábula 2 (Fábula do Aniversário de Casamento):

A Fábula 2 (Cunha & Nunes, 1993) relata a história de uma criança que se retira da festa de aniversário de casamento de seus pais e vai ficar sozinho no fundo do quintal. As crianças devem indicar em suas repostas o motivo pelo qual o personagem da história tomou tal atitude.

O conteúdo desta fábula sugere que o personagem da história saia da festa de casamento de seus pais, indicando que há uma ordem por parte do instrumento. Para fins de análise do presente estudo, foi considerado comportamento independente da criança o fato de esta ter saído e permanecido fora da festa. Será considerado também comportamento independente quando o primogênito manifestou um impulso de retirar-se da festa para ficar sozinho no fundo do quintal.

Contudo, aquela criança que foi em busca de um dos progenitores ou que desejou voltar à festa ou ao ambiente familiar e/ou que retornou por algum motivo considerou-se comportamento dependente. Da mesma forma foi considerado comportamento dependente a criança que tomou alguma atitude, no caso, saiu da festa de aniversário de casamento, porém, ao mesmo tempo, forneceu indícios de que preferia não ter realizado tal comportamento.

Fábula 3 (Fábula do Cordeirinho):

O conteúdo da Fábula 3 (Cunha & Nunes, 1993) relata a história de um cordeirinho que fica todo o dia ao lado da mamãe e que apesar de já comer capim, ainda gosta muito de um bom leite quente. Certo dia surge um novo cordeirinho faminto, que não come capim, para a mamãe amamentá-lo. Como a mãe não pode alimentar os dois, pede que o cordeirinho mais velho vá comer capim, deixando o leite para o mais novo. A criança deve responder o que o cordeirinho mais velho fará.

Para fins de análise, foram considerados comportamentos de independência, quando a criança indicou que o cordeirinho maior apresentou uma atitude não dependente da figura materna. Nesse caso, a criança deveria ter apresentado um cordeirinho que conseguia alimentar-se sozinho, sem o apoio da mãe. No que tange à análise do comportamento de dependência, foram consideradas as respostas em que a criança indicava um cordeirinho que desejava a presença materna diante da ou para a realização de seu comportamento. Da mesma forma foi considerado como comportamento dependente quando a criança foi comer capim fresco, contudo, ao mesmo tempo, forneceu indícios de que preferia não ter realizado tal comportamento.

Fábula 5 (Fábula do Medo):

O conteúdo da Fábula 5 (Cunha & Nunes, 1993) consiste em uma descrição de uma situação em que o personagem da história está com medo. A criança deve responder qual é a causa do medo do personagem.

Para fins de análise do comportamento independente no presente estudo, foram consideradas aquelas respostas em que o personagem da história buscou encontrar formas de lidar com o que lhe causava medo de maneira independente dos pais, ou sozinho. Por outro lado, foram considerados comportamentos dependentes, as respostas em que as crianças sugeriram a presença física ou emocional de pelo menos um dos progenitores no enfrentamento da situação.

Fábula 10 (Fábula do Sonho Mau):

A Fábula 10 (Cunha & Nunes, 1993) consiste na descrição de uma história em que o personagem (uma criança) acorda muito cansada após ter tido um sonho mau. A criança que responde ao teste deve contar qual foi o sonho do personagem.

De forma semelhante à Fábula 5, para fins de análise do comportamento independente, foram consideradas aquelas respostas em que o personagem da história

buscou encontrar formas de lidar com o sonho mau de maneira independente dos pais, ou sozinho. Foram considerados como comportamentos dependentes as respostas em que as crianças sugeriram a presença física ou emocional de pelo menos um dos progenitores no enfrentamento da situação do sonho mau.

2.5 Análise dos dados

As transcrições literais de todas as entrevistas e os dados coletados a partir do Teste das Fábulas (Cunha & Nunes, 1993) foram submetidos à Análise Qualitativa de Conteúdo (Laville & Dionne, 1999; Bardin, 1977), a fim buscar semelhanças e particularidades entre as famílias que esperam o nascimento do segundo filho. Com base nessa técnica, o conteúdo das fábulas foi selecionado e organizado a partir da análise do comportamento de dependência e de independência do primogênito. No que tange às entrevistas realizadas com a mãe, as verbalizações foram selecionadas considerando as percepções maternas a respeito desses comportamentos da criança no contexto de nascimento de um segundo filho.

O processo de análise de conteúdo, conforme Bardin (1977), é composto por pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Como parte deste processo, foram construídas categorias de análise dos dados derivadas do conteúdo encontrado nas entrevistas e nas fábulas das crianças, dando ênfase para os comportamentos de dependência e de independência do primogênito, bem como para as percepções maternas sobre esses comportamentos. A classificação dos elementos em categorias propõe a investigação do que cada um dos elementos possui em comum (Bardin, 1977), permitindo o agrupamento entre os elementos.

A análise qualitativa de conteúdo prende-se à forma literal dos dados, buscando significações e diferentes características do conteúdo coletado, de modo que o pesquisador elabore a sua percepção sobre o fenômeno, guiado por essa percepção e pelo material coletado (Laville & Dionne, 1999). O princípio da análise de conteúdo consiste em extrair a estrutura e os elementos do conteúdo com o objetivo de esclarecer as diferentes características e significações. Em função disso, o pesquisador explora mais alguns temas do que outros. Dessa forma, podem surgir limitações ao caráter subjetivo das inferências do pesquisador, mas argumenta-se que toda análise abarca uma parte de interpretação, em que o pesquisador revela o que compreende dos resultados obtidos.

Na Análise de Conteúdo Qualitativa, o pesquisador atrela-se às nuances de sentido que existem entre as unidades de análise, devido às significações de conteúdo estarem justamente nas relações entre essas unidades (Laville & Dione, 1999). A partir disso, deve-se estar atento para realizar um processo transparente quanto aos procedimentos, explicando e justificando cada uma das etapas propostas. Essa transparência garante a objetivação dos dados, por mais que análise e interpretação se misturem e que as conclusões dificilmente sejam generalizáveis.

Os dados coletados foram classificados separadamente pela presente pesquisadora e por um juiz. Em caso de discordância, utilizou-se um terceiro juiz para a análise dos dados.

Nas fábulas das crianças, foram analisados os dados provenientes das fábulas F1³, F2, F3, F5 e F10, conforme mencionado anteriormente. Foram privilegiadas estas fábulas em função de permitirem a análise e a compreensão do comportamento independente e dependente indicado pelo primogênito. O conteúdo dessas fábulas pode suscitar diferentes reações e comportamentos na criança. O modo como esta reage frente a essas diferentes situações pode indicar a forma como a criança encontra soluções no mundo.

Nas entrevistas realizadas foram selecionados trechos de falas em que as mães sugeriram suas percepções a respeito dos comportamentos de dependência e de independência em diversas áreas do desenvolvimento do primogênito no contexto de espera de um segundo filho. Além disso, foram observadas as percepções maternas sobre esses comportamentos no relacionamento mãe-primogênito. Foram considerados comportamentos independentes quando a criança realizava atividades de forma mais independente do apoio e da presença física dos cuidadores, ainda que com ou sem orientação materna. Além disso, foram considerados independentes aqueles comportamentos que as crianças deixaram de realizar em algum momento do seu desenvolvimento, como utilização do bico, mamadeira, entre outros.

Por outro lado, foram considerados comportamentos dependentes, os realizados por aquelas crianças que necessitavam que os cuidadores realizassem as suas próprias atividades do cotidiano. Além disso, foi também considerado comportamento dependente reações da criança mencionadas como regressivas pela mãe, ou seja,

³ Cabe destacar que serão utilizadas, no decorrer deste trabalho, as abreviações “F” para indicar Fábula e “(P)” para designar alguma pergunta realizada pelo examinador durante a aplicação do teste projetivo.

comportamentos que a criança havia retornado a apresentar e que já havia deixado de realizar em algum momento do seu desenvolvimento.

Cabe destacar que, tanto no instrumento projetivo realizado com a criança, quanto nas entrevistas aplicadas na mãe, as respostas, que indicavam, ora comportamentos independentes, ora comportamentos dependentes da figura materna, foram consideradas como sugerindo um padrão oscilatório de comportamento. É importante mencionar também que o conteúdo das fábulas das crianças e os relatos das entrevistas realizadas com a mãe foram apresentados no decorrer do presente texto em itálico e entre aspas.

CAPÍTULO III

RESULTADOS

Os resultados serão apresentados conforme os objetivos propostos pelo presente estudo. As análises dos comportamentos de dependência e de independência do primogênito, bem como das percepções sobre esses comportamentos no contexto de gestação de um segundo filho serão abordadas separadamente. Para tanto, a fim de promover uma melhor compreensão dos dados analisados serão exibidos os aspectos singulares de cada caso, separando-os em dois eixos temáticos, conforme os objetivos propostos pelo presente estudo⁴.

O primeiro eixo, intitulado *Os comportamentos de dependência e de independência do primogênito em idade pré-escolar*, consiste na análise do conteúdo revelado por cada primogênito. Será dada ênfase apenas aos seus comportamentos de dependência e de independência, a partir do instrumento projetivo utilizado.

O segundo eixo temático foi intitulado *Percepções maternas sobre os comportamentos de dependência e de independência do primogênito no contexto de gestação de um segundo filho*. Esse eixo refere-se ao relato materno acerca dos comportamentos de dependência e de independência do primogênito em algumas áreas do desenvolvimento infantil, como alimentação, uso de mamadeira e de chupeta, comunicação e linguagem, hora do sono, controle dos esfíncteres e hábitos de higiene e de limpeza. Além disso, esse segundo eixo explora as percepções maternas sobre os comportamentos de dependência e de independência no relacionamento com a mãe. As categorias que compõem esse eixo temático são: 1. *Percepções maternas sobre os comportamentos de independência e de dependência em algumas áreas do desenvolvimento infantil*; 2. *Percepções maternas sobre os comportamentos de dependência e de independência do primogênito no relacionamento com a mãe*. Será também apresentado um entendimento de cada caso, associando os conteúdos revelados pelas fábulas e os relatos maternos.

⁴ Os resultados podem ser também visualizados por meio de tabelas nas páginas 103 e 104, no Capítulo IV – Discussão.

3.1 Caso 1 – Eva e Roberto

Roberto possuía cinco anos de idade, é filho de Eva, de 31 anos, e Rogério, de 34. Os pais trabalhavam turno integral e saíam às seis horas da manhã de casa, com Roberto ainda adormecido. Deixavam o filho na avó materna e, por volta das oito horas da manhã, Roberto ia para a escola de transporte escolar. Às 17hs um dos pais o buscava. A coleta de dados foi realizada quando a mãe encontrava-se com 36 semanas de gestação de Evandro.

Os comportamentos de dependência e de independência do primogênito em idade pré-escolar

Este primeiro eixo temático consiste na análise do conteúdo das histórias produzidas a partir do Teste das Fábulas. A análise desse instrumento projetivo dará ênfase apenas aos comportamentos de dependência e de independência indicados pelo primogênito. Conforme mencionado no Capítulo II, serão privilegiadas as fábulas F1, F2, F3, F5 e F10, em função de permitirem a análise e a compreensão desses comportamentos. A seguir, será apresentada a análise de conteúdo das fábulas elaboradas por Roberto.

Fábula 1 – Fábula do Passarinho

“Eu acho que ele vai voar. (P) Eu acho que vai. (P) Vai lá onde a mamãe dele está indo. (P) Ele caiu no chão e machucou a pata, a asa, daí não conseguiu voar. (P) Acabou. (P) Se sentiu bem. Ele cresceu e ficou feliz para sempre”.

Inicialmente, Roberto indicou que o filhote passarinho, frente ao vento muito forte que derrubou o ninho em que sua família dormia, apresentou um comportamento independente, visto que foi voar *“Eu acho que ele vai voar. (P) Eu acho que vai (P)”*. Contudo, em seguida, Roberto mencionou que o filhote passarinho voou ao encontro da mamãe, revelando um comportamento dependente da figura materna *“Vai lá onde a mamãe dele está indo”*. Roberto indicou ainda que o filhote passarinho caiu no chão, machucando-se, não conseguindo mais voar *“Ele caiu no chão e machucou a pata, a asa, daí não conseguiu voar. Acabou”*. Através dessa verbalização, Roberto mostrou um passarinho em uma situação de maior vulnerabilidade e dependência de cuidados da figura materna. Ao final da fábula, Roberto, novamente, indicou um comportamento

independente, na medida em que fez referência ao crescimento do passarinho “(P) *Se sentiu bem. Ele cresceu e ficou feliz para sempre*”.

É possível apontar que Roberto indicou que o passarinho apresentou um padrão oscilatório de comportamento, ora mostrando-se independente, ora dependente da figura materna. Por um lado, o personagem da história mostrou-se, dependente na medida em que buscou a figura materna, necessitando de seus cuidados. Por outro, sugeriu um comportamento independente, visto que, em um primeiro momento, foi voar sem o auxílio e o apoio da figura materna. Além disso, Roberto também indicou em seu desfecho referência ao crescimento do personagem da história.

Fábula 2 – Fábula do aniversário de casamento

“Acho que vai subir lá no telhado. (P) Acho que ele vai pular pra árvore pro telhado e por último na nuvem, daí pula na nuvem e vai pra casa. (P) Porque ele quis. (P) Se sentiu bem. (P) Daí cresceu do tamanho do pai e da mãe, daí ficou feliz pra sempre”.

Roberto sugeriu que o personagem da história saiu da festa de casamento de seus pais, conforme proposto pela fábula *“Acho que vai subir lá no telhado. (P) Acho que ele vai pular pra árvore, pro telhado e, por último, na nuvem, daí pula na nuvem e vai pra casa. (P)”*. O fato de ter saído da festa por vontade própria e de ter desejado crescer como os pais pode sugerir um comportamento independente manifestado pelo personagem da história *“Porque ele quis. (P) Se sentiu bem. (P) Daí cresceu do tamanho do pai e da mãe, daí ficou feliz pra sempre”*.

É possível apontar que Roberto indicou que o personagem da história apresentou um padrão de comportamento predominantemente independente. Embora o conteúdo proposto pela fábula sugira que o personagem saia da festa de casamento, é importante considerar que Roberto não indicou um personagem que tenha retornado à festa por algum motivo, mas que desejou sair dela por vontade própria e assim o fez. Outro aspecto que sugeriu um comportamento independente foi o fato de Roberto ter mencionado que a criança cresceu do tamanho da mãe e do pai.

Fábula 3 – Fábula do cordeirinho

“Eu acho que vai comer capim. (P) Bem. Cresceu que nem a mãe e o pai. Daí ficou feliz pra sempre”.

O conteúdo da Fábula 3 revelou que Roberto, identificando-se com o personagem herói da história, apresentou um comportamento independente da figura materna, visto que o cordeirinho foi comer capim fresco *“Eu acho que vai comer capim”*. Roberto indicou ainda uma referência ao crescimento do cordeirinho, da mesma forma que a mãe e o pai *“Cresceu que nem a mãe e o pai”*.

É possível considerar que Roberto indicou um desejo de crescimento, ocupando uma posição menos dependente dos cuidados maternos. O primogênito apresentou um padrão de comportamento predominantemente independente da figura materna frente à necessidade de compartilhar os seus cuidados.

Fábula 5 – Fábula do Medo

“Do bicho papão. (P) Ela se assusta daí corre, daí vai pra escola dele, o pai dele vai pro trabalho e a mãe também. Ele vai pra rua por último. (P) Ele vai pra escola. (P) Faz os trabalhos com as crianças e o pai busca. Daí ele matou o bicho papão e ficou feliz pra sempre”.

Roberto indicou que o personagem da história sugeriu um comportamento independente, visto que foi para a escola sozinho, indicando um modo de lidar com o que lhe causava medo *“Do bicho papão. (P) Ela se assusta daí corre, daí vai pra escola dele, o pai dele vai pro trabalho e a mãe também. Ele vai pra rua por último. (P) Ele vai pra escola. (P) Faz os trabalhos com as crianças e o pai busca”*.

O primogênito também indicou nesta Fábula 5 que alguém matou o bicho papão. Contudo, não é possível apontar quem de fato matou o bicho papão, se foi o personagem herói da história ou se foi o pai da criança *“Daí ele matou o bicho papão e ficou feliz pra sempre”*. Pode-se mencionar apenas que a presença paterna foi associada à morte do bicho papão, sugerindo um comportamento dependente do personagem da história.

Através do conteúdo mencionado por Roberto, é possível perceber que o personagem encontrou uma solução para o que lhe causava medo sem a ajuda dos pais, uma vez que estes foram para o trabalho e a criança foi para a escola por último,

encontrando os pais somente depois. Esta solução do personagem da história sugeriu um comportamento independente das figuras parentais.

É importante observar que não ficou claro no inquérito da administração do teste se quem matou o bicho papão foi a própria criança, ou se foi o pai logo que a buscou da escola. Contudo, é possível dizer, de acordo com o conteúdo revelado, que a presença do pai foi associada à morte do bicho papão, sugerindo um comportamento dependente por parte do personagem da história. Nesse caso, é possível apontar que houve uma oscilação de comportamento, ora indicou um personagem independente, ora sugeriu dependência da figura parental diante de uma situação de medo.

Fábula 10 – Fábula do sonho mau

“Eu gosto de dormir. Eu acho que é uma bruxa Queca que cozinha ele e comeu. (P) Daí ele acordou assustado, tomou café da manhã e foi pra aula. Daí o pai dela e a mãe dela buscaram ela, dormiram, daí ficaram felizes para sempre. Não tinha mais sono. Acabou”.

Roberto indicou que o personagem da história apresentou um comportamento independente diante de um sonho mau, uma vez que foi para a escola e não buscou, em um primeiro momento, a ajuda dos pais *“Eu gosto de dormir. Eu acho que é uma bruxa Queca que cozinha ele e comeu. (P) Daí ele acordou assustada, tomou café da manhã e foi pra aula”*. Contudo, é possível apontar que Roberto também indicou que a criança sugeriu, ao final da história, um comportamento dependente das figuras parentais, visto que encontrou uma forma de estes se aproximarem do filho, buscando-o na escola *“Daí o pai dela e a mãe dela buscaram ela, dormiram, daí ficaram felizes para sempre. Não tinha mais sono. Acabou”*.

É possível perceber que Roberto indicou um padrão oscilatório de comportamentos do personagem da história, ora sugerindo um comportamento independente, ora de dependência das figuras parentais. Em um primeiro momento, Roberto indicou que a criança, mesmo assustada, foi para a escola. Somente depois de seu retorno, a criança obteve o apoio dos pais.

Síntese da análise dos comportamentos de dependência e de independência de Roberto

É possível perceber, a partir da análise das fábulas exploradas no presente estudo, que Roberto indicou que o personagem apresentou mais comportamentos independentes do que dependentes. Dentre os conteúdos revelados pelas cinco fábulas, duas sugeriram um padrão de comportamento predominantemente independente (F2 e F3) e três fábulas (F1, F5 e F10) indicaram um padrão oscilatório de comportamento.

Dentre as fábulas em que predominaram comportamentos independentes, cabe destacar que Roberto sugeriu que o personagem da história realizou tais comportamentos por vontade própria e também manifestou um desejo de crescimento da mesma forma que o papai e a mamãe. Embora o conteúdo da F2 sugira, em um primeiro momento, que a criança saia da festa de aniversário de casamento de seus pais, é importante considerar que Roberto não indicou motivos para o personagem retornar à festa, sugerindo um comportamento independente.

Cabe destacar alguns aspectos, as fábulas em que Roberto manifestou um comportamento oscilatório (F1, F5 e F10). Considerando a temática explorada pela F1, é possível apontar que Roberto, diante de uma situação de crise familiar ou de abandono, indicou, inicialmente, um comportamento independente. Em seguida, mostrou também um passarinho em situação de vulnerabilidade e de dependência dos cuidados da figura materna, na medida em que indicou que o personagem caiu no chão e machucou a pata, não conseguindo voar. Embora não tenha mencionado se houve um cuidado por parte da mamãe e do papai, Roberto sugeriu um filhote indefeso, fraco e vulnerável, mais dependente dos cuidados maternos. Contudo, ao final da história, apresentou um comportamento independente, na medida em que fez referência ao crescimento.

É possível dizer ainda que na F5, o primogênito, mesmo assustado, foi para a escola, realizou suas tarefas escolares, sugerindo um comportamento independente. Tendo em vista que o conteúdo revelado pela F5 possa estar associado ao modo como a criança reage frente a uma situação que lhe causa medo, bem como à percepção que esta possui acerca da disponibilidade parental, é possível notar que Roberto, em um primeiro momento, enfrentou a situação sem o auxílio parental, sugerindo um comportamento independente. Ainda que não tenha ficado claro quem matou o bicho papão, é possível dizer que a sua morte foi associada à presença paterna. Nesse caso, entende-se que

Roberto sugeriu um comportamento dependente ao final da história. Assim, o conteúdo revelado na F5 sugeriu um padrão oscilatório de comportamento.

Além disso, cabe mencionar que nas F1, F2 e F3 Roberto indicou uma referência de crescimento. A temática dessas fábulas exige, entre outros aspectos, que a criança indique a forma de enfrentamento utilizada diante da realidade externa e a necessidade de manejar sua condição de dependência. Dessa forma, é possível apontar que Roberto indicou que o personagem da história poderia estar ocupando uma posição menos dependente dos cuidados parentais, sugerindo um comportamento independente naquele momento.

Percepções maternas sobre os comportamentos de dependência e de independência do primogênito no contexto de gestação de um segundo filho

Este segundo eixo temático refere-se ao relato materno acerca dos comportamentos de dependência e de independência do primogênito em algumas áreas do desenvolvimento infantil e do relacionamento mãe-primogênito. As categorias que compõem esse eixo temático são: *1. Percepções maternas sobre os comportamentos de independência e de dependência em algumas áreas do desenvolvimento infantil; 2. Percepções maternas sobre os comportamentos de dependência e de independência do primogênito no relacionamento com a mãe.*

1. Percepções maternas sobre os comportamentos de independência e de dependência em algumas áreas do desenvolvimento infantil

O relato materno indicou que, nesse momento, o primogênito apresentava um comportamento dependente do cuidado e da atenção da mãe no que diz respeito a algumas áreas do desenvolvimento infantil. No que se refere à alimentação, de acordo com a mãe, Roberto costumava alimentar-se sozinho, contudo quando estava cansado, a mãe lhe oferecia a comida “*Ele come sozinho, mas às vezes, se ele está cansado, aí eu digo pra ele, ‘tu quer que a mãe te dê’, daí eu dou*”. Estes comportamentos mencionados pela mãe sugeriram que ora Roberto apresentava comportamentos independentes, ora mostrava-se dependente dos cuidados maternos, indicando um padrão oscilatório de comportamento. É possível mencionar, ainda, que a mãe, no que se refere à alimentação, pareceu ter estimulado a dependência do filho, na medida em que oferecia espontaneamente a comida para a criança.

A mãe mencionou que Roberto ainda utilizava a mamadeira e a chupeta, sugerindo um comportamento dependente “*Mama na mamadeira e usa a chupeta (...) bico não tem jeito de tirar, eu disse ‘vou deixar o guri chorando, sofrendo’, até porque eu fico com pena na verdade porque eu fico longe o dia todo (...) não sei se é uma maneira de ele suprir a carência dele, vem o cheiro junto com o bico, daí ele fica cheirando*”. A mãe acreditava que estes hábitos consistiam em uma forma de o filho suprir sua carência, já que a mãe e o pai ficavam longe o dia todo. Não houve mudança em relação à utilização do bico por parte de Roberto ao longo da gestação materna “*Não, ele sempre gostou [do bico], nem mais nem menos*”. A partir da fala materna, é possível apontar ainda que a mãe estava pressionando Roberto a comportar-se de modo independente, uma vez que desejava que o filho largasse o bico após ter feito cinco anos “*Mas agora a gente está pegando mais no pé dele pra ele largar o bico, que ontem ele fez cinco anos e a gente falou, ‘quando fizer cinco anos tem que largar’, mas não teve jeito, ele quer chupar, não adianta*”. Nesse caso, é possível dizer que a mãe parecia indicar uma ambivalência em relação a essas áreas do desenvolvimento. Se, por um lado, a mãe não queria tirar o bico e a mamadeira para não deixar o filho chorando e sofrendo, por outro, exigia que este largasse, visto que já havia completado cinco anos de idade.

Quanto à linguagem, o relato materno indicou que Roberto apresentava um comportamento independente, uma vez que a comunicação estava bem “*Eu acho que está super bem [comunicação, linguagem], está compatível com a idade dele*”. Além disso, a mãe apontou que não houve alteração nesse comportamento ao longo da gestação do segundo filho “*Não, não mudou nada [na fala dele depois da gestação]*”.

Com relação à hora de dormir, a mãe também indicou que Roberto apresentava ora comportamento independente, na medida em que dormia em seu quarto, ora comportamento dependente, quando solicitava para ficar na cama de seus pais. Quando Roberto conseguia dormir em seu quarto, de madrugada acordava e chamava por seus pais para que pudesse ir para a cama destes “*Às vezes acontece de fugir aqui pra nossa cama de madrugada, geralmente ele chama pra vir pra cá (...) quando eu vou dormir é um problema, ele dorme aqui no nosso meio*”. Diante de tal comportamento dependente do filho, a mãe mencionou que preferia levá-lo para a cama dela do que perder tempo de sono brigando com ele para que fosse para sua cama “*Eu pego e ‘ah, deixa ele vir já’, porque vai ser menos tempo que eu vou dormir, ficar brigando com ele não adianta*”. O relato materno indicou que Roberto apresentava um padrão oscilatório de

comportamentos no momento do sono, ora mostrando-se independente, ora colocando-se de modo mais dependente da presença dos pais. Diante desse padrão oscilatório de comportamento na hora de dormir, o relato pareceu indicar que a mãe estimulava os comportamentos de dependência do filho.

A mãe apontou ainda que, em função da gestação do segundo filho, houve algumas mudanças na organização da hora de dormir da família *“Lógico que agora no final da gravidez algumas coisas mudaram. O Ricardo pega esse colchão aqui, põe nesse espaço, deita aqui e eu e o Roberto ficamos ali [na cama], porque não dá pros três ali”*. É possível apontar que, nesse momento, a mãe estava instigando os comportamentos de dependência de seu filho, ao manter esse hábito.

No que diz respeito aos hábitos de higiene e de toailete, é possível indicar, a partir do relato materno, que Roberto apresentava um comportamento dependente, visto que fazia suas necessidades fisiológicas e chamava os pais para a realização da higiene assim que terminava *“Ele fica no vaso fazendo cocô, fica brincando com os bonecos, fecha a porta e ele chama na hora que terminar”*. Ainda que a mãe tenha mencionado que Roberto era tranquilo quanto à questão do controle do xixi e do cocô, tinha uma expectativa de que a chegada do irmão não alteraria os comportamentos do filho, no sentido de que Roberto apresentasse algum comportamento mais regressivo *“Até a gente ouve falar que quando vem irmãozinho volta a fazer cocô nas calças, daí briga, mas acho que isso não vai acontecer com ele, ele é bem tranquilo”*.

O relato materno indicou também que Roberto apresentava um comportamento dependente das figuras parentais na hora do banho, visto que os pais costumavam estar presentes na realização das atividades de cuidado do filho *“A hora do banho é um estresse, ele não gosta de tomar banho, nunca gostou de tomar banho, é muito estressante dar banho nele. (...) Quando estão os dois em casa, um dá banho e o outro seca e ele que escolhe quem vai dar banho e quem vai secar ele”*.

2. Percepções maternas sobre os comportamentos de dependência e de independência do primogênito no relacionamento com a mãe

A partir do relato materno, é possível indicar que Roberto apresentou um comportamento dependente, sobretudo da figura materna, ao longo da gestação do segundo filho. A mãe mencionou que houve uma mudança no relacionamento com o seu filho. Roberto estava mais próximo, mais carinho e atencioso com a mãe nesse momento do seu desenvolvimento *“Ele está bem mais próximo de mim, mais carinhoso,*

atencioso. Antes o pai dele saía pra rua, ele sempre ia com o pai, agora ele está começando a ficar mais comigo. Se eu vou pra um lado, sei lá, pro supermercado, ele prefere às vezes ficar comigo. Antes era sempre com o pai dele”.

Essa maior proximidade mobilizou sentimentos de felicidade, contentamento e satisfação da mãe frente à mudança de comportamento do filho. A mãe mencionou ainda que Roberto passou de um maior apego somente com a figura paterna para uma maior proximidade também com ela *“Eu fico feliz, porque (...) ele sempre foi apegado mais ao Ricardo e eu não acho isso muito natural, eu acho mais natural o filho sempre ser apegado mais à mãe, e daí eu fico mais contente, mais satisfeita”*. Esta mudança foi caracterizada pela mãe como um aspecto positivo, uma vez que uniu a família e, sobretudo, a relação mãe-filho *“Se mudou alguma coisa foi para melhor, eu acho que a gente está bem unido, bem junto”*.

A mãe também percebeu que houve uma mudança de comportamento de Roberto em relação a ir à escola. Roberto estava querendo ficar com a mãe e com o pai *“Ele choraminga, dá umas choramingada na escola, quer ficar com a mãe, com o pai, quer ir lá pra outra escola. Como eu te falei ele mudou de escola em abril, na outra não acontecia isso, agora está acontecendo, eu não sei se tem a ver com o nenê também ou se só mesmo por causa da mudança da escola”*. A mãe pareceu estar em dúvida se essa alteração no comportamento de Roberto de querer ficar com a mãe e o pai se devia à mudança de escola ocorrida no início do ano ou se em função do nascimento do irmão.

Outro aspecto que é possível apontar, a partir do relato materno, foi a exigência com conotação de ameaça por parte da mãe quanto ao comportamento de Roberto depois que o bebê nasceu. A mãe disse a Roberto que se ele se comportasse bem, poderia ficar em casa com ela e com o bebê no período da manhã, caso contrário passaria o dia todo na escola *“Se ele me ajudar, eu já expliquei pra ele, que eu vou ter que cuidar sempre primeiro do nenê, quando o nenê chorar, porque o nenê não sabe falar, daí eu vou ficar com ele em casa, eu vou mandar o Roberto pra escola só à tarde, mas ele vai ter que me ajudar, então a gente está começando a conversar sobre isso. Se ele se comportar bem comigo e com o nenê ele vai ficar em casa comigo de manhã. Mas, se não, ele vai pra escola”*. O relato materno pareceu indicar que a mãe estimulava o crescimento e o desenvolvimento do filho no contexto de gestação de um irmão.

Síntese das percepções maternas sobre os comportamentos de dependência e de independência de Roberto no contexto de gestação de um segundo filho

É possível notar que as percepções maternas sobre os comportamentos de Roberto apontaram para uma maior dependência do que independência. O relato materno indicou que Roberto apresentava comportamentos de dependência, tanto nas áreas do desenvolvimento infantil exploradas no presente estudo, quanto no relacionamento com a mãe.

As verbalizações maternas indicaram que Roberto apresentou comportamentos predominantemente dependentes dos cuidados parentais, nas seguintes áreas: uso da mamadeira e da chupeta, hábitos de toalete e na hora do banho. Na hora da alimentação e do sono, Roberto apresentava comportamentos oscilatórios, ora manifestando comportamentos independentes, ora mostrando-se mais dependente do cuidado, da presença e da atenção dos pais, sobretudo da mãe. Somente quanto à linguagem que Roberto apresentava um comportamento independente.

No que se refere à utilização do bico, é possível apontar que a mãe pareceu ambivalente em relação aos comportamentos de dependência de Roberto. Se, por um lado, a mãe mencionou que não queria deixar o filho chorando e sofrendo ao ter que tirar tal hábito, por outro, também estava pressionando-o para que largasse. Houve uma exigência materna de que pelo fato de haver feito cinco anos, deveria deixar de usar o bico.

É importante observar também que nas duas áreas do desenvolvimento (alimentação e hora do sono) em que a mãe indicou um padrão oscilatório de comportamento, mencionou que ela própria acabava estimulando a dependência do filho. Na medida em que o filho estava cansado ou que solicitava ir para a cama dos pais, a mãe referiu que ou dava a alimentação em sua boca, ou o trazia para sua cama, sem que houvesse contestação para que não perdesse tempo de sono. Assim, o relato materno indicou que a mãe, em algumas situações, estimulava os comportamentos de dependência do filho mais velho.

No que se refere ao relacionamento com a mãe, é possível apontar que Roberto apresentava também um comportamento dependente. Naquele momento, a mãe percebeu que o filho estava mais próximo, mais carinhoso e atencioso com ela. Este comportamento de maior dependência foi avaliado pela mãe como algo positivo, que lhe mobilizava sentimentos de felicidade, contentamento e satisfação.

Contudo, também é possível perceber que houve uma exigência com conotação de ameaça por parte da mãe de que o filho se comportasse de modo mais crescido e se comportasse bem depois que o irmãozinho nascesse. Se isso acontecesse, Roberto passaria a ficar em casa no período da manhã, com a família, caso contrário iria para a escola.

Entendimento do Caso_01 Eva e Roberto

É possível indicar, a partir dos conteúdos revelados por Roberto e do relato materno, alguns aspectos referentes aos comportamentos de dependência e de independência do primogênito, cuja mãe encontrava-se no terceiro trimestre de gestação do segundo filho. Nas histórias produzidas pelo Teste das Fábulas, Roberto indicou maior referência a um padrão oscilatório de comportamento quando comparado aos comportamentos de independência e de dependência. Por outro lado, o relato materno indicou que Roberto apresentava comportamentos dependentes da figura materna, tanto nas áreas do desenvolvimento infantil, quanto no relacionamento com a mãe.

No que tange ao instrumento projetivo, é possível perceber que em duas fábulas (F2 e F3) Roberto sugeriu comportamentos independentes. Em três (F1, F5 e F10), houve um padrão oscilatório de comportamento, ora exibindo comportamentos independentes, ora manifestando reações mais dependentes das figuras parentais, sobretudo da mãe.

Cabe destacar que Roberto apresentou, na F1, um personagem indefeso, fraco e vulnerável, que necessitava dos cuidados maternos. É importante mencionar também que Roberto indicou referência de crescimento do personagem em três fábulas (F1, F2 e F3). Observou-se ainda que em duas das fábulas em que predominou o padrão oscilatório de comportamento (F5 e F10), a criança indicou que o personagem, embora assustado, foi para a escola, realizou suas atividades escolares, e encontrou os pais somente ao final do dia. Os conteúdos revelaram que houve um desfecho das histórias produzidas pela criança sugerindo comportamentos de dependência.

No que se refere ao relato materno, é possível mencionar que, diferentemente do conteúdo revelado nas fábulas por Roberto, a mãe indicou que o filho apresentava comportamentos dependentes, naquele momento, tanto nas áreas do desenvolvimento infantil, quanto no relacionamento com a mãe. Roberto estava apresentando-se mais carinhoso, próximo e dependente da mãe ao longo da gestação. Esta maior demanda e proximidade de Roberto era percebida como algo positivo que mobilizava sentimentos

de felicidade e de satisfação materna, uma vez que Roberto era mais apegado ao pai antes da gravidez.

Contudo, observou-se uma exigência por parte da mãe de que o filho se comportasse de maneira mais independente. Ao completar cinco anos de idade, a mãe estava exigindo do filho que largasse o bico. Além disso, estava solicitando que Roberto se comportasse bem após o nascimento do bebê. Caso isso não ocorresse, a mãe passaria a levá-lo à escolinha em período integral. Estas exigências maternas podem estar associadas ao fato de Roberto ter desejado crescer (F1 e F3) e ter indicado mais comportamentos independentes no conteúdo de suas histórias.

Considerando o cotidiano de vida de Roberto, é possível entender o fato de ter predominado um padrão oscilatório de respostas no instrumento projetivo. Os pais trabalhavam em turno integral e saíam cedo da manhã, deixando Roberto, ainda adormecido, na casa da avó materna. Por volta das oito horas, a criança ia para a escolinha de educação infantil, sozinha, de transporte escolar e ao final do dia um dos pais o buscava. Nesse sentido, pode-se dizer que o contexto familiar e o cotidiano de vida exigem de Roberto manifestações de comportamentos independentes das figuras parentais, ainda que tenha sugerido dependência em algumas situações.

Tendo em vista tais aspectos, pode-se compreender que as fábulas indicaram o modo como Roberto costumava encontrar soluções no seu dia-a-dia, bem como a percepção que possuía acerca da disponibilidade parental frente a situações difíceis. É possível que Roberto estivesse apresentando comportamentos independentes durante a ausência parental, na medida em que ficava a maior parte do tempo de seu dia sozinho. Entretanto, quando a mãe estava presente ou mais disponível, pôde-se observar que Roberto ocupava uma posição dependente, conforme indicado pelo relato materno, e até mesmo, de maior vulnerabilidade e de indefesa, como apontado também pela F1. Ao ocupar essa posição, a criança acabava demandando dos pais, sobretudo da mãe uma maior necessidade de cuidado e de atenção. Nesse sentido, é possível apontar que o fato de Roberto ter se colocado numa condição de dependência dos cuidados maternos (F1 e F10), pode estar associado ao relato materno de maior dependência e necessidade de cuidados e de proximidade em algumas áreas do desenvolvimento infantil e no relacionamento com a mãe.

Tendo em vista esses aspectos, é possível considerar, a partir dos instrumentos utilizados no presente estudo, que Roberto estava manifestando ora comportamentos independentes, ora dependentes. No contexto de gestação de um irmão em que se

encontrava, é possível apontar que Roberto apresentou-se em uma posição de menor dependência dos cuidados da mãe, ainda que tivesse indicado um padrão oscilatório de comportamento. Cabe destacar que esses comportamentos independentes podem estar associados às exigências da mãe de que o filho mais velho devesse ocupar uma posição de menor dependência, uma vez que já estava crescendo, com cinco anos e, portanto, mais independente. No que se refere às percepções maternas sobre os comportamentos de dependência e de independência de Roberto, é possível afirmar que a mãe, embora tenha feito algumas exigências de crescimento, também incentivava alguns comportamentos de dependência do filho mais velho. Contudo, pode-se apontar ainda uma nuance, uma vez que a mãe percebia o filho como mais dependente naquele momento.

3.2 Caso 2 – Diana e Marcos

Marcos era filho de Diana e Paulo, com respectivamente, 34 e 35 anos de idade. O primogênito possuía quatro anos e ia para a escola à tarde. No momento em que a coleta de dados foi realizada, a mãe encontrava-se com 32 semanas de gestação de uma menina e estava de repouso, uma vez que a Isadora poderia nascer a qualquer momento. A avó materna estava bastante presente, participando dos cuidados do dia-a-dia de Marcos, dentre outras atividades da casa. Pablo trabalhava em torno de 50 horas semanais.

Os comportamentos de dependência e de independência do primogênito em idade pré-escolar

Este primeiro eixo temático consiste na análise do conteúdo das histórias produzidas a partir do Teste das Fábulas.

Fábula 1 – Fábula do Passarinho

“Era uma vez um papai e uma mamãe e um filhotinho que estavam numa árvore dormindo. E o papai voou para uma árvore e a mamãe voou para outra. (P) Ele sabe voar só um pouquinho. Eu não sei onde ele foi. (P) Acho que ele se sentiu bem. (P) Acho que ele foi pra outra árvore, a pequenininha, ele foi encontrar a mamãe, ele foi encontrar a vovó também. (P) sim, também”.

Em um primeiro momento, Marcos indicou que o filhote passarinho apresentou um comportamento dependente, uma vez que não soube qual atitude tomaria frente à situação de derrubada do ninho “*Era uma vez um papai e uma mamãe e um filhotinho que estavam numa árvore dormindo. E o papai voou para uma árvore e a mamãe voou para outra. (P) ele sabe voar só um pouquinho. Eu não sei onde ele foi*”. Em seguida, o filhote passarinho mostrou-se também em uma posição de dependência, na medida em que se dirigiu à árvore da mãe e da vovó “*Acho que ele foi pra outra árvore, a pequenininha, ele foi encontrar a mamãe, ele foi encontrar a vovó também*”.

É possível indicar, através do conteúdo da Fábula 1, que Marcos, identificando-se com o filhote passarinho, apresentou um padrão de comportamento predominantemente dependente, sobretudo da figura materna. Diante de uma situação de crise do ambiente familiar, Marcos indicou que o passarinho foi em direção à árvore em que se encontravam a mãe e, também, a vovó.

Fábula 2 – Fábula do aniversário de casamento

“*Porque ele saiu da festa? (P) Era uma vez uma mamãe e um papai e fizeram uma festa e de repente o filho levantou e foi ficar lá no fundo do quintal. (P) Ele foi ficar sozinho. (P) Porque a mamãe dele disse pra ele que a festa era só de adultos. (P) se sentiu bem. (P) Ele... é que a mamãe não deixou ele ficar na festa e ele foi pra casa dele, com o papai conversar. (P) Não*”.

Marcos indicou que o personagem da história apresentou um comportamento independente, conforme sugerido pelo conteúdo da Fábula 2, na medida em que indicou que a criança foi ficar sozinho no fundo do quintal “*Era uma vez uma mamãe e um papai e fizeram uma festa e de repente o filho levantou e foi ficar lá no fundo do quintal. (P) Ele foi ficar sozinho. (P) Porque a mamãe dele disse pra ele que a festa era só de adultos. (P) Se sentiu bem*”. Contudo, ao final da história, Marcos também indicou que a criança apresentou um comportamento dependente da figura paterna, visto que foi para casa conversar com o papai quando a mamãe lhe disse que a festa era de adultos e que a criança não poderia ficar “*(P) Ele... é que a mamãe não deixou ele ficar na festa e ele foi pra casa dele, com o papai conversar*”.

O conteúdo da Fábula 2, sugerido por Marcos, indicou que houve uma oscilação entre um comportamento independente e um comportamento dependente por parte do personagem herói da história. Por um lado, sugeriu um comportamento independente,

na medida em que a criança saiu da festa de casamento de seus pais, conforme proposto pelo conteúdo do teste. Contudo, é possível apontar também que, diante dessa situação, Marcos indicou que a criança sugeriu um comportamento dependente da figura paterna. O personagem da história encontrou um motivo para ficar com um dos progenitores, uma vez que buscou a presença do pai quando a mãe lhe disse que a festa era só de adultos, não o deixando ficar.

Fábula 3 – Fábula do cordeirinho

“Era uma vez dois cordeirinhos e o filhinho foi mamar na teta da mamãe. E daí veio o outro filhote pra mamar na teta da mamãe. E a mamãe disse que não tem teta pros dois. O maior foi comer grão sozinho. (P) se sentiu bem. (P) se sentiu bem, ficou bem. E o outro tava crescendo mais ainda, e daí ele foi brincar com o outro irmão mais velho”.

Marcos indicou, através do conteúdo da Fábula 3, que o cordeirinho maior apresentou um comportamento independente frente à condição de partilhar os cuidados maternos em função da chegada de outro cordeirinho menor *“Era uma vez dois cordeirinhos e o filhinho foi mamar na teta da mamãe. E daí veio o outro filhote pra mamar na teta da mamãe. E a mamãe disse que não tem teta pros dois. O maior foi comer grão sozinho”*. O fato de Marcos ter indicado que o cordeirinho menor alimentou-se do leite materno e pôde crescer e brincar com o irmão mais velho sugeriu que o cordeirinho maior compartilhou os cuidados maternos, mostrando-se em uma posição menos dependente *“(P) se sentiu bem. (P) se sentiu bem, ficou bem. E o outro tava crescendo mais ainda, e daí ele foi brincar com o outro irmão mais velho”*.

É possível apontar que Marcos indicou que o cordeirinho maior apresentou um padrão de comportamento predominantemente independente frente à chegada de um outro cordeirinho. O primogênito mostrou um personagem capaz de alimentar-se sozinho e também capaz de compartilhar os cuidados maternos.

Fábula 5 – Fábula do medo

“Ele tem medo do monstro. (P) Eles mordem e roubam. (P) Triste. (P) Ela tava com medo do ladrão, tava com medo dos dois e se sentiu com medo. (P) Ele rouba (P) Ele roubou os dinheiros. (P) Não”.

O conteúdo indicado nesta fábula por Marcos não permitiu a análise dos comportamentos independentes e dependentes manifestados pelo personagem da história. Contudo, é possível pensar sua resposta como reveladora do contexto em que o primogênito se encontrava.

Marcos indicou que o personagem da história apresentou medo de monstro e de ladrão “*Ele tem medo do monstro (P) eles mordem e roubam (P) ela tava com medo do ladrão, tava com medo dos dois e se sentiu com medo (P) Ele roubou os dinheiros*”. A criança apontou que o que dava medo do monstro e do ladrão era o fato de o primeiro morder e o segundo roubar o dinheiro.

É possível que Marcos tivesse medo de ladrão em função de uma situação real potencialmente traumática. Contudo, é possível também que Marcos tivesse utilizado o conteúdo da fábula como forma de manifestar sua fantasia infantil e a situação de vida presente em que se encontrava. O ladrão pode ter sido usado como um representante simbólico para indicar o contexto de gestação de um irmão e o seu medo de perder o cuidado e o amor materno.

Fábula 10 – Fábula do sonho mau

“Ele sonhou do monstro que comeu ele. (P) Triste porque a mamãe e o papai não ajudaram ele, porque os dois eram do mal. (P) A criança ficou do mal. (P) Não”.

Analisando o conteúdo da Fábula 10, em termos de comportamento de dependência e de independência, Marcos indicou que o personagem da história apresentou um comportamento de dependência das figuras parentais “*Ele sonhou do monstro que comeu ele (P) Triste porque a mamãe e o papai não ajudaram ele, porque os dois eram do mal. (P) A criança ficou do mal. (P) Não*”.

É possível mencionar que Marcos, diante de uma situação de sonho mau, indicou que o personagem transformou-se em uma criança do mal, uma vez que os pais não o ajudaram. Identificando-se com o personagem da história, pode ter sugerido, através do conteúdo revelado nesta fábula, uma não disponibilidade emocional dos pais. A criança pode ter indicado uma necessidade de maior apoio naquele momento de vida em que se encontrava.

Síntese da análise dos comportamentos de dependência e de independência de

Marcos

É possível notar, a partir da análise das fábulas exploradas no presente estudo, que Marcos indicou que o personagem apresentou mais comportamentos dependentes do que independentes. Dentre os conteúdos revelados pelas cinco fábulas, duas sugeriram um padrão de comportamento predominantemente dependente (F1 e F10), uma fábula indicou um padrão oscilatório de comportamento (F2), uma apontou para comportamento independente (F3) e em uma fábula não foi possível analisar esses comportamentos (F5).

Nas fábulas em que predominou um padrão de comportamento dependente (F1 e F10), é possível observar que Marcos indicou um personagem vulnerável. Sem o apoio das figuras parentais, ou a criança não sabia qual atitude tomar ou se transformava em alguém do mal. Na F5, onde não foi possível analisar o conteúdo da fábula em termos de comportamento de dependência e de independência, também se observou um personagem vulnerável, que não apresentou qualquer comportamento de enfrentamento diante de uma situação de medo. Cabe destacar que essas três fábulas propõem que a criança revele a forma de enfrentamento diante de uma situação de ameaça de crise familiar, de abandono e de medo. Nesse sentido, é plausível supor que, naquele momento, Marcos estava apresentando mais comportamentos de dependência.

Além disso, a única fábula em que Marcos revelou um padrão oscilatório de comportamento foi a F2. Esta fábula, como o próprio conteúdo do teste propõe, sugere que a criança indique que o personagem da história apresente, inicialmente, um comportamento independente, na medida em que propõe que este saia da festa de aniversário de casamento. Contudo, é possível observar que Marcos indicou que o personagem encontrou um motivo para ficar com um dos progenitores, no caso a figura paterna, sugerindo um comportamento dependente no desfecho da fábula.

O único conteúdo revelado por Marcos que sugeriu um comportamento independente foi o da F3. Esta fábula explora justamente a necessidade de o cordeirinho maior compartilhar os cuidados maternos em função da chegada de um cordeirinho menor. Assim, é possível apontar que diante da necessidade de dividir a atenção e a disponibilidade materna, Marcos indicou um comportamento independente.

Percepções maternas sobre os comportamentos de dependência e de independência do primogênito no contexto de gestação de um segundo filho

1. Percepções maternas sobre os comportamentos de independência e de dependência em algumas áreas do desenvolvimento infantil

No que se refere às áreas do desenvolvimento infantil exploradas no presente estudo, o relato materno indicou que Marcos apresentava um padrão de comportamento predominantemente dependente da figura mãe para a realização de atividades do cotidiano. Pode-se dizer também que houve manifestação de um padrão oscilatório, ora comportando-se de modo independente, ora manifestando dependência da figura materna.

Quanto à alimentação, a mãe mencionou que Marcos era capaz de alimentar-se sozinho, contudo gostava que a mãe o auxiliasse. A mãe apontou ainda que na grande maioria das vezes, dava a comida na boca de seu filho “*Sim [ele come sozinho], mas ele gosta que eu ajude. Eu não sei se é também porque eu acho que se eu dou na boca ele come tudo. É uma coisa mais, tu controlando o que ele está comendo, eu estou vendo que ele está comendo mesmo, ele come sozinho, (...) mas na grande maioria das vezes sou eu que dou, eu que dou pra ele e sempre aquela coisa, ‘se tu comer tudo eu te dou um chocolate’ isso aí nós fazemos um monte*”. O relato materno indicou, portanto, que Marcos apresentava um padrão oscilatório de comportamentos, ora comportando-se de modo independente, alimentando-se sozinho, ora de forma mais dependente da mãe, demandando que esta o alimentasse.

É possível dizer ainda que a mãe estimulava o comportamento dependente do filho na hora da alimentação, uma vez que dava a comida em sua boca. O fato de a mãe ajudar Marcos na alimentação foi percebido por ela como um modo de controlar a quantidade e a qualidade do que o filho estava comendo. A mãe mencionou ainda que não houve mudanças ao longo da gestação quanto à essa solicitação para ajudá-lo a comer “*Não, igual, ele sempre pediu ajuda*”. Além da mãe, Marcos também era alimentado pela avó materna que estava bastante presente, uma vez que a mãe estava de repouso em função da gestação “*Ultimamente ele tem comido antes da gente, como a mãe está ali ela já dá comida pra ele e ele já fica pronto*”.

A mãe mencionou ainda que Marcos utilizava a mamadeira, principalmente, em momentos de cansaço, sugerindo um comportamento dependente “*Sim [mama na*

mamadeira]. Às vezes ele tá cansado, nem ele se dá conta que ele tá cansado aí tu dá uma mamadeira e ele dorme. (...) Eu vejo que é um momento tão prazeroso pra ele (...), é um momento dele, ele deita e toma a mama dele”. Marcos nunca utilizou a chupeta.

No que tange à linguagem, o relato materno indicou que Marcos apresentou um comportamento dependente, uma vez que a mãe apontou que o filho passou a apresentar fala mais infantilizada “*Ultimamente, uma semana, duas pra cá, ele vai no berço, deita e diz ‘mamãe, nhém, nhém, nhém’, como se ele fosse bebê. Que ele é pequeno, que ele é o bebê, que ele não fala, mas isso é só um momentinho e depois já passa*”. É possível mencionar que esse comportamento foi percebido pela mãe como algo passageiro, proveniente do momento de vida em que Marcos se encontrava.

As verbalizações maternas apontaram para um comportamento dependente no que diz respeito à hora do sono, naquele momento. A mãe mencionou que Marcos pegava no sono e ia para a cama sozinho “*Pega no sono sozinho e se ele está na cama com a gente, deitado, tomando mamadeira e tal, ele diz ‘tchau pessoal, to indo pra minha cama, que eu quero dormir na minha cama, eu não gosto de dormir aqui, eu acho muito apertado’*”. Contudo, ultimamente Marcos estava dormido na cama dos pais, sugerindo um comportamento dependente “*Ultimamente, ele tem dormido comigo, mas isso é porque a gente meio que impôs por causa da história do frio, não agora, mas quando está muito frio porque ele se destapa muito de madrugada e ele começa, ele tem rinite alérgica então é batata, no outro dia ele acorda atacado então a gente faz ele dormir... Por causa disso, a gente percebeu que se ele dorme com uma pessoa quando está muito frio ele não se destapa (...) é uma comodidade mais pra nós, mas quando está frio porque ele sempre foi ‘eu quero ir pra minha cama’, ele mesmo pede*”. De acordo com a mãe, ainda que Marcos sempre tenha desejado ir para a cama dos pais, tal fato estava ocorrendo mais em função do frio e da comodidade para estes não terem que levantar à noite para cobrir o filho. É possível dizer que a mãe estimulava o comportamento de dependência do filho no que se refere à hora do sono.

A partir do relato materno, é possível indicar que Marcos apresentava um padrão oscilatório de comportamentos no que se refere aos hábitos de toalete. A criança, quando ia ao banheiro, somente fazia sua higiene e limpeza sozinha se tivesse feito xixi, caso contrário dependia da ajuda dos pais ou da avó materna para a realização de tais cuidados “*Ele não se limpa sozinho. Eu ou, no caso, a mãe ou o Pablo ou na escolinha, ele não se limpa, só xixi que limpa, daí ele se limpa e lava a mão, isso ele faz sozinho, ele diz ‘eu vou fazer xixi, eu vou fazer coco’*”. O mesmo ocorreu com a atividade de

troca de roupa. É possível apontar que, embora colocasse algumas vezes a roupa sozinho, havia momentos em que Marcos pedia para que a mãe o vestisse “*E quando sai do banho é aquela coisa, ele quer pular na cama, não é aquela coisa, vamos se arrumar quietinho, eu acho que nenhuma criança é. Às vezes ele quer ‘ó mãe, vou te mostra que eu sei botar a roupa’, mas às vezes ele quer que eu bote, não está afim de se arrumar, está afim de ficar vendo TV enquanto eu estou arrumando, pra mim é tranqüilo*”.

No que se refere ao banho e à escovação de dentes, os adultos cuidadores, sobretudo a mãe, o auxiliava nessas atividades “*Ah sou eu [quem mais participa desses momentos], hora do banho é uma luta pra entra e depois luta pra sair (...) não tem como [tomar banho sozinho], ele é muito novinho, não sabe se lavar (...)*”. A mãe referiu que Marcos não sabia tomar banho sozinho, uma vez que era muito novinho para realizar tal atividade. Além disso, mencionou também que o filho ainda não tinha coordenação motora para escovar os dentes de modo independente, sem que houvesse o auxílio da mãe “*E escovar os dentes sempre foi um parto, hoje ele aceita melhor mas antigamente era só amarrando, um segurava as pernas e o outro segurava os braços. (...) Nem dá pra ser, ele não tem ainda coordenação pra isso [para escovar os dentes sozinho], 4 anos é muito pouco (...)*”. O relato materno indicou, portanto, um padrão de comportamento dependente nessas atividades de escovação de dentes e hora do banho.

2. Percepções maternas sobre os comportamentos de dependência e de independência do primogênito no relacionamento com a mãe

A partir do relato materno, é possível indicar que Marcos estava apresentando um comportamento dependente da figura materna, visto que a mãe apontou que o filho estava solicitando mais a sua atenção, presença e cuidados “*Eu acho que ele está extremamente solicitante mesmo, então ele quer a minha atenção, faz cocô, eu tenho que limpar. Ele quer que seja eu que faça as coisas*”. Marcos também estava apresentando diferentes reações, conforme mencionado pela mãe “*Se a minha mãe convidasse ele pra ir lá dormir ele ia, hoje ele não vai porque ele diz que ele não pode me deixar, não pode deixar a mãe sozinha. ‘não vó, eu não vou, eu tenho que ficar com a minha mãe e tal’. Eu acho assim ‘quer uma mamadeira? Quero. Pai, faz uma mamadeira? Não, a mãe que faz. Filho, vamos escovar os dentes com o pai? Não, a mãe que escova. Mãããããe, eu fiz cocô. O pai vai, não é a mãe que vai. Vamos atravessar a rua ‘dá a mão pro pai, dá a mão. Não, vou dá a mãe pra mãe’*”.

A mãe relatou ainda que Marcos comportava-se de modo mais dependente naquele momento da gravidez “*Mais dependente, vamos dizer, ele não quer perder o espaço. E eu acho que isso é inconsciente, ele não sabe o que vai acontecer, porque pra ele é uma coisa muito nova*”. Essas mudanças no comportamento de Marcos ocorreram em função da gravidez das alterações do contexto familiar e da possibilidade de perder o papel de filho único, uma vez que passaram a se apresentar depois que a mãe ficou sabendo que estava grávida “*A gravidez, com certeza. Depois da gravidez, antes por ele tanto fazia. Não que...um filho sempre prefere a mãe, entre aspas, não que ele não fosse assim mas ele ficou mais assim. Porque antes pra ele tanto faz, ou o pai, ou a mãe, ou os dois, sabe?*”.

Marcos estava mais agarrado à mãe e tal comportamento ficou mais intenso ao longo da gestação “*Isso ele de estar mais agarrado está muito mais, solicita muito mais, mas como eu não posso responder muito às solicitações dele, ele teve que se acostumar, então, não pode ser eu, tem que ser outra pessoa*”. Contudo, a mãe acreditava que o filho tinha que se acostumar com o fato de esta não poder atender às suas solicitações “*Ultimamente o Pablo tem escovado todos os dias de noite (...), faz a mamadeira e vem ajeitar as coisas, (...) explica, ‘mamãe não pode’, enfim, sei lá e ele aceita como uma criança normal, faz birra, grita, mas aí o Pablo já se impõe, que ele tem medo, ele respeita muito o Pablo*”. Nesse momento, a mãe estava demandando que o pai assumisse algumas tarefas de cuidado do filho mais velho “*Ele [o pai] tem que se dedicar um pouco mais ao Marcos, já que eu não estou podendo me dedicar tanto e me ajudar mais com as coisas porque eu não posso fazer*”.

A mãe mencionou ainda que, logo que Marcos ficou sabendo da gravidez, apresentou dificuldades em se afastar fisicamente da mãe no momento em que esta o largava na escolinha “*Uma semana depois, eu acho, ou uns três dias depois que ele ficou sabendo que eu estava grávida, ele teve um chique, um chlicão, de segurar no pescoço e gritar ‘não fico, não vou ir pra escola’ (...) se agarrou no meu pescoço, fez uma cena que eu jamais pensei que ele fizesse, só que eu sempre fui muito firme com ele (...) eu disse ‘Filho, tu não vai se segurar no pescoço da mamãe, tu vai ficar, a mamãe não vai te deixar, mas no final da aula a mamãe vai te buscar normal, tá tudo igual meu filho’. ‘Mas tu não vem, tu não vai me buscar!’ Às vezes ele diz pra mim, ‘Não esquece de mim! Mãe, não esquece de me buscar’*”. A mãe também referiu que Marcos apresentava medo de ficar longe dela “*Acho que ele tem mais medo de ficar longe de*

mim, medo de que eu vá deixá-lo, medo que eu vou esquecer, ele sempre quer mostrar que ele está ali, que ele está presente”.

O fato de Marcos estar apresentando essas reações foi apontado pela mãe como algo que podia ser explicado não só pela gravidez, mas também pelo momento do desenvolvimento em que este se encontrava *“Não é só por causa da gravidez, é por causa da idade, é por causa que ele está querendo se afirmar. Então são várias coisas, ele está crescendo, ele está entendendo mais as coisas (...) eu acho que é um somatório de coisas, não é só por causa da gravidez, é porque ele está crescendo. Talvez com o Marcos não tivesse acontecendo com tanta intensidade se eu não tivesse grávida. Porque ele sempre foi muito fácil de se lidar e continua sendo, está um pouquinho mais complicado (...) ele está normal, está tranqüilo, super contente (...) só, eu acho que ele está me solicitando um pouco mais por causa disso, que ele não quer deixar de ser o que ele é, que é filho único, que pra ele até acho que vai ser mais complicado, mas a gente tá trabalhando isso com ele, explicando como a gente pode”.*

A mãe mencionou ainda que se sentia normal diante de tais demandas do filho nesse momento, e que, por vezes, até incentivava tal comportamento *“Normal, não tem nenhuma...eu até incentivo às vezes, ‘vai que a mãe vai ficar aqui, vai lá no João’, aí às vezes eu brinco ‘ah, tu trocou a mãe pelo João’, e ele ‘não, mãe, amanhã eu fico contigo’, aí eu ‘a mãe está brincando, filho, pode ir, vai brincar que a mãe vai ficar aqui te esperando’”.* Por outro lado, a mãe também mencionou que ficava um pouco irritada por ter que dar conta das demandas do filho mais velho *“Às vezes fico um pouquinho irritada, ele às vezes me irrita um pouco (...) me cansa, vai perguntar alguma coisa tudo é mãe, nunca é pai daí eu digo ‘filho pergunta pro teu pai’ e daí ele ‘paaaaai, mãããããe’, sabe, ele diz pai, mas depois pergunta pra mim, ‘se eu pedi pra falar com a mãe, eu quero falar com a mãe’, então às vezes me irrita um pouco”.* É possível dizer que as verbalizações indicaram uma ambivalência da mãe no que se refere aos comportamentos de maior demanda do filho no relacionamento com ela.

Síntese das percepções maternas sobre os comportamentos de dependência e de independência de Marcos no contexto de gestação de um segundo filho

É possível notar que as percepções maternas sobre os comportamentos de independência e de dependência de Marcos no contexto de gestação do segundo filho apontaram para uma maior dependência e padrão oscilatório de comportamentos de Marcos. O relato materno indicou que Marcos apresentava um padrão de

comportamento dependente, tanto em algumas áreas do desenvolvimento infantil exploradas no presente estudo, quanto no relacionamento com a mãe.

No que se refere às áreas do desenvolvimento infantil, as verbalizações maternas indicaram que Marcos apresentava um padrão de comportamento oscilatório em três áreas do desenvolvimento (alimentação, hábitos de toailete e troca de roupa). Nessas atividades do cotidiano, a mãe indicou que Marcos era capaz de realizá-las sozinho, porém demandava a disponibilidade e a presença dos pais, sobretudo da mãe para ajudá-lo. Estes cuidadores, especialmente a mãe, realizavam, por vezes, essas atividades por Marcos, estimulando os comportamentos de dependência do filho.

Quanto à linguagem, à hora do sono, ao banho, à escovação de dentes e ao uso da mamadeira, o relato materno indicou que o filho apresentava predominantemente comportamentos dependentes, sobretudo da figura materna. Nas atividades de banho e escovação de dentes, a mãe indicou que Marcos não realizava tais hábitos, ou por ser muito novinho e por não saber, ou ainda por não possuir coordenação motora. A mãe indicou, também, que, ao longo da gestação, Marcos apresentou, em alguns momentos, fala mais infantilizada.

É possível apontar ainda que o relato materno indicou que Marcos apresentava um maior comportamento dependente da figura materna, no que diz respeito ao relacionamento com a mãe. Esse comportamento de estar mais dependente e solicitante se intensificou ao longo da gestação. Além da solicitação por mais atenção e cuidados, Marcos também apresentava medo de ficar longe da mãe e de se separar fisicamente desta. Essas alterações de comportamentos se deviam, tanto às mudanças próprias do desenvolvimento, quanto ao contexto da gestação do segundo filho, de acordo com a mãe.

Cabe destacar, também, que diante desse comportamento de dependência, a mãe mencionou que se sentia normal, e que, por vezes, até o incentivava. Por outro lado, apontou que em alguns momentos se sentia irritada por ter que dar conta das demandas do filho. Assim, é possível dizer que a mãe sentia-se ambivalente em relação aos comportamentos de dependência do filho mais velho. É importante enfatizar a participação do pai na divisão do cuidado e das tarefas com o filho.

Entendimento do Caso_02 Diana e Marcos

É possível indicar, a partir dos conteúdos revelados nas fábulas e no relato materno, que Marcos apresentava um padrão de comportamento dependente naquele período da gestação materna do segundo filho. Nas histórias produzidas pelo Teste das Fábulas, Marcos indicou mais comportamentos dependentes do que independentes. Da mesma forma, o relato materno indicou que Marcos apresentava um padrão de comportamento dependente da figura materna, tanto em algumas áreas do desenvolvimento infantil, quanto no relacionamento com a mãe.

No Teste das Fábulas, Marcos sugeriu, em duas das historietas, comportamentos dependentes da figura materna (F1 e F10), em uma fábula comportamentos oscilatórios (F2) e em uma comportamento independente (F3). É importante mencionar que nas fábulas em que predominaram comportamentos dependentes (F1 e F10), Marcos indicou personagens vulneráveis que, sem a presença e o cuidado maternos, não saberiam que atitude tomar. Cabe destacar que a única fábula em que Marcos apresentou um comportamento oscilatório foi a F2. Nesta fábula, o próprio conteúdo sugere um comportamento independente, na medida em que indica que o personagem sai da festa de aniversário de casamento. Contudo, Marcos apresentou também um comportamento dependente, visto que encontrou um meio de se aproximar de um dos progenitores, no caso, a figura paterna. Além disso, na F3 Marcos indicou um comportamento independente, diante da necessidade de compartilhar os cuidados maternos, em função da chegada de um cordeirinho menor que precisava ser alimentado pela mãe. É plausível supor que, diante do contexto de gestação de um irmão, Marcos possa mostrar-se capaz de dividir a atenção e os cuidados maternos.

No mesmo sentido, o relato materno também apontou para um padrão de comportamento predominantemente dependente de Marcos em algumas áreas do desenvolvimento e no relacionamento com a mãe. Estes comportamentos de dependência foram, por vezes, incentivados pela mãe, nas seguintes áreas: alimentação, hora do sono, hábitos de toalete, de higiene, de escovação de dentes e de troca de roupa. A mãe realizava estes hábitos por Marcos ou estava bastante presente, visto que acreditava que o filho ou era muito novinho ou não apresentava a coordenação motora necessária para a realização de tais cuidados. As verbalizações sugeriram que a mãe estimulava os comportamentos de dependência do filho naquele momento. Além disso, é possível apontar que esse comportamento dependente e de maior solicitação havia se intensificado ao longo da gestação, no que diz respeito ao relacionamento com a mãe.

Considerando o conteúdo das fábulas revelado por Marcos e o relato materno, é possível apontar alguns aspectos para o entendimento dos comportamentos dependentes do primogênito. Embora Marcos tenha indicado que diante do contexto de chegada de um irmão seria capaz de dividir a atenção e os cuidados maternos (F3), mostrou, através do instrumento projetivo, comportamentos dependentes da figura materna. Além disso, é importante considerar que, naquele momento, além da figura do pai, a avó materna estava bastante presente nos cuidados de Marcos, em função do repouso materno. É possível observar esta aproximação de outras pessoas da família nas tarefas do dia-a-dia do primogênito nos conteúdos revelados nas fábulas (F1 e F2). No que se refere à percepção materna acerca dos comportamentos de dependência do filho, é possível apontar que a mãe achava normal e que, por vezes, até incentivava verbalmente, tais comportamentos. Além disso, pode-se mencionar que a mãe ou realizava muitas atividades por Marcos ou o ajudava, por acreditar que o filho ainda não apresentava idade e nem coordenação motora para tal. Cabe destacar ainda que a mãe entendia o fato de o filho ter apresentado esses comportamentos como algo que podia ser explicado não só pelo período da gravidez, mas também pelo momento do desenvolvimento infantil.

3.3 Caso 3 - Ana Laura e Emanuela

Emanuela tinha cinco anos e onze meses, e era filha de Ana Laura e Ramiro, os quais possuíam, respectivamente, 38 e 42 anos de idade. Emanuela freqüentava uma escola de educação infantil somente no período da tarde. No momento em que a coleta de dados foi realizada, a mãe encontrava-se com 26 semanas de gestação de Ramos, seu segundo filho.

Os comportamentos de dependência e de independência do primogênito em idade pré-escolar

Neste primeiro eixo temático, será apresentada a análise do conteúdo das fábulas reveladas por Emanuela a partir do teste projetivo utilizado no presente estudo.

Fábula 1 – Fábula do Passarinho

“Ele vai voar pra uma árvore. (P) Pra do meio. (P) Não tem ninguém nessa. (P) Mal. Porque ele ficou triste. (P) Por derrubar o ninho. (P) Daí o pai foi pruma e a mãe

foi pra outra e aí todos ficaram numa árvore. (Na mesma?) Não. (P) Ficaram bem. (P) Daí eles ficaram felizes para sempre”.

Emanuela indicou que o filhote passarinho apresentou um comportamento independente frente à situação potencialmente traumática de derrubada do ninho da família de passarinhos, uma vez que foi voar para a árvore do meio onde não havia ninguém “*Ele vai voar pra uma árvore. (P) Pra do meio. (P) Não tem ninguém nessa*”. Embora Emanuela tenha indicado tal comportamento, é possível apontar que, ao final da história, indicou também que a família de passarinho ficou em uma árvore, sugerindo ser a mesma “*Daí o pai foi pruma e a mãe foi pra outra e aí todos ficaram numa árvore*”. Contudo, após o inquérito, Emanuela finalizou sua história indicando que o filhote passarinho e seus pais não tinham ficado em uma mesma árvore “(Na mesma?) *Não*”.

É possível perceber que Emanuela indicou que o filhote passarinho apresentou um comportamento independente. Contudo, o conteúdo revelado pela criança sugeriu também que o passarinho tenha apresentado um comportamento dependente, na medida em que mencionou que sua família permaneceria em uma árvore, dando a entender que fosse a mesma. Ainda que depois do inquérito a criança tenha referido que não estavam na mesma árvore, é possível considerar que houve uma oscilação entre comportamentos independentes e comportamentos dependentes apresentados pelo filhote passarinho, com desfecho dependente.

Fábula 2 – Fábula de aniversário de casamento

“Porque ela não queria ver. (P) O casamento. (P) A festa. (Ela não queria ver a festa?) Não. (P) Se sentiu triste. (P) Foi brincar, aí ela caiu. Daí ela foi lá pra mãe dela. (P) Botou um Band-Aid e ela ficou bem”.

Considerando o conteúdo da Fábula 2 em termos de comportamento dependente e independente, é possível perceber que Emanuela indicou que o personagem da história saiu da festa de aniversário de casamento de seus pais “*Porque ela não queria ver. (P) O casamento. (P) A festa. (P) Não. (P) Se sentiu triste*”.

Embora o conteúdo proposto pela fábula remeta que a criança indique um comportamento independente, na medida em que sugere que esta saia da festa, é possível observar também que a criança indicou que preferiria não ter realizado tal

comportamento. Além disso, Emanuela encontrou um modo de a criança retornar à festa e se aproximar novamente da mãe por meio de uma situação em que exigiu cuidados e atenção materna, sugerindo um comportamento dependente “*Foi brincar, aí ela caiu. Daí ela foi lá pra mãe dela. (P) Botou um Band-Aid e ela ficou bem*”.

Nesse caso em especial, é possível entender que Emanuela sugeriu um padrão de comportamento predominantemente dependente. Embora tenha indicado que o personagem da história saiu da festa, aludindo para um comportamento independente conforme proposto pela fábula, sugeriu que preferiria não ter realizado este comportamento. Além disso, pode-se observar que Emanuela indicou um personagem da história indefeso e vulnerável, que exigiu atenção e cuidados da mãe, tendo motivos para então retornar à festa. Através da resposta revelada por Emanuela, nesta fábula, é possível dizer que o personagem apresentou um comportamento dependente.

Fábula 3 – Fábula do cordeirinho

“*Comer capim fresco. (P) Bem. (P) Daí eles ficaram felizes e foi lá pra mãe dele*”.

Emanuela indicou que o cordeirinho apresentou um comportamento independente frente à chegada de um outro cordeirinho que estava com fome, o qual teria que ser amamentado pela mãe “*Comer capim fresco. (P) Bem*”. Embora Emanuela tenha indicado inicialmente que o personagem herói da história apresentou um comportamento independente, indicou também que o cordeirinho foi ao encontro da presença da mãe ao final da história “*Daí eles ficaram felizes e foi lá pra mãe dele*”.

É possível perceber, nesta fábula, que Emanuela indicou que o cordeirinho apresentou inicialmente um comportamento de independência, visto que foi comer capim fresco. Em seguida, o cordeirinho indicou um comportamento de dependência, na medida em que retornou para a mãe. Estas reações indicadas por Emanuela sugeriram uma oscilação de comportamentos de dependência e de independência apresentados pelo cordeirinho frente a uma situação em que necessitava compartilhar os cuidados maternos. Cabe destacar que houve desfecho dependente da figura materna.

Fábula 5 – Fábula do medo

“Dos trovões. (P) Porque ela tinha medo dos trovões que davam no céu. (P) Daí ela ia lá e quando tava na cama gritava. (P) ‘Manhee!’, porque ela tinha medo. (P) Daí a mãe vinha. (P) Ficava bem, daí”.

Emanuela indicou que o personagem da história apresentou um comportamento dependente da figura materna diante de uma situação que lhe causava medo *“Dos trovões. (P) Porque ela tinha medo dos trovões que davam no céu. (P) Daí ela ia lá e quando tava na cama gritava. (P) ‘Manhee!’, porque ela tinha medo. (P) Daí a mãe vinha. (P) Ficava bem, daí”.*

No conteúdo da Fábula 5, é possível perceber que Emanuela indicou que o personagem da história apresentou um padrão de comportamento predominantemente dependente. Frente a uma situação que causava medo, Emanuela indicou um comportamento de dependência da presença e da disponibilidade materna para ajudá-la no enfrentamento da situação.

Fábula 10 – Fábula do sonho mau

“Com pesadelo. (P) Com monstro. (P) Pegavam uma pessoa. E aí acabou. (P) Ela vai lá pra mãe dela para cama da mãe e do pai e aí acabou”.

Emanuela indicou que o personagem da história manifestou um comportamento dependente, uma vez que, frente a um sonho mal, a criança buscou a presença e a disponibilidade dos pais *“Com pesadelo. (P) Com monstro. (P) Pegavam uma pessoa. E aí acabou. (P) Ela vai lá pra mãe dela para cama da mãe e do pai e aí acabou”.*

É possível apontar que Emanuela indicou que o personagem da história apresentou um padrão de comportamento predominantemente dependente. Diante de um sonho mau, o personagem da história buscou o apoio, a presença e a disponibilidade dos pais para ajudá-la. Ainda que a criança tenha ido até a cama dos pais, mostrou-se emocionalmente dependente da presença e do apoio destes para auxiliá-la naquele momento.

Síntese da análise dos comportamentos de dependência e de independência de Emanuela

É possível perceber, a partir da análise das fábulas elaboradas por Emanuela, que esta indicou que o personagem apresentou um padrão de comportamento dependente. Dentre os conteúdos revelados pelas cinco fábulas, três sugeriram um padrão predominantemente dependente (F2, F5 e F10), enquanto duas fábulas indicaram um padrão oscilatório de comportamento (F1 e F3).

As histórias em que predominaram um comportamento dependente foram as fábulas F2, F5 e F10. Estas duas últimas pertencem ao subgrupo de histórias que possibilitam à criança manifestar sua ansiedade e seus medos. É possível observar que, nessas histórias, Emanuela apresentou predominantemente comportamentos dependentes das figuras parentais. É possível dizer também que, tanto na F5, quanto na F10, Emanuela indicou que ou chamava ou ia ao encontro dos pais, sobretudo da mãe. Este comportamento sugere que a criança exigia a disponibilidade dos pais para ajudá-la no enfrentamento de situações que lhe causava ansiedade. No que tange à F2, pode-se apontar uma nuance. O próprio conteúdo desta fábula propõe que a criança indique que o personagem da história saia da festa de aniversário de casamento, sugerindo um comportamento independente. Contudo, é possível observar que Emanuela ainda que tenha indicado que o personagem saiu da festa, sugeriu que preferiria não ter realizado este comportamento. Além disso, também encontrou um motivo para retornar à festa, indicando um personagem vulnerável e indefeso, que necessitava dos cuidados da mãe. Nesse caso em especial, entende-se que o conteúdo revelado pela criança sugere um padrão de comportamento dependente.

Cabe destacar ainda, que, através do conteúdo revelado, Emanuela sugeriu mais comportamentos dependentes da figura materna (F1, F2, F3, F5 e F10), embora também tenha indicado a figura do pai em algumas de suas fábulas (F1 e F10). Outro aspecto que cabe ser mencionado, diz respeito às fábulas em que Emanuela apresentou um padrão oscilatório de comportamento. Tanto na F1, quanto na F3, Emanuela indicou que, em um primeiro momento, o personagem da história apresentou um comportamento independente. Contudo, em seguida, sugeriu comportamentos de dependência. Assim, os conteúdos dessas fábulas também remeteram para o fato de que Emanuela apresentou comportamentos de dependência nos desfechos dessas historietas.

Percepções maternas sobre os comportamentos de dependência e de independência do primogênito no contexto de gestação de um segundo filho

1. Percepções maternas sobre os comportamentos de independência e de dependência em algumas áreas do desenvolvimento infantil

No que diz respeito às áreas do desenvolvimento infantil tomadas como base no presente estudo, o relato materno indicou que Emanuela apresentou um padrão de comportamento oscilatório, visto que ora exibia comportamentos de independência, ora de dependência. De acordo com a mãe, Emanuela era capaz de alimentar-se sozinha. Contudo, em alguns momentos, mencionava que somente iria fazê-lo se os pais lhe dessem uma colherada de comida “[Emanuela alimenta-se] *sozinha. Mas ela não janta muito conosco. Ela chega do colégio com fome e daí a empregada faz uma jantinha (...) ela come e depois ela belisca na hora. (...) Às vezes, ela está cansada, não quer comer, ‘ah, eu só como se vocês me derem uma colherzinha’.* Daí a gente fica ali comendo e aí eu dou uma colherada e eu dou outra e ela dá outra”. É possível perceber também que a mãe mencionou que ora dava a comida na boca de Emanuela, ora a própria criança se alimentava, sugerindo um padrão oscilatório de comportamento. A mãe apontou que não houve mudança nesses comportamentos ao longo da gestação.

O relato materno indicou, também, que a criança exibiu um comportamento independente no que se refere ao uso do bico, visto que Emanuela deixou de usá-lo e ela própria o pôs no lixo “*O bico, ela largou com cinco anos, no dia da festa de aniversário (...) a gente fez uma combinação que daí com cinco anos ela teria que perder, porque ela já tava com mordida aberta. (...) Daí ela foi lá e buscou todos os bicos que ela tinha, vários, botou no lixo e nunca mais pediu, nunca mais pediu. Acho que ela sofreu um pouco assim*”. A mãe percebeu ainda que tal comportamento da filha pode ter lhe causado sofrimento. Quanto à mamadeira, o relato indicou que Emanuela apresentava um comportamento independente. Contudo, em um curto período de tempo, exibiu também um comportamento de dependência, ao ter retomado o uso da mamadeira, sugerindo um padrão oscilatório de comportamentos. A mãe apontou que a filha deixou de utilizá-la aos três anos, mas que ao deixar o bico voltou a usá-la “*Desde os três anos [não mama na mamadeira]. (...) Nas duas noites, ela chorou, mas não dizia que era por causa do bico (...) Daí ela começou a querer mamadeira, tomou umas três ou quatro noites mamadeira, mas não foi muito, não tomou mais. Mas o bico mesmo, ela nunca mais pediu. No dia do aniversário, ela colocou fora*”. Tal comportamento não foi

associado, pela mãe, à gravidez, mas ao fato de a criança ter deixado de usar o bico naquele momento.

No que tange à linguagem de Emanuela, a mãe apontou que a filha exibía uma ótima comunicação e apresentava interesse em falar de forma correta. Porém, Emanuela apresentava algumas falas erradas que ou eram corrigidas pela mãe ou não eram em função de que esta as achava engraçadinhas “*Têm algumas coisas que a gente não corrige, porque a gente acha bonitinho ela falar errado, mas ela se expressa super bem, super bem, sem nenhuma dificuldade*”. O relato materno sugeriu um padrão de comportamento independente no que se refere à linguagem.

A fala materna indicou que Emanuela apresentava também comportamento independente na hora de dormir, uma vez que dormia sozinha, tendo apenas como companhia um cachorrinho de pelúcia “*Ela dorme no quarto dela sozinha de luz apagada desde os três anos e meio. (...) Sozinha, só tem um bichinho, que dorme com ela (...) o Romeu, é o cachorrinho*”. Contudo, a mãe apontou também que de vez em quando a criança apresentava uma espécie de terror noturno. A mãe precisava acordar à noite para acalmá-la “*Teve uma época no ano passado, que ela acordava, chorando no meio da noite, bem coisa de terror noturno. E aí gente tinha que acordar ela para acalmar, ela não acordava e ela chorava, chorava, chorava. Daí tinha que levar ela, pegar no colo, levar na janela, olhar os carros, a luz, o shopping. Ela acordava e daí dormia. E isso acontece de vez em quando, mas é bem raro, a cada dois meses*”. O relato materno sugeriu um padrão oscilatório de comportamento, no que se refere à hora de dormir. Tal acontecimento não foi apresentado pela mãe como tendo qualquer associação com a gravidez, mas algo que vinha acontecendo raramente.

A mãe mencionou que nos últimos meses a filha estava tendo problemas na atividade de tomar banho. Dessa forma, passou a fazer com que Emanuela realizasse essa atividade sozinha, mas com a sua orientação “*Faz uns dois meses então, ela vinha tendo problema com a história do banho (...) o banho, realmente, tem causado um estresse assim. Então, faz o quê, umas duas ou três semanas, ela está tomando banho sozinha (...) eu vou dar o banho à noite quando eu chego e só que daí eu sento no vaso e digo: Emanuela, lava aqui, lava ali, lava lá, lava lá até o cabelinho ela já está começando a lavar sozinha assim*”. Assim, o relato indicou que a criança apresentava um comportamento independente ainda que houvesse orientação materna. Quanto à escovação de dentes, é possível apontar que Emanuela apresentava, ora comportamentos independentes, ora dependentes. Essa atividade era realizada pela criança de modo

independente em algumas situações, porém de modo geral, os pais realizavam tal hábito de higiene *“Os dentes, a gente que escova todos os dias, ao meio-dia e à noite ou à noite, a gente lava ela em casa, mas ela escova quando chega do colégio, mas ela não tem muito cuidado assim. Ela escova os dentes, mas não lava o rosto”*.

2. Percepções maternas sobre os comportamentos de dependência e de independência do primogênito no relacionamento com a mãe

O relato materno indicou que, no que se refere à relação com a mãe, Emanuela apresentava ora comportamentos mais dependentes, ora comportamentos de independência da figura materna. A mãe mencionou que Emanuela demandava muito de seus cuidadores, sobretudo da mãe no que diz respeito à presença, à disponibilidade e aos cuidados do dia-a-dia *“Ela solicita muito. Estar com ela é bom, pois ela é esperta, é criativa, é inteligente, mas cansa, porque ela solicita muito a gente”*. Este comportamento de demanda e de dependência de Emanuela desencadeava sentimentos de cansaço na mãe, uma vez que a filha exigia muita atenção e disponibilidade *“Eu digo às vezes que sábado de noite estou mais cansada do que no dia que trabalho o dia inteiro, pois mesmo se ela está vendo TV, ela está assim, ‘mãe isso, mãe aquilo’. ‘Pai, vamos brincar, corre, me pega, se esconde, vamos brincar de mímica, agora o jogo é sério’, entende? Ela está sempre solicitando, então isso é uma coisa que deixa meio cansativo”*. A mãe apontou ainda que se tivesse paciência, conseguiria contornar as situações com mais facilidade *“Se eu estou com paciência, disposição, as coisas são contornadas muito mais fáceis”*.

De acordo com a fala materna, a filha sempre foi mais agarrada e apegada à mãe *“Comigo, sempre foi [mais agarrada]. (...) Ela é bem apegada a mim e ela é assim, ela se magoa muito com coisas que eu digo, briga mais comigo também, responde, às vezes, mas ela é super apegada, super apegada”*. A mãe percebeu ainda que, ao longo da gestação, houve uma mudança nesse comportamento. Inicialmente, a mãe notou um distanciamento da filha com relação a ela e uma maior proximidade com o pai *“O comportamento dela mudou muito. No início, ela ficou bem mais distante de mim e mais próxima do pai que nunca foi. (...) E andava me esculachando também, me deixando de lado. Eu também te confesso que também fico meio enciumada, dela está, não dela está se aproximando do pai, mas de ter que me rechaçar pra isso. Fico incomodada assim”*. Esta procura da filha pelo pai, deixou a mãe enciumada e incomodada.

Por outro lado, a mãe também indicou que, naquele período, a criança comportava-se de maneira independente, uma vez que exibia vontades mais firmes em determinadas situações “*Com ela, agora, está um pouco mais complicado porque eu sinto que ela está com vontades bem firmes*”. Tais situações, de acordo com o relato, eram mais complicadas de manejar. Dentre essas, a mãe apontou que a filha escolhia o lugar onde a família almoçava nos sábados “*Sábado, a gente almoça fora sempre, daí ela quer escolher aonde a gente vai almoçar. Porque por um tempo a gente deixou, porque a gente achava engraçadinho, bonitinho, pequenininha, está sabendo onde quer comer*”. Contudo, a mãe percebeu que tal comportamento de independência acabou fazendo com que a criança acreditasse que poderia tudo “*Na verdade, o ponto é que isso tinha uma repercussão maior na cabeça dela de que ela pode tudo ‘Não, não vou descer, não vou comer, tu vai ver’ (...) Aí, ela entra berrando no restaurante e é capaz de não almoçar e não almoçar de raiva e daí eu fico mais braba ainda e as coisas ficam complicada*”.

É possível apontar ainda que Emanuela apresentava um padrão de comportamento independente, que possui ligação no seu relacionamento com a mãe. De acordo com a fala materna, a filha indicava um comportamento independente, uma vez que era deixada em frente à escola e entrava sozinha “*Eu tenho deixado ela freqüentemente sozinha na frente da escola. Eu estaciono meu carro bem na frente do portão e ela abre a porta, puxa a mochila, desce, fecha e anda sozinha*”. Além disso, estava tendo alguns outros movimentos de crescimento, que, segundo a mãe, estava gostando “*Tem algumas coisas em movimento de crescimento que ela está gostando, da gente está confiando nela. (...) Eu gosto por ver que não está trazendo sofrimento para ela, ela está vendo que têm ganhos também de crescer. Ai, nenê pequeno só chora, faz coco e manha, vamos agora comigo lá fazer a unha (...) de ela ver que ela também está tendo algum ganho. Que ela anda mais com a mãe, que tem coisas, que quando ela vai crescendo, mais coisas em comum a gente vai tendo*”. A mãe mencionou ainda que se sentia fazendo o seu papel, ao ver que era prazeroso para a filha quando a estimulava a realizar atividades sozinha “*(...) Eu me sinto fazendo o meu papel de ver que ela gosta, de ver que para ela é prazeroso, então a gente estimula que ela é mocinha, já sabe tomar um banho sozinha*”. Além disso, o fato de a filha crescer e ser mais independente a tornava mais próxima da mãe e mais companheira “*(...) quanto mais ela cresce, mais eu gosto, mais independente ela fica, mais companheira, mais condições de conversar a gente tem (risos)*”.

Contudo, a mãe apontou ainda que, naquele momento da gestação, Emanuela também apresentou reações que remeteram para um comportamento dependente da figura materna. A mãe observou que a filha passou a exibir maior aproximação e retornou a exigir a disponibilidade e a atenção materna nos cuidados do dia-a-dia *“Ela sempre foi mais próxima de mim e agora ela está se aproximando de mim de novo, agora ela está mais próxima, daí, ela fica querendo que eu leve ela na escola, que eu busque, que eu dê banho”*. A mãe também mencionou que era muito grudada na filha *“E eu também sou muito grudada (...) eu estou com ela, eu pego ela no colo. Não basta ela estar do lado (risos), daí eu estou beijando o cabelo, eu estou beijando as bochechas, eu estou fazendo cosquinhas (...) Mas eu digo também é uma necessidade minha também. E eu acho que ela curte muito isso, ela se sente valorizada”*.

Emanuela chorava e queria que a mãe ficasse mais tempo com ela, caso isso não acontecesse, a filha agredia verbalmente a mãe *“Ao meio-dia, ela sempre sai conosco, que a gente vai em casa almoçar segunda, quarta e sexta e ela já sai conosco. Terça e quinta, a gente não vai almoçar, mas vai buscá-la. E o que acontece agora é quando eu não vou poder ficar em casa com ela, eu já não busco na escola, a empregada busca, porque daí nessa hora, ela vai fazer choradeira. Eu largar ela em casa e voltar para o trabalho. Então, às vezes, ‘tu vai me buscar?, tu vai poder ficar comigo?’. Eu digo, ‘não’. “Então, nem me busca, sua chata”. Daí nesse horário, ela chora. Então, eu não tenho buscado. Se eu não vou ficar com ela, eu não busco”*. Em momentos de reencontro, a mãe mencionou que a filha, ora se comportava como se tivesse ficado anos longe *“Ela fica afoita, ela vem correndo, pula no colo como se tivesse ficado anos sem a gente ter ficado junto”*, ora exibia comportamentos em que olhava para a mãe e dava oi *“Teve um tempo que eu estranhei e agora já está normal de novo, mas eu estranhei, eu chegava em casa, abria a fechadura e ela vinha até a porta do quarto, ela olhava e dizia ‘oi’ e voltava. E ela nunca fez isso comigo, nunca, nunca, tinha que largar a bolsa no chão assim que ela vinha correndo e pulava em cima, mas agora já tá normal de novo assim, ela já vem correndo”*.

Síntese das percepções maternas sobre os comportamentos de dependência e de independência de Emanuela no contexto de gestação de um segundo filho

É possível notar que as percepções maternas sobre os comportamentos de independência e de dependência de Emanuela no contexto da gestação do segundo filho apontaram para comportamentos oscilatórios. O relato materno indicou que, tanto em

algumas áreas do desenvolvimento infantil exploradas no presente estudo, quanto no relacionamento com a mãe, Emanuela apresentava ora comportamentos de independência, ora mostrava-se dependente da figura materna.

As verbalizações maternas indicaram que Emanuela apresentou um padrão de comportamento oscilatório em quatro áreas do desenvolvimento (alimentação, uso da mamadeira, hora de dormir e escovação de dentes). Nessas atividades do dia-a-dia, a mãe indicou que Emanuela era capaz de realizá-las sozinha. Contudo, demandava a disponibilidade, o cuidado e a presença dos pais, sobretudo da mãe, para ajudá-la. Quanto ao uso da mamadeira, cabe destacar que Emanuela apresentou um comportamento oscilatório, na medida em que, por um curto período de tempo, retomou o seu uso. O relato materno indicou que essa alteração no comportamento não foi associada à gravidez, mas ao fato de Emanuela ter deixado de usar o bico naquele período. É importante mencionar também que mesmo que Emanuela dormisse sozinha e não demandasse ir para a cama dos pais no decorrer da noite, a mãe precisava acordar e ir acalmá-la. Esta reação foi nomeada pela mãe como uma “*coisa de terror noturno*”.

No que tange ao uso do bico, à linguagem e à hora do banho, as verbalizações maternas apontaram que a filha apresentava comportamentos predominantemente independentes. Emanuela não utilizava mais o bico e tinha ela própria o colocado no lixo. De acordo com a mãe, a filha apresentava ótima comunicação e linguagem, não mostrando nenhum comportamento dependente ou alteração ao longo da gestação. Quanto ao banho, ainda que Emanuela necessitasse de orientação materna verbal, tomava banho sozinha, realizando ela mesma tal hábito de higiene.

No que se refere ao relacionamento mãe-primogênito, é possível apontar que houve um padrão oscilatório de comportamentos. Por um lado, Emanuela exibia comportamentos independentes, realizando atividades do cotidiano sozinha e exibindo vontades próprias de maneira mais firme. Por outro, mostrava-se dependente, solicitando a presença, a atenção e a disponibilidade dos cuidadores, sobretudo da figura materna. A mãe apontou que essas oscilações de comportamento ocorreram ao longo da gestação do segundo filho. É importante enfatizar que nos momentos em que Emanuela manifestava comportamentos independentes com relação à mãe, aproximava-se da figura paterna. Esta aproximação deixava a mãe enciumada e incomodada.

Entendimento do Caso_03 Ana Laura e Emanuela

É possível indicar, a partir das histórias produzidas pelo Teste das Fábulas, que Emanuela apresentava um padrão de comportamento dependente naquele período da gestação materna do segundo filho. Contudo, o relato materno indicou que Emanuela apresentava um padrão oscilatório de comportamento. As percepções maternas apontaram que, tanto em algumas áreas do desenvolvimento infantil, quanto no relacionamento com a mãe, a filha apresentava ora comportamentos dependentes, ora comportamentos independentes.

No que tange ao Teste das Fábulas, é possível notar que Emanuela indicou comportamentos dependentes da figura materna em três fábulas (F2, F5 e F10) e em duas sugeriu padrão oscilatório de comportamento (F1 e F3). Cabe destacar que das fábulas em que predominou um padrão de comportamento dependente, Emanuela mostrava um personagem vulnerável e indefeso (F2), que necessitava dos cuidados da mãe. Além disso, pode-se mencionar que dessas fábulas, duas caracterizam-se por serem do subgrupo de fábulas (F5 e F10) que estão associadas às situações que a criança deve indicar a forma como encontra soluções no mundo, bem como a percepção que possui da disponibilidade parental diante de tal situação. Sendo assim, é possível observar que Emanuela indicava que exigia a disponibilidade dos pais frente às situações que lhe causavam ansiedade, sugerindo comportamentos dependentes das figuras parentais.

Contudo, as percepções maternas sobre os comportamentos de Emanuela apontaram para um padrão oscilatório de comportamentos, tanto em algumas áreas do desenvolvimento infantil, quanto no relacionamento com a mãe. As verbalizações maternas sugeriram que Emanuela apresentava um padrão de comportamento oscilatório em quatro áreas do desenvolvimento (alimentação, uso da mamadeira, hora de dormir e escovação de dentes) e comportamentos independentes em três (uso do bico, linguagem e hora do banho). No que se refere ao relacionamento mãe-primogênito, é possível apontar que houve um padrão oscilatório de comportamentos. Por um lado, Emanuela exibia comportamentos independentes e vontades próprias de maneira mais firme. A mãe mencionava ainda que se sentia fazendo o seu papel ao ver que era prazeroso para a filha realizar atividades que denotavam movimentos de crescimento e de maior independência. Por outro lado, se mostrava dependente, solicitando a presença, a atenção e a disponibilidade dos cuidadores, sobretudo da figura materna. Embora a mãe tenha referido que se sentia enciumada e incomodada quando a

filha não se comportava de modo dependente, mencionou sentimentos de cansaço diante da grande exigência de atenção e disponibilidade em determinados momentos.

Nesse sentido, percebeu-se que Emanuela indicava um padrão de comportamento dependente da figura materna. Enquanto que as percepções maternas apontaram para uma oscilação de comportamentos de Emanuela. Assim, é possível notar que, naquele momento em que a mãe estava grávida do segundo filho, Emanuela mostrava reações em que demandava muito a atenção e a disponibilidade materna em determinadas situações. No entanto, a mãe percebia que a filha mostrava sinais de independência e de crescimento, ao mesmo tempo em que exigia cuidados. Essa oscilação de comportamento foi percebida pela mãe como algo que ocorreu em função da gestação do segundo filho.

3.4 Caso 4 – Claudia e Carine

Carine era filha de Claudia e Ronaldo, os quais possuíam, respectivamente, 33 e 32 anos de idade. A criança tinha quatro anos e sete meses e freqüentava uma escola de educação infantil no período da tarde. No momento em que a coleta de dados foi realizada, a mãe encontrava-se com 33 semanas de gestação de Graziela.

Os comportamentos de dependência e de independência do primogênito em idade pré-escolar

Este primeiro eixo temático consiste na análise do conteúdo das histórias produzidas por Carine, a partir do instrumento projetivo.

Fábula 1 – Fábula do Passarinho

“Aí ele voa um pouquinho e depois não sei. (P) O papai voou para essa [árvore da esquerda] e a mamãe para essa [árvore da direita] e ele voa para a árvore do meio. (P) Se sentiu mal. (P) Mal porque caiu do alto. (P) Ele vai e a mãe dele pega ele nas costas eu acho”.

Carine, inicialmente, indicou que o filhote passarinho apresentou um comportamento independente frente à situação de ameaça do ambiente familiar, uma vez que voou para a árvore do meio, onde não havia nenhum dos pais *“Aí ele voa um pouquinho e depois não sei. O papai voou para essa [árvore da esquerda] e a mamãe para essa [árvore da direita] e ele voa para a árvore do meio”.* Embora Carine tenha

indicado um comportamento independente do filhote passarinho, mostrou-o ainda em uma condição de vulnerabilidade e de dependência dos cuidados maternos, uma vez que caiu do alto *“mal porque caiu do alto. Ele vai e a mãe dele pega ele nas costas eu acho”*. Este conteúdo revelado por Carine sugeriu que o filhote passarinho apresentou também um comportamento dependente da figura materna.

É possível perceber que a Fábula 1 de Carine tenha revelado que o passarinho, inicialmente, apresentou um comportamento de independência, na medida em que voou um pouquinho para uma árvore diferente da dos pais. Contudo, em seguida, Carine também indicou um passarinho vulnerável, que necessitava dos cuidados e da atenção materna, sugerindo um comportamento dependente.

Através do relato de Carine, pode-se perceber que houve um padrão oscilatório de comportamento, ora o passarinho apresentou um comportamento independente, ora mostrou-se mais dependente dos cuidados e da atenção da figura materna. Além disso, o fato de a mãe passarinho ter carregado o filhote em suas costas pode estar indicando uma disponibilidade emocional da mãe. A criança, na medida em que se identificou com o filhote passarinho, pode ter indicado a possibilidade de a mãe estar encorajando-a no enfrentamento das situações de separação.

Fábula 2 – Fábula de aniversário de casamento

“Porque ela quer ficar um pouquinho sozinha. (P) Porque ela ficou triste. (P) Porque ela pensou, porque lá tinha muito barulho e ninguém queria escutar ela. (P) Se sentiu mal e ela pensou que ia voltar para casa. (P) Deu.”

Carine indicou que o personagem principal da história saiu da festa de aniversário de casamento de seus pais, conforme sugerido pelo conteúdo da fábula, para ficar um pouquinho sozinha *“Porque ela quer ficar um pouquinho sozinha. (P) Porque ela ficou triste. (P) Porque ela pensou, porque lá tinha muito barulho e ninguém queria escutar ela”*.

Este comportamento poderia ser considerado como independente. Contudo, cabe destacar uma nuance na resposta revelada por Carine. Embora tenha indicado que a criança saiu da festa, mencionou também que, ao final da história, a criança pensou que iria voltar para a casa, sugerindo que preferiria não ter realizado tal comportamento *“(P) Se sentiu mal e ela pensou que ia voltar para casa. (P) Deu”*.

Nesse caso em especial, observa-se que Carine saiu da festa de aniversário em

função de ter sido uma condição do teste. Assim, entende-se que o conteúdo revelado pela criança sugere um comportamento dependente das figuras parentais. O fato de ter muito barulho na festa e de ninguém querer escutar a criança, a fez pensar em retornar para a casa e supostamente para ser escutada pelos pais, sugerindo um comportamento de dependência das figuras parentais.

É possível perceber que Carine indicou um padrão de comportamento predominantemente dependente das figuras parentais, ao identificar-se com o personagem da história.

Fábula 3 – Fábula do cordeirinho

“Ele foi lá comer capim e depois ficou triste porque queria tomar o leite da mãe. E daí o outro chegou, e a mãe não deixou ele tomar o leite porque o outro cordeirinho que tava na rua, e que não é o filho, ficou triste por não tomar o leite. E ele foi lá pra floresta atrás do leite e encontrou a mãe e o pai. E ele tomou um pouquinho do leite da mãe”.

Na Fábula 3, Carine indicou que o cordeirinho maior foi comer capim fresco a pedido da mamãe ovelha *“Ele foi lá comer capim e depois ficou triste porque queria tomar o leite da mãe”*. Contudo, mesmo que Carine tenha indicado que o cordeirinho maior alimentou-se sozinho, manifestou também que preferia não ter realizado tal comportamento.

Além disso, a criança indicou que o menor não tomou o leite em função de a mãe não tê-lo deixado, por não ser este filho dela *“E daí o outro chegou e a mãe não deixou ele tomar o leite porque o outro cordeirinho que tava na rua, e que não é o filho, ficou triste por não tomar o leite”*. Carine indicou que o cordeirinho menor, diante da privação do leite, foi para a floresta atrás de alimento e encontrou seus pais e estes, então, o alimentaram *“E ele foi lá pra floresta atrás do leite e encontrou a mãe e o pai. E ele tomou um pouquinho do leite da mãe”*.

Nesse caso em especial, entende-se que Carine indicou um padrão de comportamento predominantemente dependente, na medida em que, mesmo comendo capim fresco a pedido da mãe, manifestou que preferia não ter realizado este comportamento. Através do conteúdo revelado por Carine, é possível dizer que da mesma forma que o cordeirinho maior não pôde tomar o leite materno, o menor também deveria ser impossibilitado de ter acesso ao alimento. Embora a criança tenha indicado

que foi comer capim fresco, também indicou que o cordeirinho menor não deveria ter o leite materno, da mesma forma que o maior. É possível que esta resposta forneça indícios para avaliar tal comportamento como de dependência, na medida em que a criança mascara o desejo do cordeirinho maior de tomar para si o leite do menor.

Fábula 5 – Fábula do medo

“Dos papéis. Isso aqui parece um papel. (P) Porque ele ficou com medo de colocar a mão na ponta do papel. E ele é muito mal educado e chorou, e colocou o dedo na tomada e chorou. Um dia ele foi no shopping e colocou o dedo na porta do carro e bateu e chorou e foi pro hospital e ficou três dias no hospital. E aí a mãe foi no shopping com a Grazielaque nasceu naquele dia que ele foi pro hospital. Um dia ele foi de novo para casa. (P) Se sentiu muito bem e nunca mais foi mal educado e desobedeceu a mãezinha dele e fim”.

Carine indicou que o personagem da história apresentou um comportamento dependente emocional e fisicamente dos cuidados maternos, na medida em que ocupou uma posição indefesa e vulnerável frente a uma situação que lhe causava medo *“Dos papéis. Isso aqui parece um papel. (P) Porque ele ficou com medo de colocar a mão na ponta do papel. E ele é muito mal educado e chorou, e colocou o dedo na tomada e chorou. Um dia, ele foi no shopping e colocou o dedo na porta do carro e bateu e chorou e foi pro hospital e ficou três dias no hospital”*. Carine indicou ainda que o personagem da história, por ter sido muito mal educado, ficou separado de sua mãe no mesmo dia em que esta deu à luz a um outro filho *“E aí a mãe foi no shopping com a Grazielaque nasceu naquele dia que ele foi pro hospital. Um dia ele foi de novo para casa. (P) se sentiu muito bem e nunca mais foi mal educado e desobedeceu a mãezinha dele e fim”*. Ao final da história, Carine indicou que a criança voltou para sua casa e que nunca mais foi mal educada e desobediente a partir daquele momento.

É possível apontar que o conteúdo da Fábula 5 revelou que o personagem da história apresentou um comportamento dependente da figura materna. O medo de separação da mãe e a possível ameaça de perda do seu amor se a criança não se comportasse de maneira educada e obediente, fez com que Carine sugerisse, ao final da história, um personagem dependente emocionalmente.

Portanto, pode-se notar que Carine indicou que o personagem da história apresentou um padrão de comportamento dependente. É possível supor ainda que o

conteúdo revelado por Carine possa estar associado ao contexto de gestação de um irmão e ao medo da separação, da perda de amor, de cuidados e da atenção materna.

Fábula 10 – Fábula do sonho mau

“Com um monstro que ia pegar ela, o monstro ia pegar e daí a criança chamou a mãe. E aí a mãe chegou e viu ela muito assustada e aí a criança contou que o monstro, no sonho, tava atrás dela. E daí a criança ficou bem e fim e brincou”.

Analisando a Fábula 10 em termos de comportamento de dependência e de independência é possível perceber que Carine, diante de uma situação de sonho mau, indicou que a personagem da história apresentou um comportamento de dependência da figura materna. A criança, ao sonhar com um monstro que iria pegá-la, chamou a mãe para ajudá-la no enfrentamento da situação *“Com um monstro que ia pegar ela, o monstro ia pegar e daí a criança chamou a mãe. E aí a mãe chegou e viu ela muito assustada e aí a criança contou que o monstro, no sonho, tava atrás dela. E daí a criança ficou bem e fim e brincou”.*

É possível perceber que Carine indicou que o personagem da história apresentou predominantemente um padrão de comportamento de dependência da figura materna. Diante de um sonho mau, Carine sugeriu, através do conteúdo de sua fábula, a necessidade que a criança possuía da presença, da disponibilidade e do cuidado materno.

Síntese da análise dos comportamentos de dependência e de independência de Carine

É possível apontar, a partir da análise das fábulas exploradas no presente estudo, que Carine indicou um padrão oscilatório de comportamentos. Tal aspecto pode ser observado a partir dos conteúdos revelados pelas cinco fábulas, onde três sugeriram um padrão predominantemente dependente (F2, F3, F5 e F10) e uma indicou um padrão oscilatório de comportamento, sendo que com desfecho dependente (F1).

Nas fábulas em que predominou um padrão de comportamento predominantemente dependente, é possível dizer que houve uma nuance em duas delas (F2 e F3). No que tange ao conteúdo revelado na F2, pode-se apontar que embora Carine tenha indicado que o personagem da história saiu da festa de casamento de seus pais, conforme proposto pelo teste, sugeriu também que preferia não ter realizado este

comportamento. O fato de ter muito barulho na festa e de ninguém querer escutá-la, a fez pensar em retornar para casa. Nesse caso em especial, entende-se este conteúdo revelado pela criança como um comportamento dependente das figuras parentais. Mesmo que Carine não tenha indicado um motivo para retornar à festa de aniversário de casamento, sugeriu uma resposta em que desejava voltar para casa.

Da mesma forma, percebe-se uma nuance no conteúdo revelado na F3. Ainda que Carine tenha mencionado que o cordeirinho maior foi comer capim fresco a pedido da mãe, é possível observar que também sugeriu que preferia não ter realizado tal comportamento. Além disso, indicou que o cordeirinho menor também deveria ter sido impossibilitado do leite materno, do mesmo modo que o maior. Esta resposta pode estar encobrindo o desejo de o cordeirinho maior tomar para si o leite do menor. Nesse caso, entende-se que a resposta de Carine apontou para um padrão de comportamento predominantemente dependente.

É possível notar ainda que na F1 e na F5 personagens das histórias apareceram em situação de vulnerabilidade e de necessidade de dependência dos cuidados da figura materna. Na F1, a criança indicou que o passarinho caiu do alto e precisou que a mãe o carregasse em suas costas. Na F5, o personagem da história ocupou uma posição indefesa, na medida em que colocou o dedo na tomada, o prendeu na porta e teve que ir ao hospital. Este episódio aconteceu justamente no dia em que sua mãe não estava presente, em função do nascimento da segunda filha.

É possível perceber ainda que Carine sugeriu que na F1 houve o apoio e a disponibilidade materna para ajudar o personagem da história no enfrentamento de uma situação difícil. Contudo, na F5, não apareceu uma mãe disponível, em função do nascimento do irmão. Tendo em vista que, de acordo com Cunha e Nunes (1993), o conteúdo desta fábula pode permitir que a criança expresse hostilidade, ansiedade, culpa e autopunição, é possível apontar que o fato de o personagem ter sido mal educado e desobediente indicou que Carine sugeriu dependência emocional e medo perder o amor da mãe.

Nesse sentido, pode-se mencionar que o conteúdo revelado pelas fábulas indicou um padrão de comportamento predominantemente dependente manifestado por Carine. Além disso, é possível que as respostas das histórias possam estar associadas ao contexto do gestação de um irmão e ao medo de separação da mãe. Pode-se dizer ainda que em uma das fábulas em que predominou um padrão oscilatório de comportamento, Carine indicou uma reação independente, possivelmente com receio de perder o amor,

os cuidados e a atenção materna.

Percepções maternas sobre os comportamentos de dependência e de independência do primogênito no contexto de gestação de um segundo filho

1. Percepções maternas sobre os comportamentos de independência e de dependência em algumas áreas do desenvolvimento infantil

O relato materno indicou que Carine apresentou um padrão de comportamento dependente do cuidado e da atenção da mãe nas áreas do desenvolvimento infantil exploradas no presente estudo. A mãe indicou que, no momento das refeições, Carine apresentava, tanto comportamento independente visto que se alimentava sozinha, quanto comportamento dependente, já que às vezes solicitava que a mãe lhe desse comida em sua boca, indicando um padrão oscilatório de comportamento *“Ela come sozinha desde os dois anos, que ela pega e come. É tranqüila, às vezes tem aquela coisa, ‘ai, mamãe me dá na boca’, mas isso é normal também, então daí eu dou, se eu já almocei, terminei de almoçar daí eu dou, que ela acaba comendo mais, ela come sozinha, mas chega uma hora parece que ela cansa, aí ela não come mais, aí se tu dar na boca, ela come mais”*. O fato de que a mãe dava a comida na boca de Carine foi considerado por ela como algo normal, uma vez que possibilitava uma alimentação de maior qualidade para a filha. Não houve mudança nesses comportamentos de alimentação ao longo da gestação *“Não, não [houve alguma mudança na alimentação], ela tem comido normal”*.

A mãe indicou que Carine apresentava um comportamento independente no que diz respeito à utilização do bico e da mamadeira antes da gestação. Contudo, depois que ficou sabendo da gravidez da mãe, Carine passou a exibir comportamentos dependentes no que se refere a esses hábitos. A mãe mencionou que a filha passou a apresentar reações mais regressivas naquele momento do seu desenvolvimento *“Ela teve uma regressão (...) ela nunca chupou bico, nem chupou mamadeira, do peito ela foi pro copinho (...). Ela não chupava bico, mamadeira, ela nunca tomou mamadeira na vida, agora, olha lá a mamadeira, desde o início do ano quando eu descobri que estava grávida, ela começou a mexer no baú dos achados dela, de bebê, e ela achou a mamadeira (...) e daí ela começou a me pedir bico (...) e agora (...) parece que intensificou (...) não engatinhou ainda [risos]”*.

No que tange à linguagem e à comunicação, o relato materno indicou que Carine apresentava, naquele momento, um comportamento dependente, visto que exibia fala mais infantilizada “*Eu noto que ela começou a falar que nem nenê, mas isso eu não sei se foi por causa do nenê, ou se foi por causa de (...) uma visita da minha gerente que trouxe a filhinha junto e que falava igual a nenê (...)*”. Contudo, a mãe mencionou não saber se essas alterações de comportamento na fala de Carine ocorreram em função do contexto do nascimento de um segundo filho ou da influência de amigos.

Com relação à hora de dormir, a mãe também sugeriu que Carine estava apresentando, naquele momento, um comportamento dependente, uma vez que estava dormindo na cama com os pais “*Desde que eu estou grávida ela vem pra minha cama.... ela sempre quis ir muito pra minha cama, mas agora mais ainda, então, ela dorme na minha cama (...) daí ele pega ela e leva ela pra cama dela. Vai pra minha cama no meio da noite, vai de manhã cedo, cinco da manhã, às vezes vai antes, e fica no meio da gente. Se ela vai no meio da noite e acorda sem eu do lado, ela tem um troço. Ela grita, ‘mãe, cadê a minha mãe’, (...) ‘mãe eu quero ficar contigo’*”. Além disso, a mãe também notou que a filha passou a demandar mais atenção e disponibilidade materna na hora do sono “*Se eu acordo dez da manhã, ela acorda dez da manhã, o que eu estou notando é isso, se eu acordo sete da manhã, ela acorda sete da manhã (...) desde que eu estou grávida, isso mudou. E se eu saio pé por pé e ela está dormindo, aí chegou ao meio dia, ela diz ‘tu não me avisou que ia sair de manhã, porque tu não me avisou! Filha, tu sabe que a mamãe tem que sair pra trabalhar de manhã. Eu não ia te acordar. Não, mas tu tinha que ter me acordado, pra me avisar que tu tava saindo’*”.

Diferentemente dessas outras áreas do desenvolvimento, o relato materno sugeriu que Carine passou a apresentar um comportamento independente no que se refere aos hábitos de toalete. Carine já havia tirado as fraldas do dia quando tinha dois anos, e as fraldas da noite foram retiradas ao longo da segunda gestação. A mãe mencionou que em um momento em que a mãe estava viajando que se conseguiu tirar as fraldas da filha, tendo sido o pai a pessoa quem conseguiu “*O da noite a gente tirou esse ano, porque ela (...) dizia que não queria tirar o da noite, (...) aí com quatro anos eu tentei tirar durante um mês eu acordava, eu levantava ela, levava ela pra fazer xixi, tava grávida já e ela fazia xixi na cama, foi assim umas duas semanas. Aí eu fiquei uma semana fora, eu tava grávida já de cinco meses (...) e ela ficou só com o Ronaldo, ela não fez um xixi na cama, ele que conseguiu (...) e quando eu voltei ela nunca mais fez*”.

Quanto à hora do banho e à escovação de dentes, o relato materno indicou que Carine apresentava um comportamento independente, na medida em que realizava essas atividades do cotidiano sozinha, porém sob orientação e auxílio de pelo menos um dos pais “*Nãooo eu escovo, ela escova sozinha (...) e eu vou dar uma olhada, se eu vejo que ficou sujo eu vou passar um fio dental, eu cuido muito dos dentes dela e ela não reclama disso (...) os dentes é eu, é eu que escovo. Mas, o banho (...) às vezes ela toma banho sozinha, mas geralmente é comigo e com o meu marido, mas ela que se lava*”. Contudo, a troca de roupa, de acordo com a mãe, era realizada somente pelos pais, sugerindo um comportamento dependente de Carine “*A troca de roupa, de manhã, quando eu saio e ela está acordada, eu troco, ou o meu marido troca, a gente troca*”.

2. Percepções maternas sobre os comportamentos de dependência e de independência do primogênito no relacionamento com a mãe

A partir do relato materno, é possível apontar que Carine estava apresentando um padrão de comportamento predominantemente dependente da figura materna, no que diz respeito ao relacionamento com a mãe. A mãe mencionou que Carine estava mais apegada, mais grudada à mãe depois que esta ficou grávida “*Aquela coisa assim, de não querer desgrudar. Eu acho que ela não quer desgrudar nunca. Pra trabalhar hoje de manhã, ela não queria deixar eu sair. De noite ela acorda de noite e grita: ‘mamãe!’, parece que eu fugi de casa (...) ela acordou às cinco da manhã aos berros: ‘cadê a minha mãe que não tava na cama’*”. A mãe apontou ainda que percebeu uma mudança nesses comportamentos de Carine naquele momento da gravidez “*Coisa que ela não fazia antes. Então, parece que eu vou fugir, parece que eu vou desaparecer de uma hora pra outra. Ela sempre foi muito apegada a mim. Mas eu acho que agora ela está mais. Ela não dá uma folga, não deixa... nem falar no telefone*”.

Esse comportamento de dependência de Carine, essa demanda por maior atenção, proximidade e cuidado, acabava exigindo da mãe muita paciência e a deixava muito cansada “*Muito cansada. A gente cansa muito. Mas eu não posso perder, como é que eu vou dizer, eu não posso passar isso pra ela. Eu estou com muita paciência. Sempre com muita paciência*”.

Naquele momento de grande exigência por parte da criança, o pai foi apontado pela mãe como uma importante figura na divisão de tarefas e de cuidado com a filha “*Muitas vezes meu marido interfere, quando ele vê, eu quero tomar banho... ela não me deixa eu tomar. Ela ‘aí eu me machuquei!’, ‘aí, deixa eu ver o teu machucado’*. Eu

procuro sempre dar atenção para ela, mas muitas vezes o pai tem que ajudar. Eu não sei se está coincidindo com a idade dela de birra". A partir da fala materna, é possível apontar um questionamento da mãe quanto à origem desse comportamento de dependência da filha.

Uma outra reação de Carine que sugeriu um comportamento de dependência ocorria quando a mãe se separava fisicamente da filha, principalmente ao deixá-la na escola "*O que mais me afeta é ela chorar. Quando ela chora, faz escândalo, se atira no chão (...) ela faz quando ela vai se separar de mim*". A filha não estava mais querendo se separar da mãe para ficar na escolinha "*Quando eu vou trabalhar, quando eu largo ela lá na escolinha, 'ai mamãe fica comigo, fica comigo, porque tu não fica comigo, eu não quero me separar de ti'. (...) Desde que eu estou grávida duas vezes aconteceram dela não querer ficar na escolinha e chorou e eu tive que ficar quase uma hora lá e foi um estresse. Mas essa última me abalou muito, eu fiquei o dia inteiro abalada*".

De acordo com o relato, a filha sabia que chorar mobilizava fortes sentimentos na mãe "*Ela sabe que com choro ela me desmonta (...) isso me abala muito, de não ficar com ela mais tempo, então eu acho que isso ela joga, ela já começa a jogar, então eu acho que isso me abala bastante, esse tipo de coisa, que ela faz que eu sei que ela faz*". Este comportamento de dependência da figura materna foi percebido pela mãe como um jogo realizado pela filha, uma vez que esta sabia que a mãe ficava abalada por não ficar mais tempo com a filha. A mãe apontou ainda que houve mudança com relação ao choro depois que engravidou da segunda filha "*Ficou mais manhosa, um choro mais forçado, quando chora é uma coisa mais forçada*".

Síntese das percepções maternas sobre os comportamentos de dependência e de independência de Carine no contexto de gestação de um segundo filho

É possível observar que as percepções maternas sobre os comportamentos de independência e de dependência no contexto de gestação do segundo filho apontaram para manifestações de maior dependência de Carine. O relato materno indicou que Carine apresentava, naquele momento, comportamentos predominantemente dependentes, tanto nas áreas do desenvolvimento infantil exploradas no presente estudo, quanto no relacionamento com a mãe.

A mãe indicou que Carine manifestou comportamentos predominantemente dependentes dos cuidados maternos em cinco áreas do desenvolvimento infantil (uso da mamadeira e da chupeta, linguagem, hora do sono e troca de roupa). A criança

apresentou comportamentos independentes em três áreas (hábitos de toalete, hora do banho e escovação de dentes) e em uma manifestou um padrão oscilatório (hora da alimentação).

No que se refere às áreas do desenvolvimento em que predominaram comportamentos dependentes, é possível apontar, a partir do relato materno, que Carine apresentou comportamentos regressivos nas seguintes áreas: linguagem, uso do bico e da mamadeira. Em tais hábitos, a mãe mencionou que a filha passou a exibir, ao longo da gestação, comportamentos que já havia deixado de realizar em algum momento do seu desenvolvimento. Quanto à hora do banho e à troca de roupa, a mãe indicou que a filha sempre apresentava comportamentos mais dependentes.

Nas áreas em que predominaram os comportamentos independentes (hábitos de toalete, banho e escovação de dentes), a mãe indicou que a filha realizava essas atividades sozinha, porém sob orientação de pelo menos um dos pais. Cabe destacar que Carine deixou de usar as fraldas noturnas ao longo da gestação materna e com o auxílio do pai. A mãe indicou que Carine apresentou comportamentos oscilatórios somente na hora das refeições, visto que se alimentava sozinha, mas também solicitava que a mãe lhe desse comida em sua boca.

Além disso, é possível observar que Carine apresentava um padrão de comportamento predominantemente dependente no que se refere ao relacionamento com a mãe. Naquele momento, a mãe percebeu que a filha estava mais apegada, grudada e que tais comportamentos exigiam muita paciência da mãe, deixando-a muito cansada. É importante salientar a importância do pai naquele momento, uma vez que auxiliava a mãe na divisão das tarefas e do cuidado com a filha mais velha.

Entendimento do Caso_04 Claudia e Carine

É possível indicar, a partir dos conteúdos revelados nas fábulas e do relato materno, que Carine apresentou um padrão de comportamento dependente naquele período da gestação materna do segundo filho. Nas histórias produzidas pelo Teste das Fábulas, Carine manifestou um padrão de comportamento predominantemente dependente. Da mesma forma, o relato materno indicou que Carine apresentava comportamentos dependentes da figura materna, tanto nas áreas do desenvolvimento infantil, quanto no relacionamento com a mãe.

No que tange ao instrumento projetivo, é possível apontar que em quatro fábulas Carine manifestou um padrão de comportamento predominantemente dependente (F2,

F3, F5 e F10) e em uma apresentou um padrão oscilatório de comportamento, com desfecho dependente (F1). Das fábulas em que predominou um padrão de comportamento dependente, é possível apontar que em duas indicou uma nuance (F2 e F3). Embora Carine tenha sugerido um comportamento independente, na medida em que indicou reações independentemente das figuras parentais, sugeriu também que preferia não ter realizado esse comportamento. Nesses casos em especial, entende-se que a criança indicou um padrão de comportamento predominantemente dependente, visto que forneceu indícios para se pensar que preferia não ter realizado o comportamento independente.

Cabe destacar ainda que Carine mostrou os personagens em situação de vulnerabilidade e de necessidade de dependência dos cuidados da figura materna nas fábulas em que predominou um padrão oscilatório de comportamento (F1 e F5). Além disso, cabe destacar que o conteúdo revelado na F5 pode estar associado ao contexto de gestação do segundo filho.

Outro aspecto que pôde ser observado no conteúdo de todas as fábulas é que Carine indicou soluções para as situações problema dos personagens associadas à temática da separação. As respostas das fábulas de Carine indicaram um possível medo de perder o amor, os cuidados e a atenção materna.

Nesse mesmo sentido, as percepções maternas sobre os comportamentos de independência e de dependência no contexto de gestação do segundo filho apontaram para manifestações de maior dependência da primogênita. Carine apresentava, naquele momento, comportamentos predominantemente dependentes, tanto nas áreas do desenvolvimento infantil exploradas no presente estudo, quanto no relacionamento com a mãe.

No que se refere às áreas do desenvolvimento infantil, a mãe indicou que em cinco Carine manifestou comportamentos predominantemente dependentes dos cuidados maternos (uso da mamadeira e da chupeta, linguagem, hora do sono e troca de roupa), em três áreas comportamentos independentes (hábitos de toalete, hora do banho e escovação de dentes) e em uma sugeriu um padrão oscilatório de comportamentos (hora da alimentação).

Da mesma forma, as percepções maternas sobre os comportamentos de Carine no que se refere ao relacionamento com a mãe apontaram para um padrão de comportamento predominantemente dependente dos cuidados maternos. Naquele momento da gestação, a mãe percebeu que a filha estava mais apegada e que este

comportamento exigia muita paciência da mãe, deixando-a muito cansada. É possível pensar também que o conteúdo das fábulas F1 e F5 possam ter relação com o contexto de gestação de um irmão e com o fato de a mãe ter mencionado Carine como mais apegada e dependente dos cuidados parentais, especialmente dos cuidados maternos. O fato de a criança ter indicado que ninguém queria escutá-la na festa de aniversário de casamento de seus pais (F2) pode estar associado à temática da separação e ao medo de perder o amor e a atenção dos familiares, em especial da mãe. Além disso, os conteúdos da F2 e F5 podem estar associados ao momento de vida que Carine está experienciando – o contexto de gestação de um irmão.

É possível supor, portanto, que Carine apresentou um padrão de comportamento predominantemente dependente da figura materna a partir do instrumento projetivo. Da mesma forma, as percepções maternas sugeriram comportamentos dependentes de Carine, tanto nas áreas do desenvolvimento infantil, quanto no relacionamento com a mãe. Nesse sentido, pode-se dizer que naquele momento em que a mãe estava grávida do segundo filho, a primogênita apresentava comportamentos dependentes que poderiam estar associados à temática da separação e do medo de perder o amor, os cuidados e a atenção materna.

3.5 Caso 5 – Angela e Leila

Leila tinha cinco anos de idade e era filha de Angela e Nilton, ambos com 34 anos. A criança freqüentava uma escola de educação infantil à tarde. Angela contava com 37 semanas de gestação de um menino, no momento em que a coleta de dados foi realizada e estava de repouso, uma vez que Paulo poderia nascer a qualquer momento.

Os comportamentos de dependência e de independência do primogênito em idade pré-escolar

A seguir, será apresentada a análise de conteúdo das histórias produzidas por Leila, a partir do Teste das Fábulas.

Fábula 1 – Fábula do Passarinho

“Não sei...Eu vou pensar...Eu acho que ele construiu um outro ninho. (P) Ele ficou no ninho. (P) Ele ficou com outra família. (P) Eram outros pássaros. Aí ele ficou morando lá. Ele pensou que eles tinham morrido. Depois ele voltou pro ninho que os

pais dele tinham feito outro. (P) Ele ficou com os pais dele e depois nasceu novos passarinhos. (P) Ele ficou feliz. Daí eles ficaram para sempre juntos”.

Leila indicou que o filhote passarinho apresentou um comportamento independente, visto que construiu um outro ninho e ficou morando com outra família de pássaros *“Não sei...Eu vou pensar...Eu acho que ele construiu um outro ninho. (P) ele ficou no ninho. (P) Ele ficou com outra família. (P) Eram outros pássaros. Aí ele ficou morando lá. Ele pensou que eles tinham morrido”*. No entanto, este comportamento apresenta uma nuance que merece ser destacada, na medida em que o filhote não ficou sozinho, mas com outra família, o que pode indicar que sua necessidade de dependência foi satisfeita de forma indireta. Além disso, Leila também indicou que o filhote passarinho apresentou um comportamento de dependência, na medida em que retornou para o ninho dos pais após estes terem construído outro *“Ele ficou com os pais dele e depois nasceu novos passarinhos. (P) Ele ficou feliz. Daí eles ficaram para sempre juntos”*.

Apesar de Leila ter indicado que, inicialmente, o filhote passarinho apresentou um comportamento independente, visto que construiu um outro ninho e ficou com outra família, indicou também que não ficou sozinho. O filhote buscou outra família, sugerindo uma necessidade de dependência, mesmo que de forma indireta. Além disso, Leila também apontou que o passarinho apresentou um comportamento dependente dos pais, na medida em que retornou ao ninho destes.

Portanto, houve uma oscilação entre os comportamentos de independência e de dependência do filhote passarinho no conteúdo da Fábula 1 de Leila. Outro aspecto que chama a atenção diz respeito ao fato de que Leila indicou o nascimento de novos membros na família, o que pode estar associado à circunstância de vida que a criança está experienciando – a chegada de um irmão.

Fábula 2 – Fábula do aniversário de casamento

“Porque...Vou continuar pensando. Porque ele ficou triste. (P) Que eles só conversavam. (P) O resto da família. E ninguém conversava com ele. (P) Aí ele ficou lá no quintal. Daí ele sentou atrás da árvore e ele pegou flores pra mãe dele. Daí ele voltou pra mesa e eles ficaram conversando. Aí terminou eu acho. (P) Agora antes ele se sentiu triste e depois se sentiu feliz e levou a flor pra mamãe”.

Leila indicou que o personagem da história saiu da festa de aniversário de casamento de seus pais *“Porque ... Vou continuar pensando. Porque ele ficou triste (P) Que eles só conversavam. (P) O resto da família. E ninguém conversava com ele. (P) Aí ele ficou lá no quintal”*.

Contudo, é possível indicar uma nuance no conteúdo revelado por esta fábula. Embora Leila tenha indicado que o personagem da história apresentou esse comportamento, buscou motivos para retornar à festa de aniversário de casamento de seus pais, na medida em que colheu flores para dar à mãe. Nesse caso em especial, entende-se que o conteúdo revelado pela criança sugere um padrão de comportamento predominantemente dependente da figura materna *“Daí ele sentou atrás da árvore e ele pegou flores pra mãe dele. Daí ele voltou pra mesa e eles ficaram conversando. Aí terminou eu acho. (P) Agora antes ele se sentiu triste e depois se sentiu feliz e levou a flor pra mamãe”*.

Assim, ainda que Leila tenha indicado que a criança saiu da festa de aniversário de casamento de seus pais, sugeriu também que preferiria não ter realizado esse comportamento. Logo, entende-se que o fato de o personagem da história ter buscado motivos para retornar à festa, dando flores à mãe, indicou que Leila sugeriu um padrão de comportamento predominantemente dependente da figura materna. É possível observar ainda que houve uma tentativa por parte da criança de agradar à mãe para que esta fornecesse a atenção exigida.

Fábula 3 – Fábula do cordeirinho

“Ele foi numa outra fazenda com uma outra mãe. (P) Aí ele ficou com saudades da mãe dele e depois ele ficou com vontade de voltar. E o cordeirinho ficou maior e o outro não, porque naquela fazenda não tinha outra ovelha. E aí ele voltou pra família dele. Daí ele ficou feliz. E terminou a história. (P) Aí ele voltou e o outro já tava grande e terminou a história. Ele ficou feliz com a família dele. Daí eles viveram felizes para sempre”.

Leila indicou um comportamento independente do cordeirinho, na medida em que este buscou uma outra mãe, em outra fazenda *“Ele foi numa outra fazenda com uma outra mãe”*. Da mesma forma que na Fábula 1, Leila indicou que o filhote não ficou sozinho e buscou outra mãe, em outra fazenda. Este comportamento pode indicar que sua necessidade de dependência foi satisfeita de forma indireta.

Embora o cordeirinho tenha apresentado um comportamento independente, desejou ir ao encontro da mãe, indicando ainda um comportamento dependente *“Aí ele ficou com saudades da mãe dele e depois ele ficou com vontade de voltar. E o cordeirinho ficou maior e o outro não, porque naquela fazenda não tinha outra ovelha. E aí ele voltou pra família dele. Daí ele ficou feliz. E terminou a história. (P) Aí ele voltou e o outro já tava grande e terminou a história. Ele ficou feliz com a família dele. Daí eles viveram felizes para sempre”*.

Além disso, Leila indicou que o cordeirinho apresentou um comportamento independente, na medida em que procurou outros vínculos substitutos que estivessem disponíveis durante a ausência materna. Este comportamento apresentou uma nuance que merece destaque, já que as necessidades de dependência foram satisfeitas de forma indireta, através da busca por outra família. Além disso, o cordeirinho indicou ainda um comportamento de dependência, visto que voltou para a família de origem. É possível perceber, através do conteúdo da Fábula 3 de Leila, que houve uma oscilação entre os comportamentos de independência apresentados pelo personagem herói da história, com desfecho dependente.

Fábula 5 – Fábula do medo

“Ele tem medo do escuro e tinham apagado a luz e ele enxergou a mesa e pegou um papel e agarrou. (P) Que ele achava que existia monstro. (P) Ele saía da cama e ia pra mesa e depois ele ia pro quarto da mãe e do pai deles. E cada vez que ele dormia, ele voltava cada vez pra cama dos pais dele quando botaram na cama dele. Cada vez eles ficaram mais brabos e quando ele foi crescendo ele não voltou mais pra cama do pai e da mãe dele e ficou na cama dele e terminou a história e fim”.

Leila indicou que o personagem da história apresentou um comportamento de dependência da presença física e da disponibilidade dos pais frente a uma situação que lhe causava medo *“Ele tem medo do escuro e tinham apagado a luz e ele enxergou a mesa e pegou um papel e agarrou. (P) Que ele achava que existia monstro (P) Ele saía da cama e ia pra mesa e depois ele ia pro quarto da mãe e do pai deles. E cada vez que ele dormia, ele voltava cada vez pra cama dos pais dele quando botaram na cama dele”*. Contudo, Leila também indicou que o personagem da história apresentou um comportamento independente. A criança não voltou mais à cama de seus pais, uma vez que estes ficaram bravos por ela ter ido procurá-los à noite *“E cada vez eles ficaram*

mais brabos e quando ele foi crescendo ele não voltou mais pra cama do pai e da mãe dele e ficou na cama dele e terminou a história e fim”.

A partir do conteúdo da fábula de Leila, é possível apontar que houve uma oscilação entre comportamento dependente e de independência. Por um lado, a criança apresentou maior dependência física e emocional dos pais frente a uma situação que lhe causava medo, uma vez que os buscou para ajudá-la no enfrentamento da situação. Por outro lado, houve uma exigência dos pais de que essa criança se comportasse de maneira mais independente. Dessa forma, na medida em que essa criança foi crescendo, foi respondendo às expectativas dos pais de comportar-se de modo independente. É possível apontar ainda que tenha ocorrido uma associação entre medo do escuro e medo de ficar sozinha, uma vez que o escuro pode acentuar a sensação de separação.

Fábula 10 – Fábula do sonho mau

“Ela sonhou que os pais dela tinham ido embora. E aí ela ficou braba e foi ver no quarto e foi ver na sala, e eles não tavam em nenhum lugar. E quando foi ver na sala tavam lá o tio, a mãe, o pai, a tia, o dindo, o vô e a vó, porque era o aniversário da criança. E aí ela ficou com eles e ela ficou feliz com eles de novo. E aí eles ficaram felizes para sempre. E aí eles viveram sempre juntos”.

Leila indicou que o personagem da história apresentou um comportamento dependente das figuras parentais, uma vez que, frente a um sonho mau, a criança foi em busca dos pais “(...) *E aí ela ficou braba e foi ver no quarto e foi ver na sala, e eles não estavam em nenhum lugar. E quando foi ver na sala estavam lá o tio, a mãe, o pai, a tia, o dindo, o vô e a vó, porque era o aniversário da criança. E aí ela ficou com eles e ela ficou feliz com eles de novo. E aí eles ficaram felizes para sempre. E aí eles viveram sempre juntos*”. É possível apontar ainda que Leila tenha indicado, através do conteúdo de sua fábula, o medo de separação e de perda do amor parental em função da gestação de um irmão “*Ela sonhou que os pais dela tinham ido embora*”.

Percebe-se que houve um padrão de comportamento predominantemente dependente, uma vez que o personagem da história foi em busca dos pais, mostrando-se emocionalmente dependente das figuras parentais. É importante salientar que, da mesma forma que na Fábula 5, o conteúdo revelado na Fábula 10 de Leila sugeriu a temática da separação e o receio de perder o amor e a disponibilidade dos pais. Essa história pode

estar associada também ao contexto em que a criança estava vivendo naquele momento – a espera do nascimento de um irmão.

Síntese da análise dos comportamentos de dependência e de independência de

Leila

É possível apontar, a partir da análise das fábulas, que Leila indicou um padrão oscilatório de comportamento. Pôde-se observar, a partir dos conteúdos revelados pelas cinco fábulas, que três sugeriram um padrão oscilatório (F1, F3 e F5) e duas indicaram um padrão de comportamento predominantemente dependente (F2 e F10).

Nas fábulas em que predominou um padrão oscilatório de comportamento, é possível destacar que, em duas (F1 e F3), Leila indicou que os personagens das histórias manifestaram um comportamento independente, porém satisfizeram sua necessidade de dependência de forma indireta. Os personagens das fábulas foram em busca de uma outra mãe ou de uma outra família, buscando vínculos substitutos que estivessem disponíveis durante a ausência materna. Além disso, na F5, é possível observar que Leila indicou um comportamento independente, somente a partir da exigência dos pais de que o personagem se comportasse de modo independente. Na medida em que a criança foi crescendo, foi respondendo às expectativas dos pais de não procurá-los durante a noite.

Dentre as fábulas em que predominou um padrão de comportamento dependente, é possível apontar uma nuance revelada pelo conteúdo da F2. Embora Leila tenha indicado que o personagem da história saiu da festa de aniversário de casamento de seus pais em função de que ninguém queria escutá-lo, encontrou também um motivo para retornar à mesma, dando flores à mãe. Nesse caso em especial, entende-se que Leila sugeriu um padrão de comportamento predominantemente dependente da figura materna. É possível que esta manifestação de dependência esteja associada a uma tentativa por parte da criança de agradar à mãe para que esta fornecesse a atenção exigida.

Outro aspecto importante que cabe ser mencionado, diz respeito à temática da separação, mencionada em duas das fábulas elaboradas por Leila (F5 e F10). A criança pode ter associado o medo de escuro ao medo de ficar sozinha, ou até mesmo ao medo de separação e ao receio de perder o amor e a disponibilidade e atenção dos pais, sobretudo da mãe. Tal aspecto pode também ter relação com o momento de vida em que a criança se encontrava naquele momento – o contexto de gestação de um irmão.

Nesse sentido, pode-se perceber que o conteúdo revelado pelas fábulas indicou mais um padrão oscilatório de comportamentos manifestados por Leila. Contudo, cabe destacar que, dessas fábulas em que predominou esse padrão, em duas Leila apresentou um desfecho dependente. É possível apontar também que as respostas das histórias podem estar associadas ao contexto de gestação de um irmão, à temática da separação e ao receio de perda do amor, dos cuidados e da atenção materna. Outro aspecto que chama atenção diz respeito ao fato de que em duas das fábulas Leila indicou modos substitutos de satisfazer de forma indireta sua necessidade de dependência, na medida em que buscou outra mãe e/ou outra família.

Percepções maternas sobre os comportamentos de dependência e de independência do primogênito no contexto de gestação de um segundo filho

1. Percepções maternas sobre os comportamentos de independência e de dependência em algumas áreas do desenvolvimento infantil

O relato materno indicou que Leila apresentava comportamentos independentes da figura materna nas áreas do desenvolvimento infantil exploradas no presente estudo. No que se refere à hora da alimentação, a criança apresentava um comportamento independente, visto que era capaz de alimentar-se sozinha “*Quando não existe uma pressão de tempo (...) ela faz a refeição dela sozinha, come numa boa (...) Ela come sozinha, habilidades ela tem todas*”. Contudo, a mãe mencionou que, em função do pouco tempo que a família possuía na hora do almoço, acabava colocando a comida na boca da filha, sugerindo um padrão de comportamento oscilatório “*Meu marido chega tarde (...) e a gente tem esse hábito de almoçar juntos (...) e aí ela fica, ela quer conversar, ela brinca, ela se distrai e cai ao redor da cadeira, ela levanta, ela senta, ela vai. Aí, quando eu me dou por conta eu mesma (...) estou botando na boca*”. A mãe percebeu ainda que, se não fosse o pouco tempo para as refeições e para a organização das demais atividades, a criança comeria mais sozinha “*Ela, na verdade, eu acho que ela comeria mais sozinha se não fosse a pressão de tempo (...) E realmente assim, eu vejo que quando me dou por conta já estou botando na boca dela, pela pressão temporal, tem que arrumar, tem que escovar os dentes, tem que isso, tem que aquilo, pra ir pra escola*”.

No que tange ao uso da mamadeira e do bico, o relato materno indicou que Leila apresentava comportamento independente. A mãe mencionou que a filha já era uma

moça e que, por isso, não fazia mais uso de tais utensílios “*Não, não toma mamadeira. É uma moça, não chupa bico, não toma mamadeira e não faz xixi na cama, não usa fraldas, né filha?*”.

Quanto à linguagem, a verbalização materna indicou que Leila apresentava, naquele período da gestação, um comportamento dependente, uma vez que exibia, em alguns momentos, uma fala mais infantilizada “*A linguagem dela sempre foi muito elogiada, muito desenvolta desde muito pequena (...) Mas ontem, ela começou a fazer uma voz de ‘mãezinha, o que tu quer?’ e o Júnior olhou e disse ‘ué, o que aconteceu, quantos anos tu tem, esqueceu Leila, tu tem cinco anos, quantos tu tem, tem dois?’ E ela deu uma mexida na voz pela primeira vez eu percebi isso ontem que ela ficou assim. Eu percebi em alguns momentos que ela (...) disse ‘mãezinha, por que tu não pode deitar comigo?’ (...) E daí eu disse ‘amanhã tu dorme no meu colo, vou te fazer um carinho’ e aí quando era no dia que ela foi dormir no meu colo, ela deu uma mexida na voz assim uma infantilizada na voz, disse ‘mãezinha, faz de conta que eu tenho...’, eu disse ‘o quê, filha?’, ‘não, não, não, eu tenho cinco anos mesmo’, se abraçou em mim e daí ficou quietinha. Então, talvez ela fosse fazer algum jogo, mas ela desistiu, entendeu e daí ficou por isso mesmo”.*

A mãe mencionou ainda a possibilidade de a filha ter usado essa alteração de comportamento de ficar com a fala mais infantilizada como tentativa de fazer algum jogo com a mãe.

No que se refere à hora de dormir, o relato materno indicou que Leila apresentava um comportamento dependente, uma vez que costumava pegar no sono na cama dos pais. A mãe mencionou que o pai chegava mais tarde em casa e levava a filha para sua cama depois que esta já estava dormindo “*Meu marido (...) chega mais tarde e aí então, normalmente a gente toma banho e aí vamos pra minha cama eu e ela (...) quando ele chega, ele leva pra cama dela, ela acorda na cama dela só de manhã. E ela sempre sabe que ela vai pra cama dela, não tem restrições*”. A mãe apontou que este comportamento dos pais de deixar a filha pegar no sono em sua cama era mais por comodidade e por querer ficar mais tempo junto com a filha “*E a gente queria começar a fazer uma inversão nesse processo, ela já pegar no sono na cama dela, que foi mais por comodidade da gente que ela passou a pegar no sono com a gente na cama, pra curtir ela dormir juntinho, amassa ela um pouquinho pra depois colocar ela na caminha dela. Isso nunca gerou problemas dela pular pra nossa cama e não querer ir na cama dela*”. Além disso, naquele período da gestação em que a mãe se encontrava, a criança estava manifestando um desejo de permanecer por mais tempo na cama dos pais

“Agora, ela está mais assim, ‘ai, quero dormir na cama de vocês’, ‘não, eu quero pegar no sono, aqui’, ‘hoje, eu quero dormir aqui’, a gente sempre trabalha, ‘não, tu vai, tu pode pegar no sono aqui, mas depois tu vai pra tua caminha’”.

Quanto aos hábitos de toailete, o relato materno indicou que Leila apresentava um padrão oscilatório de comportamentos, ora exibindo comportamentos independentes, ora reações dependentes da figura materna. De acordo com a mãe, Leila não apresentava frequentemente regressão quanto ao controle dos esfíncteres, porém havia ocorrido uma única situação recentemente *“Não teve nenhuma regressão assim desse tipo de fazer xixi, coco ou ter algum problema pra fazer. (...) salvo esse dia que tenha escapado na cama à noite, semana passada, nós fomos deitar (...) e ela dormiu com a gente e aí fez, escapou o xixi (...) pela primeira vez ela fez xixi na cama. Nunca fez na vida, desde que ela tirou a fralda, eu não tirei a da noite. Eu não tiro a da noite direto e eu não queria que ela fosse dormir com a preocupação ‘eu não posso me molhar’. (...) Então ela ficou uma semana com a fralda sequinha e eu disse ‘agora a mãe vai tirar filha e se escapar xixi, não te problema, a gente lava, troca e pronto’”.* Por outro lado, a mãe mencionou ainda que Leila pedia para que a mãe fizesse a sua higiene após ir ao banheiro *“Ela realmente pede pra que eu limpe quando ela faz cocô, porque eu prezo por isso, às vezes, não consegue fazer a higiene direito, tem a vagina também que é um pouco mais delicada”.* A mãe percebeu também que essa demanda aumentou naquele momento em que a mãe estava de repouso *“Agora, quando eu tava de repouso que ela está me exigindo mais, que ela queria que eu fosse lá, que eu limpasse isso e aquilo”.*

O relato materno indicou que Leila apresentava um comportamento independente na hora do banho. Embora a mãe supervisionasse essa atividade, a filha realizava tal hábito de higiene sozinha *“Então, ela começou a desenvolver isso de tomar banho sozinha e, até mesmo o cabelo, só controlo a quantidade de xampu, se precisar, ela faz sozinha, outro dia até tocou o telefone quando ela tava tomando banho, quando eu cheguei, ela disse ‘tu demorou, eu já lavei meus cabelos e já passei creme’, eu disse ‘preciso cheirar pra ver se está bem cheiroso’, ‘não, mãe, eu já lavei’. Então, não cheirei, nem nada, enfim, tem que dar um voto de confiança”.* A mãe percebeu ainda que foi preciso confiar na criança e também deixá-la realizar algumas atividades de maneira mais independente. Notou também que, muitas vezes, ficava muito presente, não deixando que a criança fizesse as atividades por ela mesma *“Então ela tomou banho sozinha, ela se vira realmente, a gente que, às vezes, acaba ficando ali*

em cima". No período intermediário da gestação, a mãe tentou fazer com que Leila tivesse o seu próprio momento de tomar banho e de se vestir sozinha, sem a presença materna "A gente até passou uma fase no meio da gravidez que eu comecei a tentar imprimir um tomar banho sozinha e um se vestir sozinha prevendo já o final da minha gravidez que ia ser difícil a movimentação". Porém, a mãe percebeu que perdia duas horas com o seu banho e o da filha, e então resolveu que as duas passariam a tomar banho juntas "Mas para não perder duas horas no banho meu e no banho dela, a gente tomava banho juntas, mas é ela quem se faz a higiene, ela se lava, eu dou uma geral de bumbum e pepeca e ela lava o resto com a sua esponjinha".

A mãe apontou a figura paterna como a auxiliando na participação e na divisão das tarefas da filha, embora esta demandasse o cuidado materno "E aí ele seca, porque secar é mais complicado, se abaixar, secar as dobrinhas e ver se está bem sequinho e botar a roupa. Então, ontem ela tava resistindo ao pai, não queria de jeito nenhum, 'não quero, a minha mamãe me tira'". De acordo com a mãe, Leila, em alguns momentos, não aceitava a participação do pai na hora de retirá-la do chuveiro e de enxugá-la, desejando que a mãe realizasse tais cuidados. Por outro lado, a necessidade de repouso materno fez com que houvesse uma maior proximidade entre Leila e o pai "Eu achei que ela conseguiu desfocar um pouco de mim e focar um pouco no Nilton, talvez por uma abertura mais de espaço dele, ele levou ela para passar sem a minha presença, quando eu tava mais cansada, coisas assim. Acho que eles ficaram um pouco mais próximos".

No que tange à escovação de dentes, o relato materno indicou que Leila apresentava comportamento independente, visto que realizava tal atividade sozinha durante o dia. Porém, quando a mãe estava presente, a auxiliava nesse hábito de higiene. "A gente fala e ela vai (...) vamos escovar os dentes, a gente vai lá com ela, eu escovo o meu, ela escova o dela, eu ponho a pasta pra ela não colocar demais, ela molha e escova, pede pra gente dar a geral, 'mãe, dá a geral' e aí a gente dá a última escovadinha pra ver se fica tudo bem. E aí, ela enxágua a boca e deu. Durante o dia, ela escova sozinha".

O relato materno indicou que Leila apresentava um comportamento dependente da figura materna no que se refere à troca de roupa. Leila não gostava muito de se vestir e pedia ajuda para a mãe, mas se precisasse vestia-se sozinha "Ela não gosta muito de se vestir, quer que a gente ajude, mas ela se precisar, se veste. Ela não tem muita paciência de colocar meia, por exemplo, 'porque irrita, porque me dá angústia, porque

olha aqui, porque não sei o que’, ‘arruma filha, puxa, põe de novo, tu sabe botar’”. Contudo, é possível apontar ainda que Leila apresentava um comportamento independente na escolha de suas próprias roupas. A mãe escolhia as possibilidades de vestimentas adequadas para a estação e, dentre essas, oferecia a oportunidade para a filha fazer sua escolha *“Normalmente ela não escolhe a roupa mais adequada por tempo. Então, eu procuro escolher uma roupa com ela que a gente concorde, que esteja adequada, ela pode escolher essa, essa, essa e essa que seja de manga comprida ou que seja de manga curta. Então, ela escolhe a roupa e eu só regulo a temperatura”*. Assim, é possível dizer que o relato materno indicou que Leila apresentava um padrão oscilatório de comportamentos para a troca de roupa.

2. Percepções maternas sobre os comportamentos de dependência e de independência do primogênito no relacionamento com a mãe

O relato materno indicou que Leila apresentava comportamento dependente da figura materna, visto que era mais agarrada com a mãe *“A Leila todo o foco dela sou eu, sou eu. [Ela é mais agarrada] Comigo. No momento da comida, no momento do choro, no momento do banho, do dormir, ela é muito grudada na gente assim”*. A mãe mencionou ainda que a filha demandava muita atenção, disponibilidade e cuidado materno *“A Leila tem uma identificação muito grande comigo. Porque se ela tiver que fazer uma opção em qual colo ela vai sentar, ela vai sentar comigo. Se ela tiver que escolher com quem ela vai tomar banho, ela vai tomar banho comigo, se ela quer sentar do lado de alguém, é do meu lado”*.

Esse comportamento de maior dependência aumentou ao longo da gestação, especialmente no terceiro trimestre da gravidez em que a barriga tornou-se mais saliente *“Eu acho que aumentou um pouco o grude assim. Mais comigo, eu noto mais comigo assim. Eu noto mais comigo uma dependência, tem que ser a mamãe, ‘a mamãe aqui, a mamãe isso, mamãe aquilo’. Eu acho que mais comigo sim. E mais agora pro final, mais agora que a barriga ficou aparente, que a proximidade ficou muito clara assim, eu acho. Ai ficou mais”*.

Outro fato que intensificou tal comportamento foi a necessidade de repouso da mãe ao final da gestação. *“Não posso dirigir, não posso sair, estou um pouco cansada de estar sempre em casa, sempre em casa. Mas em termos de rotina eu acho até que eu não sei se é muito benéfico isso, que ela tinha uma independência um pouco maior de mim. Quando eu tava trabalhando, ela se virava sozinha, se vestia, escolhia a roupa*

(...). *E agora eu estou todos os dias em casa de manhã. (...) Eu é quem visto ela, vou lá escolher a roupa junto, vou prender o cabelo, faz um penteado diferente*". A mãe pareceu refletir ainda sobre o quanto esta proximidade pode ter sido benéfica ou não para a independência da filha. Foi observado também que se deixasse mais tempo para a criança realizar algumas atividades, esta acabaria apresentando comportamentos mais independentes da figura materna *"Então assim, eu percebo honestamente de que se a gente desse mais espaço, ela fazia muito mais coisas independente (...) ela tem muita habilidade, só que a gente, às vezes, acaba protegendo demais"*.

A mãe percebeu ainda que Leila ficou ressentida com o fato de que a mãe não podia mais atender às suas solicitações, em função do repouso e do período gestacional em que se encontrava *"Eu acho que ela se ressentiu um pouquinho da questão do 'vem me limpar, vem me dar banho', quando eu entrei de repouso principalmente ficou mais claro para ela, 'agora a minha mãe não pode me limpar, agora a minha mãe não pode me dar banho, agora a minha mãe não pode isso, não pode aquilo'. Eu acho que aí ela se ressentiu um pouquinho com essa limitação de movimento"*. Contudo, a mãe apontou ainda que, ao mesmo tempo em que a filha pareceu ter percebido que houve uma necessidade de cuidados e repouso por parte da mãe, também exigia sua atenção e cuidados *"Então assim, ao mesmo tempo em que eu acho que ela percebeu a necessidade de zelo, ela não conseguia conter uma vontade de demanda"*.

O relato materno indicou ainda uma preocupação em desenvolver a independência da filha em alguns aspectos. A mãe estimulava Leila a não ser tão compreensiva e ser mais contestadora, de forma que pudesse manifestar mais o seu desejo próprio *"Teve também uma fase, que ela era tão compreensiva, que isso me preocupou. 'Então, ela não vai relutar? Vai dizer amém pra tudo, digo, ah, não!'" (...)* *Aí eu cheguei a me preocupar um pouco com isso até que ela mesma começou a contestar algumas coisas, eu dizia 'não' e ela 'amém', 'não' e ela 'amém', 'não', 'como não, mãe', digo, 'ah, tu está contestando, que bom!'. E aí, fui trabalhando com ela algumas coisas, até dela poder dizer se ela não está contente com alguma coisa, então diga 'não gostei'"*. Além disso, a mãe mencionou que estava procurando manejar a situação de estimular o desenvolvimento da independência de Leila, explicando-lhe o que é saudade e tentando transmitir-lhe segurança *"A gente veio num processo com ela tentando, sem forçar, mas independizar ela um pouco. (...) Então a gente tenta independizar ela um pouquinho. (...) A gente está tentando imprimir isso nela, mas a gente fica meio assim, porque a gente procura passar uma segurança pra ela de que a saudade passa, de que*

a gente se reencontra no dia seguinte, ou dali a dois dias que ela vai curtir, que ela vai se divertir, mas isso não é o suficiente porque na hora da crise a gente não está lá pra administrar”.

A mãe também acreditava que o fato de a filha desenvolver independência estava associado também com a questão de ela mesma administrar o momento de crise e a saudade dos pais *“E claro que a independência dela passa também por se administrar a sua própria crise. Então a gente está tentando dar essa independência pra ela um pouquinho mais de dormir fora (...) a gente tem procurado, não pela chegada do Pedro, mas há mais tempo desenvolver um pouquinho essa independência dela de dormir. Porque é sofrido pra ela esse momento”.* A mãe percebeu que pode ser sofrido para a filha dormir fora de casa, naquele momento, uma vez que a filha estava demandando mais atenção *“Até, agora, ela tem pegado no sono mais na nossa cama. Antes ela dormia direto na caminha dela. O meu pai diz assim ‘ela não tem maturidade pra dormir na casa dos outros ainda, é muito sofrido porque ela chora com saudade de vocês’. (...) Então a gente tem que desenvolver isso, só que ao mesmo tempo é uma sinuca de bico porque, por exemplo, bom eu quero desenvolver essa independência nela, mas não sou eu que estou trabalhando com ela naquele momento.”.*

A mãe relatou ainda que estava tendo o cuidado de não estimular demais esses comportamentos de independência de forma que Leila não associasse este processo ao nascimento do irmão *“Então a gente está vivendo esse processo com ela. E por outro lado, eu fico meio assim a gente nunca sugere, já dissemos pra ela várias vezes, (...) mas a gente não fica empurrando (...) pode passar na cabecinha dela alguma coincidência que o mano está chegando, então a gente não quer fazer essa conexão de forma alguma”.*

Síntese da análise das percepções maternas sobre os comportamentos de dependência e de independência de Leila no contexto de gestação de um segundo filho

É possível observar que as percepções maternas sobre os comportamentos de independência e de dependência no contexto de gestação do segundo filho apontaram, tanto para manifestações de independência, quanto de dependência de Leila. O relato materno indicou que Leila apresentava comportamentos independentes nas áreas do desenvolvimento infantil exploradas no presente estudo, enquanto que no relacionamento com a mãe, a criança exibia comportamentos dependentes.

No que se refere às percepções maternas acerca dos comportamentos de Leila em algumas áreas do desenvolvimento, o relato materno indicou que a filha manifestava comportamentos independentes em quatro áreas do desenvolvimento infantil (uso da mamadeira e da chupeta, hora do banho, escovação de dentes). Em três áreas (hora da alimentação, hábitos de toalete e troca de roupa), a criança apresentava um padrão oscilatório de comportamento, ora manifestando comportamentos independentes, ora dependentes. Em duas das áreas, a mãe sugeriu comportamentos dependentes de Leila (hora de dormir e linguagem).

No que se refere às áreas do desenvolvimento em que predominaram comportamentos independentes, é possível apontar que Leila realizava as atividades de tomar banho e de escovação de dentes sozinha, ainda que a mãe supervisionasse a realização de tais hábitos. A mãe também mencionou que ficava muito presente e percebia que, se deixasse a filha, esta realizaria as atividades por ela mesma, de modo independente. Cabe destacar também que a mãe apontou que precisava de mais tempo para deixar Leila realizar os próprios hábitos de higiene, mas que para isso precisaria confiar mais na filha.

Nas áreas de desenvolvimento (hora da alimentação, hábitos de toalete e troca de roupa) em que a mãe indicou que a filha apresentava um padrão oscilatório de comportamento, é possível apontar que Leila exibia comportamentos independentes, na medida em que realizava tais atividades sozinha. Contudo, ou solicitava que a mãe a ajudasse em tais hábitos ou esta acabava realizando as atividades pela criança. Quanto aos hábitos de toalete, a mãe observou que a filha passou a demandar mais de seus cuidados depois que ficou de repouso, em função da gravidez.

Das áreas em que predominou um padrão dependente (sono e linguagem), cabe destacar que em a mãe mencionou que a filha, estava desejando permanecer por mais tempo na cama dos pais. É importante enfatizar ainda que a mãe deixava a filha ficar em sua cama para ficarem mais tempo juntas. Além disso, o comportamento de dependência de manifestar fala infantilizada foi percebido pela mãe como um jogo realizado pela criança para ganhar mais atenção parental.

Além disso, é possível observar que Leila apresentava um padrão de comportamento predominantemente dependente no que se refere ao relacionamento com a mãe. O relato materno indicou que Leila sempre apresentou um comportamento mais dependente da figura materna. Contudo, naquele momento, a mãe percebeu que a filha estava mais agarrada e demandava mais atenção, disponibilidade e cuidado. A mãe

associou a intensificação desses comportamentos à sua necessidade de repouso e, também, ao fato de que estava no terceiro trimestre de gestação e, que, portanto, a barriga tornava-se mais saliente. Esta maior proximidade da criança causava inquietação na mãe, a qual se preocupava em desenvolver a independência da filha em alguns aspectos.

Entendimento do Caso_05 Angela e Leila

É possível indicar, a partir dos conteúdos revelados nas fábulas e no relato materno, que Leila apresentava um padrão oscilatório naquele período da gestação materna do segundo filho. Nas histórias produzidas pelo Teste das Fábulas, Leila sugeriu um padrão oscilatório de comportamentos. No que se refere ao relato materno, a mãe indicou que Leila apresentava comportamentos independentes nas áreas do desenvolvimento infantil. No relacionamento com a mãe, a criança exibia comportamentos dependentes.

No que se refere ao instrumento projetivo, é possível apontar que em três fábulas Leila sugeriu um padrão oscilatório de comportamento (F1, F3 e F5) e em duas indicou um padrão de comportamento predominantemente dependente (F2 e F10). Das fábulas em que predominou um padrão oscilatório de comportamento, cabe destacar que em duas (F1 e F3), Leila indicou um comportamento independente, porém satisfizes sua necessidade de dependência de forma indireta, buscando vínculos substitutos que estivessem disponíveis durante a ausência materna. Além disso, é possível indicar que, na F5, Leila indicou um comportamento independente a partir da exigência dos pais de que o personagem não fosse à procura destes durante a noite.

Outro aspecto que cabe destacar diz respeito à temática da separação apontada em duas das fábulas (F5 e F10). É possível que Leila tenha associado o medo de escuro com o medo de ficar sozinha, ou também com o medo de separação e o receio de perder o amor e a disponibilidade e atenção da mãe. A partir do conteúdo das fábulas F1, F5 e F10 é possível indicar que Leila associou tais situações propostas ao contexto de gestação de um irmão.

No que tange às percepções maternas, pôde-se observar que, nas áreas do desenvolvimento, o relato indicou que Leila manifestava comportamentos independentes em quatro áreas do desenvolvimento infantil (uso da mamadeira e da chupeta, hora do banho, escovação de dentes). A mãe indicou também um padrão oscilatório de comportamento em três áreas (hora da alimentação, hábitos de toailete e

troca de roupa). Em duas, sugeriu comportamentos dependentes de Leila (hora de dormir e linguagem). Cabe destacar que a mãe mencionou que ficava muito presente e percebia que se deixasse a filha, esta realizaria as atividades por ela mesma, de modo mais independente. A mãe também apontou que precisava de mais tempo para deixar Leila realizar os próprios hábitos de higiene, mas para isso precisaria confiar mais na filha. É importante apontar ainda que, ao longo da gestação, Leila estava desejando permanecer por mais tempo na cama dos pais. Este comportamento dependente da filha era percebido pela mãe como um momento para ficarem mais tempo juntas.

As percepções maternas sobre os comportamentos de Leila no relacionamento com a mãe apontaram para um padrão de comportamento predominantemente dependente. A mãe percebeu que, naquele momento, a filha estava mais agarrada e demandava mais atenção, disponibilidade e cuidado. A intensificação desses comportamentos foi associada pela mãe à sua necessidade de repouso e, também, ao fato de que estava no terceiro trimestre de gestação, em que a barriga estava mais saliente. Esta maior proximidade da criança causava inquietação na mãe, a qual se preocupava em desenvolver a independência da filha em alguns aspectos.

Nesse sentido, pode-se perceber que o conteúdo revelado pelas fábulas indicou mais um padrão oscilatório de comportamentos manifestados por Leila. É possível apontar também que as respostas das histórias parecem estar associadas ao contexto de gestação de um irmão, à temática da separação e ao receio de perder o amor, os cuidados e a atenção materna. Chama a atenção o fato de que em duas das fábulas Leila indicou modos substitutos de satisfazer de forma indireta sua necessidade de dependência, na medida em que buscou outra mãe e/ou outra família. É possível pensar que este conteúdo revelado por Leila esteja associado com a preocupação da mãe em desenvolver a independência da filha.

CAPÍTULO IV

DISCUSSÃO

Os resultados do presente estudo serão discutidos em relação aos comportamentos de dependência e de independência do primogênito em idade pré-escolar, procurando-se analisá-los no contexto de gestação de um irmão. Além disso, serão discutidas as percepções maternas sobre esses comportamentos nesse contexto. Para tanto, a fim de promover uma melhor compreensão dos resultados, os aspectos considerados serão apresentados em duas partes. Na primeira, será apresentada uma síntese dos aspectos singulares de cada caso, procurando-se entender os comportamentos de dependência e de independência do primogênito, bem como as percepções maternas sobre esses comportamentos, a partir dos instrumentos utilizados no presente estudo. Na segunda parte, serão discutidos os comportamentos de dependência e de independência, buscando-se salientar os aspectos comuns que se destacaram nos resultados revelados no presente estudo, discutindo-os à luz da literatura.

Parte I – Os comportamentos de dependência e de independência do primogênito em idade pré-escolar: aspectos singulares

Esta primeira parte consiste na apresentação dos aspectos singulares dos comportamentos de dependência e de independência revelados em cada caso. A discussão desses comportamentos será realizada a partir das histórias produzidas pelos primogênitos no Teste das Fábulas, bem como a partir das percepções maternas sobre esses comportamentos, indicadas nas entrevistas.

Na Tabela 2, apresenta-se uma síntese dos resultados referentes aos comportamentos de dependência e de independência revelados no instrumento projetivo. As percepções maternas sobre esses comportamentos são exibidas na Tabela 3.

**Tabela 2. Comportamentos de dependência e de independência da criança
revelados no Teste das Fábulas**

| Criança | F1 | F2 | F3 | F5 | F10 |
|----------------|-----------|-----------|-----------|-----------|------------|
|----------------|-----------|-----------|-----------|-----------|------------|

| | | | | | |
|-------------------------------|----------------|---------------|---------------|--------------|--------------|
| Roberto/C1⁵ | Oscilatório*** | Independente* | Independente* | Oscilatório | Oscilatório |
| Marcos/C2 | Dependente** | Oscilatório | Independente* | - ** | Dependente** |
| Emanuela/C3 | Oscilatório | Dependente** | Oscilatório | Dependente | Dependente |
| Carine/C4 | Oscilatório** | Dependente | Dependente | Dependente** | Dependente |
| Leila/C5 | Oscilatório | Dependente | Oscilatório* | Oscilatório* | Dependente |

⁵ Cabe destacar que, no decorrer deste Capítulo IV, serão apresentados os nomes dos primogênitos seguidos da identificação do número do caso (p.ex.: Roberto/C1; Roberto primogênito do Caso 1). Esta forma será utilizada também para identificar os nomes das mães (Eva/C1).

* = Referência ao crescimento do personagem da história

** = Referência a um personagem vulnerável, fraco e indefeso

Tabela 3. Percepções maternas sobre os comportamentos de dependência e de independência da criança no contexto de gestação de um segundo filho

| Mãe | Áreas de desenvolvimento | | | | | | |
|---------------------|--------------------------|------------------------------|----------------|----------------|----------------|--------------------|------------------|
| | Alimentação | Bico | Mamadeira | Linguagem | Hora do Sono | Hábitos de Toalete | Hora do Banho |
| Eva/C1 | Oscil. | Depend. | Depend. | Independ. | Oscil. | Depend | Depend. |
| Diana/C2 | Oscil. | - | Depend. | Depend. | Depend. | Oscil. | Depend. |
| Ana Laura/C3 | Oscil. | Independ⁶. | Oscil. | Independ. | Oscil. | - | Independ. |
| Claudia/C4 | Oscil. | Depend. | Depend. | Depend. | Depend. | Independ | Independ. |
| Angela/C5 | Oscil. | Independ. | Independ. | Depend. | Depend. | Oscil. | Independ. |

⁶ Em negrito encontram-se os comportamentos de dependência e de independência que as mães indicaram ter sofrido alteração ao longo da gestação, tanto nas áreas do desenvolvimento infantil, quanto no relacionamento com elas.

É possível indicar, a partir das tabelas, alguns aspectos que se sobressaem nos comportamentos de dependência e de independência de cada primogênito, no contexto de gestação de seu irmão. Conforme mostra a Tabela 2, o instrumento projetivo revelou que Roberto/C1 apresentou um padrão de comportamento oscilatório, ora manifestando comportamentos independentes, ora comportando-se de modo dependente da figura materna, em três fábulas analisadas (F1, F5 e F10). Em duas (F2 e F3), Roberto/C1 indicou um padrão de comportamento predominantemente independente. Já o relato materno, apontou que Roberto apresentava mais comportamentos dependentes da figura materna, tanto nas áreas do desenvolvimento infantil, quanto no relacionamento com a mãe.

No que se refere ao ponto de vista da criança, chama a atenção que o primogênito fez referência ao crescimento dos personagens em três fábulas analisadas (F1, F2 e F3). Nessas fábulas, em especial, Roberto/C1 sugeriu que o personagem desejava crescer de forma a igualar-se à mãe e ao pai. É possível observar também que Roberto/C1 indicou um personagem indefeso, fraco e vulnerável, que necessitava de cuidados, em uma das fábulas em que apresentou um padrão oscilatório de comportamento (F1). Nessa fábula, o primogênito mostrou um personagem em situação de vulnerabilidade e de dependência, na medida em que indicou que o passarinho caiu no chão e machucou a pata, não conseguindo mais voar. Embora Roberto/C1 tenha sugerido essa dependência, não mencionou se houve um cuidado e disponibilidade por parte das figuras parentais. Nas outras duas fábulas (F5 e F10), em que predominou um padrão oscilatório de comportamento, Roberto/C1 indicou que o personagem, embora assustado, apresentou um comportamento independente, na medida em que foi para a escola e realizou suas atividades escolares. Somente ao final do dia, a criança encontrou os pais, sugerindo dependência nos desfechos das histórias.

Os conteúdos revelados pelo primogênito podem ser melhor entendidos a partir do relato materno. Tendo em vista o ambiente familiar de Roberto/C1, é possível compreender o fato de ter predominado um padrão de comportamento oscilatório e predominantemente independente nas respostas do instrumento projetivo. Os pais trabalhavam em turno integral e saíam cedo da manhã, deixando Roberto/C1, ainda adormecido, na casa da avó. Por volta do primeiro horário da manhã, a criança ia para a escola de transporte escolar e, somente ao final do dia, um dos pais o buscava. É possível dizer que, diante da realidade de passar mais tempo longe de casa e dos pais,

Roberto/C1 estivesse mais acostumado com a ausência parental, tendo que lidar de forma independente com as situações que lhe causavam ansiedade. Contudo, mostrava-se dependente, principalmente, quando a mãe estava presente e mais disponível, ocupando uma posição em que acabava demandando maior necessidade de cuidado e de atenção da figura materna.

Do ponto de vista materno, o primogênito apresentava um padrão de comportamento dependente em várias áreas do desenvolvimento infantil e no relacionamento com a mãe naquele momento da gestação. Além disso, a mãe percebeu que houve alteração no comportamento do filho, que passou a ficar mais dependente em uma área do desenvolvimento (hora do sono) e, especialmente, no relacionamento com ela. Estes comportamentos de maior demanda e proximidade de Roberto/C1 passaram a ocorrer ao longo da gestação materna e mobilizaram sentimentos de felicidade e satisfação na mãe, tendo sido percebidos como positivos.

É possível observar ainda que a mãe estimulava os comportamentos dependentes do filho mais velho em algumas áreas do desenvolvimento (alimentação e sono). Quanto ao uso do bico, foi possível perceber que a mãe apresentava-se ambivalente. Se, por um lado, estimulava que o filho apresentasse um comportamento independente, largando esse hábito, por outro, também acolhia o comportamento de dependência, manifestando preocupação com o possível sofrimento do mesmo ao abandonar o bico. Pode-se observar também que a mãe, embora estivesse satisfeita com a aproximação e a dependência do filho mais velho, acabava fazendo exigências com conotação de ameaça ao mesmo. O primogênito deveria ocupar uma posição de menor dependência e deveria comportar-se bem após o nascimento do bebê, caso contrário passaria o dia todo na escola. Nesse caso em especial, mesmo o ambiente enfatizando a independência da criança em algumas áreas do desenvolvimento, a alteração do comportamento desta ocorreu no sentido de dependência. Percebeu-se a partir do relato materno que houve uma tendência de Roberto/C1, no contexto de gestação de seu irmão, a manifestar comportamentos de dependência, ainda que o ambiente tenha exigido comportamentos independentes.

Assim, a manifestação de comportamentos oscilatórios e de independência do primogênito nas fábulas pode estar associada ao ambiente familiar, assim como às exigências maternas de que o filho se comportasse bem, uma vez que, segundo a mãe, já estava crescendo, com cinco anos, e, portanto, mais independente. Estes padrões de comportamentos revelados a partir do instrumento projetivo foram um aspecto singular

indicado por esse caso. Nos demais observados no presente estudo, houve a predominância de comportamentos oscilatórios e dependentes.

Por exemplo, Marcos/C2 mostrou um padrão de comportamento dependente da figura materna, tanto no teste projetivo, quanto nas entrevistas respondidas pela mãe. Chama atenção que Marcos/C2 indicou personagens vulneráveis e indefesos que, sem a presença e o cuidado maternos, não sabiam qual atitude deveriam tomar (F1, F5 e F10). Conforme ilustrado pela Tabela 2, Marcos/C2 apresentou um padrão de comportamento dependente em duas fábulas (F1 e F10), sendo que na F2 manifestou um padrão oscilatório com desfecho dependente da figura paterna. É importante mencionar a participação da figura paterna no cuidado e nas tarefas do cotidiano de Marcos, conforme relato materno.

Os comportamentos de dependência de Marcos/C2, ilustrados na Tabela 2, podem ser melhor entendidos ao serem associados às percepções sobre esses comportamentos indicados na Tabela 3. Do ponto de vista materno, também houve um padrão de comportamento dependente de Marcos/C2, tanto em algumas áreas do desenvolvimento, quanto no relacionamento com a mãe. Estes comportamentos foram apontados como tendo sido intensificados ao longo da gestação, especialmente em algumas áreas do desenvolvimento (linguagem e hora do sono) e no relacionamento com a mãe. Chama atenção também o fato de que, nesses aspectos em que houve alteração, a mãe mencionava ter estimulado estes comportamentos de dependência. Observou-se ainda que Marcos/C2 apresentava dificuldades em relação à separação da mãe, naquele momento. Cabe destacar ainda que a mãe entendia o fato de o filho ter apresentado esses comportamentos de dependência e maior demanda como algo que podia ser explicado não só pelo período da gravidez, mas também, pelo momento do desenvolvimento infantil. Estes comportamentos foram, por vezes, incentivados pela mãe e, ao mesmo tempo, despertaram sentimentos de irritabilidade na mesma, uma vez que tinha que dar conta das demandas do filho mais velho. Assim, observou-se que os comportamentos de dependência revelados nos conteúdos das histórias produzidas por Marcos/C2 podem estar associados ao fato de que o ambiente, por vezes, os estimulava.

Da mesma forma que Marcos/C2, a Tabela 2 também indica que Carine/C4 manifestou um padrão de comportamento predominantemente dependente em quatro fábulas (F2, F3, F5 e F10), sendo que em uma apresentou um padrão oscilatório de comportamento com desfecho dependente (F1). No que se refere ao ponto de vista da criança, cabe destacar uma nuance observada em duas fábulas (F2 e F3). Embora

Carine/C4 tenha sugerido um comportamento independente, na medida em que indicou reação independente das figuras parentais, sugeriu também que preferia não ter agido daquela forma. Nesses casos em especial, entende-se que a criança indicou um padrão de comportamento predominantemente dependente, visto que forneceu indícios para se pensar que preferia não ter realizado o comportamento independente.

Outro aspecto que pôde ser observado no conteúdo de todas as fábulas é que Carine/C4 indicou soluções para as situações problema dos personagens, associadas à temática da separação. As respostas das fábulas indicaram um possível medo de perder o amor e os cuidados maternos. Chama atenção também a referência a personagens vulneráveis e indefesos (F1 e F5) que necessitavam de cuidados e amparo materno. Os conteúdos revelados nestas duas fábulas podem ter tido relação com o contexto de gestação de um irmão e o momento de vida no qual Carine/C4 se encontrava. Na F5, em especial, houve a indicação de nascimento de novos membros à família. Além disso, estes conteúdos podem indicar a disponibilidade materna para atender à criança.

Do ponto de vista materno, o primogênito também apresentava um padrão de comportamento dependente, tanto nas áreas do desenvolvimento infantil, quanto no relacionamento com a mãe. As percepções maternas apontaram que a primogênita ou intensificou os comportamentos dependentes que apresentava em alguns aspectos (hora do sono e o relacionamento com a mãe), ou ainda passou a exibir, ao longo da gestação, comportamentos que já havia deixado de realizar em algum momento do seu desenvolvimento (uso do bico, da mamadeira e linguagem). Além disso, mostrava-se mais apegada e grudada à mãe, reagindo aos momentos de separação. Estes comportamentos de maior dependência e demanda, percebidos pela mãe como regressivos, exigiam muita paciência da mesma mãe, deixando-a muito cansada. Cabe destacar ainda que a mãe se questionava se as alterações de comportamento de ficar mais dependente se deviam ao contexto de gestação de um irmão ou à influência de amigos e colegas. É importante salientar a participação do pai, naquele momento, que segundo a mãe, a auxiliava na divisão das tarefas e do cuidado com a filha mais velha.

É possível pensar que a manifestação de comportamentos dependentes de Carine/C4 estivesse sendo acolhida pelo ambiente familiar, uma vez que, tanto a partir do ponto de vista materno, quanto da criança, foram referidas a disponibilidade e a presença parental, sobretudo da mãe. Pode-se dizer que naquele momento em que a mãe estava grávida do segundo filho, a primogênita apresentava comportamentos dependentes que poderiam estar associados à temática da separação e do medo de

perder o amor, os cuidados e a atenção materna.

Da mesma forma, Leila/C5 também manifestou uma tendência a comportamentos dependentes. Embora o instrumento projetivo tenha indicado que a criança apresentou um padrão oscilatório de comportamento em três fábulas (F1, F3 e F5), é possível perceber também que em duas delas manifestou um desfecho dependente (F1 e F3). Conforme ilustrado pela Tabela 2, houve ainda a manifestação de padrão de comportamento dependente em duas fábulas (F2 e F10). É possível apontar ainda que houve uma nuance em duas fábulas (F1 e F3) que merece ser destacada. Leila/C5 indicou que os personagens das histórias não ficaram sozinhos, mas com outra família, na medida em que procuraram outros vínculos substitutos que estivessem disponíveis durante a ausência materna. Este comportamento pode indicar que a necessidade de dependência de Leila/C5 foi satisfeita de forma indireta. Esta nuance caracteriza-se como um aspecto singular revelado por esse caso. Houve também referência ao crescimento dos personagens das histórias (F3 e F5) e ainda tentativas de agradar à mãe (F1 e F5). É importante destacar que, no conteúdo da F5, Leila/C5 tenha feito uma associação entre medo do escuro e medo de ficar sozinha, uma vez que o escuro pode acentuar a sensação de separação. Em algumas fábulas, percebeu-se ainda que, as histórias contadas tinham relação com o nascimento de novos membros à família (F1, F5 e F10). Cabe destacar ainda que na F5 em que predominou um padrão oscilatório, Leila/C5 manifestou um desfecho independente. Este comportamento independente foi indicado, na medida em que o personagem foi crescendo e respondendo às expectativas e às exigências dos pais de comportar-se de forma mais crescida e independente.

A mãe percebeu que houve alteração de comportamento da filha, que passou a ficar mais dependente na linguagem, hora do sono, hábitos de toalete e no relacionamento com a mãe. O relato materno indicou que Leila/C5 passou a demandar muita atenção e disponibilidade da mãe naquele momento, especialmente no último trimestre de gestação, em que a barriga tornava-se maior e a mãe necessitava fazer repouso em função do período gestacional. Foram percebidas ainda alterações de comportamento na hora do banho. Cabe destacar que a mãe preocupava-se em desenvolver a independência da filha e mencionou algumas áreas do desenvolvimento infantil em que ela manifestava comportamento independente (uso da mamadeira e da chupeta, hora do banho e escovação de dentes). Houve ainda a referência à participação do pai nos cuidados com a filha mais velha.

A manifestação de um padrão oscilatório e de dependência da primogênita, nas fábulas (F1, F3 e F5) anteriormente salientadas, pode estar associada ao ambiente familiar. É possível pensar que Leila/C5 estivesse manifestando um padrão oscilatório de comportamento, em função das exigências do ambiente e do estímulo à independência, sobretudo por parte da figura materna. Embora a mãe tenha percebido a filha como mais independente em algumas áreas do desenvolvimento, pode-se observar que, naquele momento, apresentava alterações de comportamento que tendiam para a dependência. Isto pôde ser percebido, tanto no relacionamento com a mãe, quanto na linguagem e na hora do sono. O fato de a mãe possivelmente ter percebido a filha como mais independente pode ser utilizado para entender as particularidades desse caso. Leila/C5 revelou no conteúdo de duas fábulas (F1 e F3) que o personagem foi em busca de vínculos substitutos que estivessem disponíveis durante a ausência materna. É possível que Leila/C5 tenha buscado a satisfação indireta de sua necessidade de dependência emocional através de outros meios.

Para finalizar, o caso 3 chama atenção em função de algumas particularidades nas manifestações dos comportamentos da criança e das percepções maternas sobre esses comportamentos. A partir da Tabela 2, pode-se observar que Emanuela/C3 manifestou um padrão de comportamento dependente em três fábulas (F2, F5 e F10), sendo que em duas manifestou um padrão oscilatório com desfecho dependente da figura materna (F1 e F3). No que tange ao ponto de vista da criança, merece ser destacado que, em todas as fábulas analisadas no presente estudo, Emanuela/C3 indicou que o personagem foi ao encontro da figura materna. Este dado sugere que a criança demandava atenção e disponibilidade, sobretudo da mãe, no enfrentamento de situações que lhe causavam ansiedade. Houve ainda referência a um personagem indefeso e vulnerável (F2) que necessitava de cuidados e atenção da mãe.

Em contraposição, conforme ilustra a Tabela 3, do ponto de vista materno, a criança manifestava um padrão oscilatório de comportamento em algumas áreas do desenvolvimento infantil e no relacionamento com a mãe. Por um lado, Emanuela/C3 exibia comportamentos independentes, realizando atividades do cotidiano sozinha e exibindo vontades próprias de maneira mais firme. Por outro, mostrava-se dependente, solicitando a presença, a atenção e a disponibilidade dos cuidadores, sobretudo da figura materna. Essas oscilações de comportamento também desencadeavam sentimentos ambivalentes na mãe. Se, por um lado, os comportamentos de demanda e de exigência causavam sentimentos de cansaço, por outro, quando a filha se afastava, sobretudo em

direção à figura paterna, ou não se comportava de modo dependente, a mãe ficava incomodada e enciumada. Isto se deve porque, de acordo com o próprio relato, a mãe era muito grudada na filha. Cabe destacar que quando a mãe não atendia às exigências e demandas da criança, esta se comportava de maneira agressiva com a mãe. É importante enfatizar que nos momentos em que Emanuela manifestou comportamentos independentes com relação à mãe, aproximou-se da figura paterna.

Percebeu-se também que Emanuela/C3 passou a apresentar alterações em seus comportamentos de dependência e de independência no relacionamento com a mãe e, também, em algumas áreas do desenvolvimento (uso do bico, da mamadeira, hora do sono e do banho). Essas alterações ocorreram ao longo da gestação do segundo filho, porém não foram associadas, pelo relato materno, a esse contexto. Chama atenção que a mãe estimulava a independência da filha em alguns momentos (hora do banho e relacionamento). Para a mãe, o fato de a filha crescer e ser mais independente a tornava mais próxima e mais companheira dela.

É possível dizer que Emanuela/C3 estava reagindo ao contexto de gestação de seu irmão, indicando, por meio do Teste das Fábulas, um padrão de comportamento dependente da figura materna. Estas manifestações de dependência podem ser uma forma de a criança estar respondendo ao ambiente familiar e à estimulação materna em direção a uma maior independência e crescimento da filha. Naquele momento em que a mãe estava grávida do segundo filho, Emanuela/C3 mostrava reações em que demandava muita atenção e disponibilidade materna em determinadas situações. No entanto, a mãe exigia que a filha mostrasse sinais de independência e de crescimento. Além disso, percebia que Emanuela/C3 apresentava, ora movimentos de aproximação, ora de afastamentos e, até mesmo, comportamentos mais firmes e agressivos com ela. Pode-se pensar que, naquele momento, o ambiente não estivesse disponível para as demandas e exigências da criança, bem como não estivesse atento para as possíveis alterações que ocorrem em função desse contexto de vida. Ainda que o ambiente estivesse estimulando a independência e o crescimento da criança, é possível notar que a tendência se deu no sentido de dependência.

Parte II – Os comportamentos de dependência e de independência do primogênito em idade pré-escolar: aspectos comuns

Nesta segunda parte, serão apresentados os aspectos comuns dos comportamentos de dependência e de independência do primogênito no contexto de gestação de seu irmão, revelados a partir do instrumento projetivo e das entrevistas realizadas com as mães, bem como demais pontos importantes que tiveram relação com esses comportamentos. Esses aspectos serão discutidos procurando relacionar os dados encontrados com os achados da literatura.

É possível assinalar que o padrão de comportamento predominantemente dependente foi uma tendência observada nas respostas, tanto das crianças a partir do instrumento projetivo, quanto das mães nas entrevistas. Os dados observados confirmam achados da literatura que apontaram que, no contexto de espera de um irmão, o primogênito foi percebido como mais dependente, agarrado e demandando maior atenção e cuidados maternos (Baydar & cols. 1997a, 1997b; Brazelton & Sparrow, 2003; Dessen & Mettel, 1984; Dunn & Kendrick, 1980; Dunn & cols. 1981; Field & Reite, 1984; Gottlieb & Baillies, 1995; Gottlieb & Mendelson, 1990; Gullicks & Crase, 1993; Holditch, 1992; Kendrick & Dunn, 1980; Murphy, 1993; Osborne, Harris, O'shanghnessy & Rosenbluth, 1974; Stewart & cols. 1987).

Do ponto de vista da criança, é possível dizer que os primogênitos buscaram a atenção, a presença e a disponibilidade parental, sobretudo da mãe, nos conteúdos revelados nas fábulas. As crianças mostraram-se emocionalmente dependentes da presença e do apoio da figura materna, na medida em que indicaram que os personagens das histórias foram em busca desta para ajudá-la na realização de atividades que mobilizavam ansiedade. É possível assinalar, conforme mostra a Tabela 2, que o padrão de comportamento dependente se sobrepôs aos demais, principalmente na F2, F5 e F10. Pode-se pensar que a temática dessas fábulas revele eventos situacionais em que a criança pôde identificar-se com o personagem herói da história, bem como permite associação a uma experiência real ou a um representante simbólico (Cunha & Nunes, 1993). O modo como a criança reage frente a condições que lhe causam ansiedade e medo pode indicar a forma como encontra soluções no mundo, assim como sugere a percepção que possui da disponibilidade materna frente a essas situações. As F5 e F10, em especial, oportunizam à criança manifestar sentimentos mobilizados pelas fábulas anteriores, constituindo o subgrupo de fábulas que possui a função de controle (Cunha & Nunes, 1993).

No que se refere ao ponto de vista materno, pode-se dizer que as mães indicaram comportamentos dependentes do primogênito, tanto em algumas áreas do desenvolvimento infantil (uso da mamadeira e da chupeta, linguagem e hora do sono), quanto no relacionamento com a mãe, conforme ilustra a Tabela 3. Um tipo de comportamento dependente que apareceu nas áreas do desenvolvimento foi a retomada do uso da mamadeira e do bico. Este comportamento dependente manifestado foi percebido como uma forma de suprir a carência do filho, como um hábito que foi retomado pela criança depois que ficou sabendo da gestação, e também como um recurso utilizado quando estava cansada.

Outro comportamento foi fala mais infantilizada, naquele momento, o qual foi percebido de diferentes modos pelas mães, ou como algo passageiro, ou como uma influência da gestação do segundo filho e/ou de amiguinhos. Esse comportamento foi percebido também como um jogo realizado pela criança para ter mais atenção materna. A criança, na idade pré-escolar, está descobrindo a linguagem como uma forma de comunicar idéias e sentimentos (Brazelton & Sparrow, 2003). O desenvolvimento da linguagem está intimamente relacionado às capacidades individuais da criança e também a ambientes ricos em termos de estimulação (Bee, 1997). Essa possibilidade de utilizar as palavras fornece à criança um poder sobre si e sobre o ambiente que está a sua volta, moldando seu entendimento do mundo e a auxiliando na formulação de seus próprios pensamentos (Brazelton & Sparrow, 2003). É possível apontar que a fala infantilizada pode ter sido utilizada como uma maneira de influenciar os cuidadores. A forma como alguns primogênitos se comunicavam podia estar refletindo a necessidade de dependência da figura materna associada ao contexto de gestação de um irmão.

Observou-se ainda que as percepções maternas indicaram comportamentos dependentes do primogênito na hora do sono. Ainda que as crianças fossem capazes de dormir sozinhas, desejavam permanecer por mais tempo na cama dos pais, ou até mesmo dormir com estes. As mães mencionaram também que seus filhos passaram a exigir mais atenção, presença e disponibilidade materna no momento do sono. Além de os primogênitos demandarem comportamentos dependentes na hora do sono, as mães também referiram que este comportamento garantia comodidade para os pais e também satisfação do desejo de permanecer mais tempo com seus filhos. De modo geral, a hora do sono pode tornar-se um problema para pais e filhos, uma vez que se constitui em um momento de separação física e/ou emocional, principalmente para os pais que ficam fora durante o dia (Brazelton & Sparrow, 2003). O comportamento de dependência,

manifestado pelo desejo de dormir com os pais ou ainda pelos episódios de despertar durante a noite, caracterizava-se como possibilidade de reencontro. No contexto de gestação de um bebê, é possível perceber que as mães do presente estudo pareceram estar reavaliando o dormir junto com o filho mais velho. Contudo, de acordo com Brazelton e Sparrow (2003), os pais que tentarem, um pouco antes ou depois do nascimento, mudanças nesses arranjos do sono geralmente enfrentarão mais dificuldades. Isso se deve ao fato de que a criança dependerá não só da própria capacidade de aprender a dormir sozinha, mas também da habilidade de seus pais separarem-se dela durante a noite. Se a mãe não puder apoiar a criança no aprendizado de voltar a dormir por conta própria, criará um padrão de sono na criança que se tornará difícil de alterar (Brazelton & Sparrow, 2003).

No que se refere aos comportamentos de dependência, manifestados pelo primogênito, no relacionamento com a mãe, é possível assinalar que as crianças foram apontadas como mais apegadas, agarradas, grudadas e próximas à mãe. O relato materno indicou também que estavam mais atenciosos, carinhosos e solicitavam mais a atenção, a presença e o cuidado materno. As verbalizações indicaram ainda que esses comportamentos de dependência e de maior demanda no relacionamento com a mãe foram apontados como tendo surgido ou se intensificado ao longo da gestação do segundo filho, especialmente, no último trimestre de gestação, quando a barriga tornava-se mais saliente. Esse dado também corrobora estudo realizado por Gottlieb e Baillies (1995), visto que estes pesquisadores também apontaram que as reações do primogênito diferem conforme o período gestacional da mãe, intensificando-se nas semanas finais da gestação.

Merece ser destacada a manifestação de um padrão oscilatório de comportamento do primogênito, tanto no ponto de vista da criança, quanto nas percepções maternas, conforme mostra a Tabela 2, além da referência ao padrão de comportamento dependente. Estes achados corroboram algumas pesquisas que indicaram que, especialmente no contexto de nascimento de um segundo filho, o primogênito apresenta um padrão oscilatório e, até mesmo, contraditório de comportamentos. Se, por um lado, há uma maior independência e autonomia, por outro, há o desejo de receber a mesma atenção e cuidados que o bebê (Dessen & Metel, 1984; Field & Reite, 1984; Gottlieb & Mendelson, 1990; Stewart & cols. 1987).

As respostas reveladas no conteúdo das Fábulas que manifestaram esse padrão de comportamento caracterizaram-se, em um momento, como reações independentes, na

medida em que havia indicação de que os personagens agiram independentemente do apoio e da presença das figuras parentais. Em outro momento, caracterizaram-se como reações dependentes, visto que os personagens foram ao encontro de pelo menos um dos pais ou sugeriram a necessidade de apoio e de cuidado. Houve ainda respostas em que os personagens encontraram maneiras de satisfazer sua dependência de forma indireta, fazendo menção a figuras de cuidado substitutas. Geralmente, em contexto de mudanças e de adaptações, as crianças parecem readquirir o domínio de si mesmas, ao buscarem eventualmente outros vínculos que substituem a atenção materna (Brazelton & Sparrow, 2003). Este padrão oscilatório de comportamento apareceu principalmente nas respostas à F1. O conteúdo desta fábula propõe uma situação de ameaça de crise do ambiente familiar e de abandono da criança pelos pais (Cunha & Nunes, 1993). É possível pensar que os primogênitos, naquele momento, indicaram uma oscilação de comportamentos frente a uma condição de dependência.

O relato materno também revelou um padrão de comportamento oscilatório do primogênito, nas seguintes áreas do desenvolvimento: alimentação, hábitos de toailete e troca de roupa. As percepções maternas indicaram que os primogênitos manifestaram, em determinados momentos, um desejo de crescer, comportando-se, muitas vezes, como se fossem crescidos, talvez impulsionados pelas próprias mães. Ao mesmo tempo, essas mães indicaram também que seus filhos apresentaram-se de modo dependente dos cuidados maternos nessas áreas do desenvolvimento, visto que solicitavam a disponibilidade e a presença dos pais para a realização das atividades do cotidiano.

As mães mencionaram que seus filhos apresentaram um padrão oscilatório de comportamento no que se refere à hora da alimentação, conforme mostra a Tabela 3. O relato indicou que os primogênitos eram capazes de alimentar-se sozinhos, sugerindo um comportamento independente. Por outro lado, também apontou para comportamentos dependentes, na medida em que ou as mães lhes ofereciam e davam a comida, ou o próprio filho solicitava que estas lhes alimentassem. A alimentação torna-se uma oportunidade para a criança em idade pré-escolar experimentar sua própria autonomia, visto que batalha entre a dependência - ser alimentada - e a independência - alimentar a si mesma (Brazelton & Sparrow, 2003). As brincadeiras, as seleções ou as recusas de comida podem estabelecer a independência da criança, ou ainda podem ser utilizadas como um meio de representar seu conflito em relação a essa conquista. Para estes autores, a comida pode ser usada como uma forma de barganhar afeto, cuidado e recompensas dos pais, constituindo-se em uma mensagem dos sentimentos da criança.

A hora das refeições pode ser uma oportunidade para torná-la o centro das atenções, ou ainda para distrair a família de eventos ou de interações que não quer experienciar.

É comum a criança, nessa faixa etária, fazer uma oscilação entre independência e dependência (Brazelton & Sparrow, 2003; Osborne & cols. 1974), uma vez que está em um estágio de transição em seu desenvolvimento, ainda não sendo capaz de orientar-se de modo independente, necessitando de uma figura parental (Holditch, 1992). Esta figura de cuidado deve ser suficientemente atenta às suas necessidades e deve estar disponível para oferecer apoio quando a tarefa a desempenhar lhe parecer muito difícil (Holditch, 1992; Mahler, 2002; 1982; Winnicott, 1983).

Houve também indicação de um padrão de comportamento predominantemente independente do primogênito, em algumas respostas ao instrumento projetivo (Tabela 2), bem como ao relato materno (Tabela 3). Houve menos indicação desse padrão, tanto do ponto de vista das crianças, quanto do ponto de vista das mães, quando comparado aos padrões de comportamento predominantemente dependente e oscilatório. Do ponto de vista da criança, perceberam-se reações dos personagens das histórias ou determinadas atitudes independentes dos cuidados, da presença e da disponibilidade das figuras parentais, sobretudo da mãe. Do ponto de vista materno, foi possível perceber comportamentos independentes do primogênito em algumas áreas do desenvolvimento (hora do banho e escovação de dentes). Os primogênitos realizavam essas atividades de higiene do cotidiano sozinhos, porém com o auxílio e a orientação da mãe. Pesquisas também apontaram que primogênitos apresentaram sinais de crescimento e de independência no contexto de gestação de um irmão, na medida em que insistiam em comer sozinhos, vestir-se, ir ao banheiro e tomar banho sozinhos (Baydar & cols. 1997a; 1997b; Dunn & Kendrick 1980; Dunn & cols. 1981; Gottlieb & Baillies, 1995; Stewart & cols. 1987). Estas manifestações de independência tornam-se possíveis na idade pré-escolar, uma vez que as crianças já adquiriram certo grau de independência para a realização de algumas atividades do cotidiano (Brazelton & Sparrow, 2003; Holditch, 1992).

É possível apontar ainda outros eixos de discussão que se sobressaem nos resultados revelados. Do ponto de vista da criança, cabe destacar a referência ao crescimento de personagens em algumas das histórias. Os conteúdos revelados no Teste das Fábulas sugeriram desejo de crescer de forma a igualar-se às figuras parentais, sugerindo uma posição de menor dependência, sobretudo dos cuidados maternos. As crianças, algumas vezes, se esforçam em abandonar o papel de bebê da família,

desejando ser grande da mesma forma que a mamãe e o papai (Brazelton & Sparrow, 2003). O fato de ser como o pai e a mãe torna-se um meio de a criança sentir-se mais próxima destes, sobretudo quando sente-os distantes e ocupados. Assim, entende-se que os primogênitos do presente estudo, que fizeram referência ao crescimento, poderiam estar sugerindo que este desejo de crescimento seria um meio de lidar com o difícil momento de se ajustar às alterações provenientes do contexto de gestação de um irmão (Gottlieb & Baillies, 1995; Kendrick & Dunn, 1980; Murphy, 1993; Stewart & cols. 1987). A aprendizagem de compartilhar os cuidados e o amor dos pais, sobretudo da mãe, constitui-se um momento especial para o primogênito que também deve abandonar seu papel de ser o bebê e o filho único da família (Brazelton & Sparrow, 2003).

Outro conteúdo revelado a partir do instrumento projetivo que merece ser destacado refere-se à indicação de personagens vulneráveis e indefesos. Algumas respostas apontaram personagens em situações de desamparo e de dependência de cuidados e da disponibilidade dos pais, sobretudo da mãe. As lesões, seguidas ou não de cuidados adequados, costumam aparecer nas respostas reveladas nas fábulas, sugerindo que o personagem da história esteja ocupando uma posição de maior dependência (Cunha & Nunes, 1993).

Cabe apontar também a associação das respostas reveladas nas fábulas ao medo de separação da mãe, à ameaça de perda de seu amor e de seus cuidados. É possível pensar que esse medo tenha relação com o contexto de vida no qual a criança se encontrava, ou seja, espera do nascimento de seu irmão. Algumas crianças podem responder de forma mais regressiva nesse contexto de gestação, especialmente em situações de medo e de sonho mau, como se quisessem se certificar de que não perderam seus pais (Holditch, 1992). A revisão de literatura apontou que há grande preocupação por parte do primogênito no que tange à separação da mãe em decorrência da gestação de um irmão (Brazelton, 2002; Field & Reite, 1984; Kramer, 1996). Ainda que a criança em idade pré-escolar tenha maiores habilidades motoras, cognitivas e emocionais para realizar suas experiências, bem como possua maior consciência do mundo a sua volta (Bee, 1997; Brazelton & Sparrow, 2003; Papalia & Olds, 1981), a ansiedade e o medo costumam ser reações normais que surgem nessas diferentes experiências de separação (Bowlby, 2004; Mahler, 2002).

No relato materno também apareceu a temática da separação. De acordo com as mães, o primogênito passou a apresentar dificuldades em se afastar fisicamente da mãe, não querendo ir à escola ou à casa de amigos e parentes. De modo geral, a separação

para ir à escola torna-se um obstáculo para a criança, uma vez que significa que agora lhe é exigido que seja mais independente e que precisa responsabilizar-se mais por suas próprias necessidades (Brazelton & Sparrow, 2003; Holditch, 1992). Assim, o próprio fato de a criança ter de ir à escolinha já se torna um momento difícil, exigindo adaptações e demandando compreensão dos pais. Quando esse acontecimento é somado ao contexto de gestação de um irmão, essas reações podem se intensificar, desencadeando momentos de desorganização, de queixas e de choro (Brazelton & Sparrow, 2003). A separação e o protesto da criança também não são fáceis para os pais, uma vez que precisam reconhecer e enfrentar seus próprios sentimentos de perda frente a uma situação de separação de seus filhos.

Outro aspecto que merece ser destacado refere-se à importância, à participação e à aproximação do pai na divisão dos cuidados e das tarefas do cotidiano de seus filhos mais velhos. Esses dados corroboram achados de pesquisas e estudos anteriores, os quais postularam que a preparação para a chegada do bebê e os cuidados na gestação acabam afastando a mãe do atendimento fornecido ao primogênito, recaindo sobre o pai a responsabilidade de interagir com o mesmo (Brazelton & Sparrow, 2003; Dessen & Mettel, 1984; Gullicks & Crase, 1993; Gottlieb & Mendelson, 1990; Stewart & cols. 1987). Frente a essas possíveis alterações na disponibilidade materna, o pai pode desempenhar um papel essencial, auxiliando a relação mãe e filho mais velho (Dessen & Braz, 2000; Lewis & Dessen, 1999; Rockville, 2000; Winnicott, 1974) e também o ajustamento deste à chegada do irmão (Gottlieb & Mendelson, 1990).

Muitos estudos têm evidenciado a importância e a contribuição da figura paterna para a interação mãe-criança e para o desenvolvimento infantil (Beitel & Parke, 1998; Cabrera, Tamis-LeMonda, Bradley, Hofferth & Lamb, 2000; Lewis & Dessen, 1999). Especificamente no contexto de chegada de um novo membro à família e diante das alterações no ambiente familiar, o pai torna-se fundamental, podendo suprir as dificuldades de relacionamento na díade mãe-criança, assumindo a distribuição da atenção ao filho mais velho (Dessen, 1997; Gottlieb & Mendelson, 1990), além de auxiliar a mãe a desempenhar sua função de forma satisfatória (Winnicott, 1974).

Além da participação do pai nos cuidados do filho, há também um processo de aproximação da criança em relação ao pai. Essa busca da figura paterna possibilita à criança em idade pré-escolar desenvolver sua capacidade de tornar-se independente de uma figura parental de cada vez (Brazelton & Sparrow, 2003). Esse processo caracteriza-se como um importante momento, visto que a mãe deve permanecer

disponível, ainda que se sinta rejeitada (Brazelton & Sparrow, 2003). Dessa forma, o papel do pai pode ser ao mesmo tempo sutil e vital para todos os membros da família, uma vez que se torna uma referência de equilíbrio em momentos em que o ambiente sofre mudanças, bem como pode amenizar a intensidade da relação mãe e filho quando este precisar tornar-se independente (Brazelton, 2002).

Cabe destacar também, conforme mostra a Tabela 3, que houve alteração no comportamento do primogênito em algumas áreas do desenvolvimento (uso do bico e da mamadeira, linguagem, hora do sono, hábitos de toailete e hora do banho) e no relacionamento com a mãe. Nesses aspectos em que houve alteração, chama a atenção a tendência à maior dependência do primogênito, especialmente, na linguagem, na hora do sono e no relacionamento com a mãe. Como pode ser observado, a hora do sono foi a área do desenvolvimento que mais sofreu alteração ao longo da gestação, de acordo com o relato materno.

A criança eventualmente regride para um estágio anterior em momentos importantes do seu contexto, principalmente, quando os controles nas áreas do desenvolvimento foram recém adquiridos (Brazelton e Sparrow, 2003; Osborne & cols. 1974). Os comportamentos regressivos podem ser observados através de mudanças de comportamento, como fala infantilizada, regressão no treinamento de higiene, mudanças no arranjo do sono ao longo da noite, diminuição na quantidade de ingestão de alimento durante as refeições, entre outros (Brazelton e Sparrow, 2003). Os comportamentos dependentes constituem-se em um meio que a criança encontra para enfrentar situações que lhe causam ansiedade, assim como podem indicar uma identificação com o bebê. Podem ainda ser um dos recursos utilizados pelo filho mais velho para desviar a atenção materna do bebê e da gestação, ou para comunicar aos pais os custos de assumir novas responsabilidades, na medida em que deve renunciar a antigos papéis e compartilhar os cuidados maternos com outra criança (Brazelton & Sparrow, 2003).

As mães se questionaram se as alterações de comportamento se deviam à mudança de escola, ao fato de deixar de ser filho único e ao contexto de gestação do segundo filho, ou ainda ao momento do desenvolvimento infantil. Nesse mesmo sentido, pesquisas apontaram a necessidade de investigar se as alterações nos comportamentos dos primogênitos se devem às mudanças do desenvolvimento ou, propriamente, à chegada de um irmão (Dunn & Kendrick, 1980; Gottlieb & Baillies, 1995).

É importante enfatizar ainda os sentimentos que os comportamentos de dependência despertaram nas mães naquele momento. De acordo com as percepções maternas, os sentimentos durante este período eram intensos e ambivalentes. Se, por um lado, se sentiam felizes, contentes e satisfeitas com o fato de o filho estar mais apegado a elas e até incentivavam tal comportamento, por outro, mencionaram que se sentiam irritadas, cansadas e sem paciência diante de tanta demanda do filho. As mães, geralmente, enfrentam com ansiedade a eventual regressão em algum comportamento de seu filho, na época em que este está buscando sua autonomia (Brazelton, 2002).

Merece ser destacada a importância do ambiente e a sua relação com os comportamentos de dependência e de independência do primogênito em idade pré-escolar no contexto de gestação de seu irmão. É possível assinalar que, do ponto de vista materno, houve estimulação por parte da mãe, tanto para a dependência, quanto para a independência. O relato materno indicou que mães estimularam os comportamentos de independência de seus filhos em alguns aspectos, como uso do bico, hora do sono, do banho e no relacionamento com a mãe. Esse dado corrobora a literatura, na medida em que esta aponta que o crescimento e os comportamentos de independência da criança podem ser estimulados pelos pais como uma tentativa de adaptá-la às demandas do contexto de espera de um irmão (Brazelton, 2002; Brazelton & Sparrow, 2003; Walz & Rich, 1983). A independência, a iniciativa, a curiosidade e a exploração de uma criança pode ser o resultado saudável da experiência com seus cuidadores (Elkind, 2004). Se neste ambiente suas necessidades são satisfeitas de maneira consistente e adequada e são estimuladas para o crescimento, a sensação de confiança se estabelece e passa a se estender às demais pessoas. Assim a iniciativa, a curiosidade e a exploração são fortalecidas quando os pais reservam um tempo para responder às demandas dos filhos e quando são capazes de tolerar a separação decorrente dos comportamentos de independência da criança. Contudo, os pais, algumas vezes, pensam que, nesse contexto de mudança, o filho precisa abandonar alguns hábitos que lhe são importantes, como o uso do bico, da mamadeira, de algum objeto preferido, mudança de escola, entre outros (Brazelton & Sparrow, 2003).

Por outro lado, percebe-se também no relato das mães estímulo aos comportamentos de dependência de seus filhos, tanto em algumas áreas do desenvolvimento (alimentação, hora do sono, linguagem), quanto no relacionamento com ela. As percepções maternas apontaram que o estímulo à dependência caracterizou-se como uma possibilidade de controlar a quantidade e a qualidade do alimento do filho

ou como uma comodidade na hora do sono. De modo geral, a hora das refeições é uma das atividades do cotidiano infantil que pode refletir, tanto a necessidade de autonomia da criança, quanto a preocupação da mãe por ser a responsável em manter o filho bem alimentado e com uma alimentação saudável (Brazelton & Sparrow, 2003). Da mesma forma, a hora do sono pode constituir-se em um momento especial, uma vez que concretiza a separação física e/ou emocional da díade. Nesse momento, tanto a criança, quanto a mãe, necessitam lidar com a sua condição de dependência e com a sua capacidade de separação.

O estímulo materno aos comportamentos de dependência do filho também foi percebido como uma forma de lidar com o pouco tempo disponível para a realização das tarefas de cuidado. Aqueles pais que estão fora todo o dia e que provavelmente estão eles próprios sobrecarregados, algumas vezes acham mais fácil intervir e realizar pelo filho do que mostrar-lhe e deixá-lo fazer por si mesmo (Brazelton & Sparrow, 2003).

Os comportamentos de dependência também foram percebidos pelas mães como algo que o filho não seria capaz de realizar de modo independente, em função de ainda ser muito novinho e ainda não ter coordenação motora para a realização desses hábitos de higiene. Este dado corrobora a literatura, uma vez que esta menciona que crianças até os cinco anos ainda estão desenvolvendo suas habilidades motoras, necessitando de adultos cuidadores para o auxílio e a realização de algumas atividades do cotidiano infantil (Holditch, 1992). O desenvolvimento de habilidades motoras ocorre em uma seqüência de atos que vão dos mais simples para os mais complexos. Essas mudanças não são intensas como nos primeiros anos, porém são bastante significativas, uma vez que capacitam a criança para uma maior independência (Bee, 1997). Estas aquisições do desenvolvimento não são explicadas apenas pela maturação, mas também pelo contexto físico e social em que a criança vivencia suas explorações (Thelen, 1995).

A relação mãe-primogênito é muito íntima e se inicia com uma total dependência evoluindo paulatinamente para uma relação entre dois indivíduos separados (Holditch, 1992; Winnicott, 1983). A natureza dessa intimidade e a dependência ainda é muito intensa na idade pré-escolar. Os sentimentos de dependência do primogênito refletidos em seus comportamentos do cotidiano tornam-se um pedido de ajuda aos pais, que quando atendidos e acolhidos fazem a criança sentir-se mais segura (Brazelton & Sparrow, 2003). A necessidade de manifestar comportamentos dependentes e/ou regressivos em uma área que há pouco o primogênito dominou, acaba forçando os pais a compreender que o filho precisa deles e que está solicitando ajuda

(Brazelton & Sparrow, 2003). Criança e ambiente formam um sistema interligado, o qual a levaria para a aquisição de novos comportamentos independentes de seus cuidadores (Thelen, 1995). Nesse sentido, a criança, nessa faixa etária, necessita de uma figura de cuidado, que esteja suficientemente atenta às suas necessidades e que esteja disponível para oferecer apoio nas tarefas que lhe mobilizarem ansiedade, acolhendo os sentimentos e os comportamentos de dependência decorrentes de mudanças no ambiente familiar (Holditch, 1992; Mahler, 2002; 1982; Winnicott, 1983).

Além de acolher e de se colocar disponível frente a esses comportamentos de dependência, é preciso que a mãe também esteja atenta aos seus próprios sentimentos. Talvez, em função do contexto de gestação e do estado de preocupação e de regressão decorrentes desse período, a mãe possa ter se colocado profundamente de modo empático na sua relação com a criança e possa ter estimulado os comportamentos de dependência do filho (Winnicott, 1999; 2001). Embora esse estado regressivo, favoreça à criança nesse momento de mudanças, uma vez que acolhe os seus sentimentos, a mãe precisa também incentivar a independência do filho e reconhecer de que este é capaz de realizar algumas atividades por ele mesmo nessa faixa etária (Mahler, 2002; 1982; Winnicott, 1999; 2001). Na medida em que a criança encontra sua própria maneira de enfrentar as situações difíceis sabendo da existência da disponibilidade materna e da confiabilidade do ambiente, será capaz de enfrentar outros eventos estressantes com mais confiança (Brazelton & Sparrow, 2003; Mahler, 2002; 1982; Winnicott, 1983).

Considerações Finais

No presente estudo, buscou-se considerar, tanto o ponto de vista da criança, quanto o ponto de vista materno, a fim de atingir uma melhor compreensão a respeito dos comportamentos de dependência e de independência do primogênito no contexto de gestação de um irmão. O envolvimento de diferentes e importantes fontes de informação garante a obtenção de um melhor entendimento acerca do fenômeno estudado (Stake, 1994).

No que tange ao ponto de vista da criança, o instrumento projetivo foi essencial para identificar os comportamentos de dependência e de independência do primogênito em idade pré-escolar. O Teste das Fábulas não foi aplicado com o intuito de realizar um processo diagnóstico clínico. Optou-se por utilizá-lo como um estímulo para que

crianças em idade pré-escolar pudessem expressar os comportamentos de dependência e de independência, uma vez que é um dos poucos instrumentos projetivos plenamente adequado para essa faixa etária (Cunha & cols. 1989). Embora as crianças dessa idade apresentem um desenvolvimento significativo na linguagem, que as possibilita formular e utilizar frases complexas e mais desenvolvidas (Brazelton & Sparrow, 2003; Papalia & Olds, 2000), torna-se difícil investigar o ponto de vista da criança sem que haja algum estímulo para que esta expresse suas vivências emocionais. Nessa faixa etária, a criança tem um senso crescente, porém tênue, de si própria e de seu lugar no mundo, não possuindo uma discriminação da realidade totalmente formada (Holditch, 1992). O conteúdo revelado por histórias oferece subsídios para conhecer a forma como a criança enfrenta sua realidade (Brazelton & Sparrow, 2003), uma vez que ainda está muito associado às situações similares, as quais já experienciou (Holditch, 1992). Dessa forma, por ser um instrumento sensível para detectar conflitos relacionados ao desenvolvimento emocional infantil, o Teste das Fábulas foi utilizado como um recurso para identificar os comportamentos de dependência e de independência de primogênitos em relação às mães no contexto de gestação de um segundo filho.

No que tange ao ponto de vista materno, as entrevistas semi-dirigidas possibilitaram a compreensão dos comportamentos de dependência e de independência do primogênito nesse contexto. Além disso, permitiram o esclarecimento da realidade e do ambiente familiar dessas crianças.

A partir dos dados analisados, é possível assinalar que o padrão predominantemente dependente foi uma tendência de comportamento revelada no presente estudo, tanto do ponto de vista da criança, quanto do ponto de vista materno. Estes achados corroboram a literatura, visto que esta também tem apontado que o primogênito no contexto de nascimento do segundo filho mostra-se mais dependente e imaturo, bem como exige maior atenção e cuidados da mãe (Dessen & Mettel, 1984; Dunn & Kendrick, 1980; Dunn & cols. 1981; Field & Reite, 1984; Kendrick & Dunn, 1980; Gottlieb & Baillies, 1995; Gottlieb & Mendelson, 1990; Gullicks & Crase, 1993; Murphy, 1993; Osborne & col. 1974; Stewart & cols. 1987).

Do ponto de vista da criança, é possível destacar que os primogênitos manifestaram comportamentos dependentes, naquele momento, na medida em que buscaram a atenção, a presença e a disponibilidade parental, sobretudo materna para atividades que lhe mobilizaram ansiedade. Da mesma forma, as percepções maternas também revelaram que os primogênitos apresentavam-se mais dependentes em algumas

áreas do desenvolvimento e no relacionamento com a mãe. Ainda de acordo com o relato materno, as crianças foram apontadas como mais apegadas, agarradas, grudadas e próximas às mães, demandando maior atenção, cuidado, presença e disponibilidade materna.

É importante destacar que esses comportamentos de dependência e de maior demanda foram indicados pelas mães como tendo surgido ou se intensificado ao longo da gestação do segundo filho, especialmente, no último trimestre de gestação (Gottlieb & Baillies, 1995). As alterações de comportamento que mais chamaram a atenção foram, especialmente, na linguagem, na hora do sono e no relacionamento com a mãe. As mães se questionaram se essas alterações se deviam às mudanças de escola, ao fato de deixar de ser filho único, ou ainda ao momento do desenvolvimento infantil. Nesse mesmo sentido, pesquisas também apontaram a necessidade de investigar a procedência das alterações dos comportamentos dos primogênitos (Dunn & Kendrick, 1980; Gottlieb & Baillies, 1995). A partir dos dados encontrados no presente estudo, pode-se pensar que essas mudanças possuem relação com inúmeros fatores. Dentre estes, é possível dizer que a mãe pode estar dirigindo seu interesse para a gestação e para o novo bebê (Brazelton & Sparrow, 2003; Gullicks & Crase, 1993) ou que as alterações se devem às mudanças próprias do desenvolvimento infantil (Dunn & Kendrick, 1980; Gottlieb & Baillies, 1995). A manifestação desses comportamentos pode consistir ainda em uma maneira de a criança obter energia para realizar essa transição decorrente desse contexto de chegada de um irmão, assim como pode ser uma forma de comunicar aos pais os custos de assumir o papel de filho mais velho (Brazelton & Sparrow, 2003).

A criança, eventualmente, passa a apresentar comportamentos dependentes e regressivos, em momentos importantes de seu desenvolvimento (Brazelton & Sparrow, 2003; Osborne & cols. 1974). Tendo em vista que o contexto de gestação de um segundo filho constitui-se em um período especial e marcante para o ciclo de vida da família e para cada um dos membros, exigindo adaptações e reorganizações, é possível que mudanças nos comportamentos de dependência do primogênito também ocorram (Baydar & cols. 1997a; 1997b; Dessen & Júnior, 2005; Dessen & Mettel, 1984; Dunn & cols. 1981; Gottlieb & Mendelson, 1990; Kowaleski-Jones & Dunifon, 2004; Teti & cols. 1996; Stewart & cols. 1987). Assim, estes comportamentos tornam-se um meio de expressão que a criança encontra para solicitar ajuda aos pais a uma situação que lhe mobiliza ansiedade. Deixar de ocupar o papel de filho único e bebê da família, tendo que assumir novos papéis e renunciar a antigos, bem como tendo que aprender a

compartilhar os cuidados maternos, pode ser muito difícil para a criança, especialmente para pré-escolares, que estão desenvolvendo suas habilidades motoras, cognitivas e emocionais. Embora algumas manifestações de independência tornem-se possíveis, uma vez que já adquiriram certo grau de independência para algumas realizações, a criança não é capaz de orientar-se de modo independente. Necessita, ainda, de adultos cuidadores suficientemente atentos e que estejam disponíveis para auxiliá-la na realização de algumas atividades de seu cotidiano (Brazelton & Sparrow, 2003; Holditch, 1992; Mahler, 2002; 1982; Winnicott, 1983).

Nesse sentido, merece ser destacada a importância do ambiente e a sua relação com os comportamentos de dependência e de independência do primogênito no contexto de gestação de um segundo filho. Da mesma forma que para a criança, para a mãe também parece ser uma tarefa difícil ter de lidar com os sentimentos advindos da gestação e da maternidade de um segundo filho (Walz & Rich, 1983; Winnicott, 1983; 1999) e a culpa em relação ao impacto da chegada de um irmão para o filho mais velho (Brazelton & Sparrow, 2003). Analisando as percepções maternas sobre os comportamentos de dependência e de independência do primogênito, no presente estudo observou-se estimulação, por parte das mães, tanto da dependência, quanto da independência, em algumas áreas do desenvolvimento infantil e no relacionamento com elas.

Quanto ao estímulo para a independência, pode-se pensá-lo como uma tentativa utilizada pelas mães para ajudar o filho a se adaptar às demandas do contexto de espera de um irmão (Brazelton, 2002; Brazelton & Sparrow, 2003; Walz & Rich, 1983). Percebeu-se uma tentativa de as mães forçarem o desenvolvimento do filho mais velho, de modo que este assumisse responsabilidades e que experienciasse com mais ousadia suas explorações em direção ao crescimento e à independência (Brazelton, 2002).

Por outro lado, observou-se um movimento no sentido contrário, de acolherem e incentivarem a dependência de seus filhos naquele momento. Pode-se pensar que além dos fatores salientados anteriormente, como culpa e sentimentos decorrentes da gestação, o estado regressivo que as mães se encontram, de preocupação materna primária (Winnicott, 2000), pode acabar favorecendo o estímulo a comportamentos de dependência no primogênito. Neste estado regressivo, a mãe se identificaria de modo projetivo e se adaptaria sensivelmente às necessidades da criança.

É possível assinalar ainda que os comportamentos de dependência dos primogênitos despertaram sentimentos ambivalentes nas mães. Se, por um lado, se

sentiam felizes, contentes e satisfeitas com o fato de o filho apresentar-se mais próximo e dependente. Por outro, referiam que se sentiam cansadas, irritadas e sem paciência diante da grande demanda por atenção do filho mais velho, estimulando comportamentos de independência. Os pais quase sempre enfrentam com ansiedade os comportamentos de dependência de seu filho, especialmente nos momentos em que este está buscando sua autonomia (Brazelton, 2002). Entretanto, se puderem compreender a necessidade que a criança tem de estabelecer o seu próprio padrão de independência, poderão aprender a entender estes comportamentos, a regressão, a separação e os sentimentos deles decorrentes, sem que se perca a intensidade da relação.

Do ponto de vista das crianças, é possível dizer que elas também se mostraram ambivalentes, ao manifestarem um padrão oscilatório de comportamento em algumas respostas às fábulas. De modo geral, os estudos apontam que o primogênito ou apresenta sinais de crescimento e de independência, ou mostra-se mais dependente e imaturo nesse contexto de gestação de um irmão (Dunn & Kendrick, 1980; Dunn & cols. 1981; Teti & cols. 1996; Gottlieb & Mendelson, 1990). Contudo, algumas pesquisas indicaram reações oscilatórias e, até mesmo contraditórias, havendo, por um lado, a manifestação de maior independência e autonomia, e, por outro, o desejo de receber a mesma atenção e cuidados que a gestação e o bebê (Field & Reite, 1984; Gottlieb & Mendelson, 1990; Stewart & cols. 1987). Nesse mesmo sentido, a revisão de literatura realizada no presente estudo apontou que a criança em idade pré-escolar experiencia sentimentos oscilatórios, visto que ora deseja manter-se independente das figuras parentais, ora mostra-se mais dependente (Brazelton & Sparrow, 2003; Osborne & cols. 1974). O desenvolvimento motor, cognitivo e emocional das crianças nessa idade não segue uma trajetória contínua e crescente de aquisições, oscilando entre oportunidades de crescimento e situações que exigem regressão de comportamentos (Brazelton, 2002). O dilema básico do ser humano de atuar de forma independente frente a sua necessidade de dependência está muito associado ao ambiente de disponibilidade materna. A confiabilidade do ambiente possibilita à criança conter a ansiedade de separação surgida em suas experiências e pode proporcionar momentos em que a criança explora o ambiente de modo independente (Mahler, 2002, 1982). Esta ansiedade de separação pode estar acirrada em função da gestação de um irmão, de forma a levar o primogênito a comportar-se, ora de forma independente, ora de modo dependente.

Os resultados sugerem que o contexto de gestação de um novo membro à família

constitui-se um momento especial, tanto para a criança que tem que deixar de ocupar o papel de filho único e aprender a compartilhar os cuidados maternos, quanto para a mãe que deve lidar com as ansiedades advindas da gestação de um segundo filho e com os sentimentos em relação ao primogênito. Nesse sentido, é possível dizer que os resultados da presente pesquisa revelam que a investigação e o estudo de questões acerca das mudanças nas relações familiares e suas implicações para cada um dos membros são de fundamental importância para a compreensão do desenvolvimento humano. Identificar os pontos de transição familiar que podem acarretar mudanças são tarefas básicas da psicologia do desenvolvimento. É nos períodos previsíveis de dificuldade que os profissionais podem ajudar os pais a compreender seus filhos, fazendo com que estes pais, por sua vez, os apoiem em seu desenvolvimento.

Na medida em que a mãe possa compreender as competências de seus filhos em idade pré-escolar e entender que pode haver oscilações de crescimento e de regressão, com tendência para comportamentos dependentes, terá a oportunidade de auxiliá-lo no contexto de mudanças decorrentes da gestação. A compreensão e as adaptações às mudanças, que podem afetar suas próprias capacidades de controlar e proteger seu filho, fortalecerão ainda mais a relação mãe-primogênito, sobretudo em momentos especiais de seu desenvolvimento, como é o contexto de gestação de um irmão (Brazelton & Sparrow, 2003).

Dessa forma, o profissional pode tomar contato mais íntimo com o sistema familiar e auxiliar os pais a compreender que em períodos de transição a criança pode procurar estabelecer ela própria seu padrão de autonomia (Brazelton, 2002), sendo, portanto, possível que a criança venha a apresentar comportamentos mais regressivos e dependentes. Através dessas ações, os profissionais podem prevenir as dificuldades futuras decorrentes de eventos de transição familiar, como o nascimento de um segundo filho. Podem ainda ajudar os pais a minimizar outras possíveis mudanças, bem como um excesso de reação e de conflito nas relações com o filho mais velho.

Espera-se, com o presente estudo, estimular novas pesquisas que possam contribuir para o entendimento das repercussões que a gestação do segundo filho podem acarretar no desenvolvimento emocional do primogênito e no ambiente familiar. Além disso, é importante dar continuidade aos estudos nessa área, a fim de verificar de que forma o primogênito recebe esse irmão. Sugere-se, especialmente a realização de estudos longitudinais, que explorem mais aprofundadamente em que medida as alterações dos comportamentos de dependência e de independência do primogênito se

devem ao contexto da gestação ou às mudanças próprias do desenvolvimento infantil para essa faixa etária. A inclusão de um grupo de comparação talvez possa oferecer outros subsídios importantes que permitirão a compreensão dessas alterações.

*“O crescimento não é só flores para a criança;
para a mãe é muitas vezes um caminho pontilhado de espinhos”.*

(Winnicott, 2001)

REFERÊNCIAS

- Balaban, N. (1988). O início da vida escolar: da separação à independência. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bardin, L. (1977). Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70.
- Barker, C., Pistrang, N. & Elliot, R. (1994). Research methods in clinical and counselling psychology. England: Wiley.
- Baydar, N., Greek, A. & Brooks-Gunn, J. (1997a). A longitudinal study of the effects of the birth of a sibling during the first 6 years of life. *Journal of Marriage and the Family*, 59, 939-956.
- Baydar, N., Hyle, P. & Brooks-Gunn, J. (1997b). A longitudinal study of the effects of the birth of a sibling during preschool and early grade school years. *Journal of Marriage and the Family*, 59, 957-965.
- Bee, H. (1997). Psicologia do desenvolvimento. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Beitel, A. H. & Parke, R. D. (1998). Paternal involvement in infancy: the role of maternal and paternal attitudes. *Journal of Family Psychology*, 12 (2), 268-288.
- Bowlby, J. (1981). Cuidados maternos e saúde mental. São Paulo: Martins Fontes.
- Bowlby, J. (2004). Separação: angústia e raiva, volume 2 da trilogia apego e perda. (Hegenberg, L.; Mota, O.; Hegenberg, M., Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Brazelton, T. & Sparrow, J. (2003). 3 a 6 anos – Momentos decisivos do desenvolvimento infantil. (C. Monteiro, Trad.) Porto Alegre: Artes Médicas.
- Brazelton, T. B. (2002). Momentos decisivos do desenvolvimento infantil. 2º ed. (J. L. Camargo, Trad.) São Paulo: Martins Fontes.
- Cabrera, N. J., Tamis-LeMonda, C. S., Bradley, R. H., Hofferth, S. & Lamb, M. E. (2000). Fatherhood in the twenty-first century. *Child development*, 71 (1), 127-136
- Cox, M. & Paley, B. (1997). Families as systems. *Annual Review Psychology*, 48, 243-267.
- Cunha, J. A & Werlang, B. G. (1995). O uso de técnicas projetivas em pesquisa: o Teste das Fábulas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 8 (1), 31-42.
- Cunha, J. A. & Nunes, M. L. T. (1993). Teste das Fábulas: forma verbal e pictórica. São Paulo: Centro Editor de Testes e Pesquisa em Psicologia.
- Cunha, J. A., Werlang, B. G., Oliveira, M. S., Nunes, M. L. T., Alegre, P. A., Heineck, C. & Silveira, M. R. (1989). Método das Fábulas: uma versão pictórica. *Psico*, 17

(1), 51-61.

- Dessen, M. (1997). Desenvolvimento familiar: transição de um sistema triádico para poliádrico. *Temas em Psicologia*, 3, 51-61.
- Dessen, M. A. & Braz, M. P. (2000). Rede social de apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento de filhos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16 (3), 221-231.
- Dessen, M. A. & Mettel, T. P. (1984). Interação pais-primogênito quando da chegada de uma segunda criança na família. *Psicologia*, 10, 27-39.
- Dunn, J. & Kendrick, C. (1980). The arrival of a sibling: Changes in patterns of interaction between mother and first-born child. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 21 (2), 119-132.
- Dunn, J. & Kendrick, C. (1981a). Social behavior of young siblings in the family context: differences between same-sex and different-sex dyads. *Child Development*, 52, 1265-1273.
- Dunn, J. & Kendrick, C. (1981b). Interaction between young siblings: association with the interaction between mother and firstborn child. *Developmental Psychology*, 17, 336-343.
- Dunn, J.; Kendrick, C. & MacNamee, R. (1981). The reaction of first-born children to the birth of a sibling: Mother's reports. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 22, 1-18.
- Elkind, D. (2004). Sem tempo para ser criança: a infância estressada. (Magda França Lopes, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Feiring, C. & Lewis, M. (1978). The child as a member of the family system. *Behavioral Science*, 23, 225-233.
- Field, T. & Reite, M. (1984). Children's responses to separation from mother during the birth of another child. *Child Development*, 55, 1308-1316.
- Gottlieb, L. & Mendelson, M. (1990). Parental support and firstborn girls' adaptation to the birth of a sibling. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 11, 29-48.
- Gottlieb, L. N. & Baillies, J. (1995). Firstborn's behaviors during a mother's second pregnancy. *Nursing Research*, 44 (6), 356-362.
- Gullicks, J. N. & Crase, S. J. (1993). Sibling behavior with a newborn: parents' expectations and observations. *JOGNN Clinical Studies*, 22 (5), 438 -444.

- Grupo de Interação Social, Desenvolvimento e Psicopatologia - GIDEP/UFRGS/CNPq (1998). *Ficha de Contato Inicial*. Instrumento não-publicado. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Holditch, L. (1992). *Compreendendo seu filho de cinco anos*. (Jacob, L. A., Trad.). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Kendrick, C. & Dunn, J. (1980). Caring for a second baby: effects on interaction between mother and firstborn. *Development Psychology*, 16 (4), 303-311.
- Kowaleski-Jones, L. & Dunifon, R. (2004). Children's home environments – understanding the role of family structure changes. *Journal of Family Issues*, 25 (1), 3-28. Retirado em 11/02/2005 no Google Scholar na World Wide Web: <http://www.scholar.google.com/scholar>.
- Kramer, L. & Gottman, J. M. (1992). Becoming a sibling: “with a little help from my friends”. *Developmental Psychology*, 28 (4), 685-699.
- Kramer, L. & Ramsburg, D. (2002). Advice given to parents on welcoming a second child: a critical review. *Family Relations*, 51, 2-14.
- Kramer, L. (1996). What's real in children's fantasy play: fantasy play across the transition to becoming a sibling. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 37, 329-337.
- Kreppner, K., Paulsen, S. & Schuetze, Y. (1982). Infant and family development: from triads to tetrads. *Human Development*, 25, 373-391.
- Laville, C. & Dionne, J. (1999). *A construção do saber: manual de metodologia de pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Lewis, C. & Dessen, M. A. (1999). O pai no contexto familiar. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 15 (1), 09-16.
- Lewis, M & Kreitzberg, V. (1979). Effects of birth order and spacing on mother-infant interactions. *Development Psychology*, 15 (6), 617-625.
- Mahler, M. (1982). *O processo de separação-individuação*. (H. M. de Souza, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Originalmente publicado em 1979).
- Mahler, M., Pine, F. & Bergman, A. (2002). *O nascimento psicológico da criança: simbiose e individuação*. (J. A. Russo, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Originalmente publicado em 1975).
- Mazzeschi, C., Lis, A., Calvo, V., Vallone, V. & Superchi, E., (2001). Duss Fairy Tales: some data from a new evaluation form. *Perceptual and Motor Skills*, 93, 806-812.

Retirado em 25/09/2004 no PsycInfo na World Wide Web:
<<http://periodicos.capes.br/psycinfo>>.

- Mondarlo, A. H. & Valentina, D. D. (1998). Psicoterapia infantil: ilustrando a importância do vínculo materno para o desenvolvimento da criança. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11, 3.
- Moura, C. B. & Gabassi, S. E. (1998). Dependência X Autonomia infantil: o papel da psicoterapia no desenvolvimento sócio-emocional de crianças imaturas. *Estudos de Psicologia*, 15 (3), 71-77.
- Murphy, S. O. (1993). Siblings and the new baby: changing perspectives. *Journal of Pediatric Nursing*, 8 (5), 277-288.
- Núcleo de Infância e Família – NUDIF/UFRGS/CNPq (2005a). *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido*. Instrumento não-publicado. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Núcleo de Infância e Família – NUDIF/UFRGS/CNPq (2005b). *Ficha de Contato Inicial*. Instrumento não-publicado. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Núcleo de Infância e Família – NUDIF/UFRGS/CNPq (2005c). *Entrevista de Dados Demográficos*. Instrumento não-publicado. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Núcleo de Infância e Família – NUDIF/UFRGS/CNPq (2005d). *Entrevista com a mãe sobre o impacto da gestação do segundo filho na dinâmica familiar*. Instrumento não-publicado. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Núcleo de Infância e Família – NUDIF/UFRGS/CNPq (2005e). *Entrevista com a mãe sobre o desenvolvimento do primogênito (terceiro ao quinto ano de vida do primogênito)*. Instrumento não-publicado. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Nunes, M. L. T., Cunha, J. A. & Oliveira, M. S., (1990). O valor clínico do escore de concordância social no Teste das Fábulas. *Psico*, 20 (2), 77-84.
- Osborne, E. L.; Harris, M.; O'shanghnessy, E & Rosenbluth, D. (1974). Seu filho de cinco anos: orientação psicológica para os pais. Da clínica Tavistock Londres. (Schwartz, R., Trad.). Rio de Janeiro: Ed. Imago.
- Papalia, D. E. & Olds, S. W. (2000). *Desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artes Médicas.

- Piccinini, C., Lopes, R. S., Rossato, C. R. & Oliveira, D. S. (2005). Estudo longitudinal sobre o impacto do nascimento do segundo filho na dinâmica familiar e no desenvolvimento emocional do primogênito. Projeto não-publicado, Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.
- Rockville, M. (2000). Factors associated with father's caregiving activities and sensitivity with young children. *Journal of Family Psychology*, 14 (2), 200-219. Retirado em 11/12/2004 no Google Scholar na World Wide Web: <http://www.scholar.google.com/scholar>.
- Saparolli, E. C. L. (1999). O desenvolvimento emocional da criança pequena e sua separação dos pais em decorrência de seu ingresso em equipamento de educação infantil. *Psicólogo Informação*, 2/3 (2/3), 99-118.
- Stake, R. E. (1994). Case studies. Em N. Denzin & Y. Lincoln (Orgs.), *Handbook of Qualitative Research* (236-247). Londres: Sage.
- Stewart, R.; Mobley, L.; Tuyl, S. & Salvador, M. (1987). The firstborn's adjustment to the birth of a sibling: a longitudinal assessment. *Child Development*. 58, 341-355.
- Teti, D., Sakin, J., Kucera, E., Corns, K. & Eiden. (1996). And baby makes four: Predictors of attachment security among preschool-age firstborns during the transition to siblinghood. *Child Development*, 67, 579-596.
- Thelen, E. (1995). Motor development: a new synthesis. *American Psychologist*, 50 (2), 79-95.
- Walz, B. L. & Rich, O. J. (1983). Maternal tasks of taking-on a second child in the postpartum period. *Maternal-child Nursing Journal*, 12 (3), 185 -216.
- Winnicott, D. W. (1960). Teoria do relacionamento materno-infantil. Em D. W. Winnicott, (1983). O ambiente e os processos de maturação. (I. C. S. Ortiz, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Originalmente publicado em 1979).
- Winnicott, D. W. (1974). A criança e seu mundo. (A. Cabral, Trad.). 5º ed. Rio de Janeiro: Zahar. (Originalmente publicado em 1965).
- Winnicott, D. W. (1983). O ambiente e os processos de maturação. (I. C. S. Ortiz, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Originalmente publicado em 1979).
- Winnicott, D. W. (1999). Tudo começa em casa. (P. Sandler, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1989).
- Winnicott, D. W. (2000). Da pediatria à psicanálise. (D. Bogomeletz, Trad.) Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1956).

Winnicott, D. W. (2001). A família e o desenvolvimento individual. (M. B. Cipolla, Trad.). 2° ed. São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1965).

ANEXO A

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL - UFRGS

(NUDIF, 2005)

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Pelo presente Consentimento, declaro que fui informado(a), de forma clara e detalhada, dos objetivos e da justificativa do presente Projeto de Pesquisa, que busca investigar o impacto do nascimento do segundo filho na dinâmica familiar e no desenvolvimento emocional do primogênito.

Estou ciente de que receberei resposta a qualquer dúvida sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados com esta pesquisa; terei total liberdade para retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo a eventuais vínculos com a instituição através da qual fui contatado(a).

Em caso de eventuais desconfortos trazidos pela participação nesta pesquisa, quando caracterizada a necessidade de atendimento psicológico, tenho clareza de que o pesquisador responsabilizar-se-á por meu encaminhamento para um Serviço de Atendimento Emocional gratuito.

Concordo em participar do presente estudo, bem como autorizo, para fins de pesquisa e de divulgação científica a utilização de anotações e gravações realizadas comigo e meu filho. Entendo que o Instituto de Psicologia da UFRGS manterá em sigilo a minha identidade e a da minha família, e que os dados coletados serão arquivados neste mesmo Instituto e serão destruídos depois de decorrido o prazo de cinco anos.

Os pesquisadores responsáveis por este Projeto de Pesquisa são: Prof. Dr. César Augusto Piccinini e Prof^a. Dr^a. Rita de Cássia Sobreira Lopes, os quais poderão ser contatados pelo telefone 3316-5058.

Mestrandas responsáveis: Caroline R. Pereira, Débora S. de Oliveira e Nádia Coldebella.

Data: / /

Nome do participante: _____

Assinatura do participante: _____

Assinatura da mestranda responsável: _____

ANEXO B

FICHA DE CONTATO INICIAL¹

(NUDIF, 2005)

Nome da mãe:

Quantos anos tu tens?.....

Escolaridade:.....

Trabalha? () não () sim O que faz?

Esta é a tua segunda gravidez?

Com quantos meses tu estás?

Tu já sabes o sexo do bebê?

Como está a tua saúde?

Como está a saúde do bebê?

O teu primeiro filho é menino ou menina?

Qual a idade do teu filho(a)?

Como é o nome dele?

O pai do bebê vive contigo? Há quanto tempo?

Como é o nome dele?

Qual é a idade dele?

O que ele faz?

Qual é a escolaridade dele?

Ele é o pai do teu primeiro filho?

Ele tem outros filhos?

Endereço:

Telefone:

Data da Entrevista:

Data prevista para o nascimento do bebê:

Alternativa de contato (nome):

Telefone:

Mestranda responsável:

¹Instrumento adaptado por Coldebella, Lopes, Oliveira, Pereira & Piccinini, (2005) para ser aplicado a gestantes grávidas do segundo filho.

ANEXO C

ENTREVISTA DE DADOS DEMOGRÁFICOS DO CASAL¹ (NUDIF, 2005)

Eu gostaria de algumas informações sobre ti e o teu marido:

Esposa:

- Nome:.....
- Data de nascimento:..... Escolaridade (ano concluído):
- Religião:..... Praticante: () sim () às vezes () não
- Estado Civil: () casada () solteira () separada () viúva () com companheiro
- Desde quando moras com o pai do teu filho?
- Quem mais mora na casa?
- Tu trabalhas fora? () sim () não () desempregada
- O que tu fazes/fazias?..... Horas/semana:..... Não trabalha há meses
- Grupo étnico:

Marido:

- Nome:.....
- Data de nascimento:..... Escolaridade (ano concluído):
- Religião:..... Praticante: () sim () às vezes () não
- Tu trabalhas fora? () sim () não () desempregado
- O que tu fazes/fazias?..... Horas/semana:..... Não trabalha há meses
- Grupo étnico:

Primogênito:

- Nome:.....
- Data de nascimento:.....

Endereço para contato:

.....
Cidade:..... CEP Telefone:.....

Telefone do emprego/contato: Esposa Marido

Telefone de um parente/amigo para contato:.....

¹ Instrumento adaptado por Coldebella, Lopes, Oliveira, Pereira & Piccinini (2005) para ser aplicado a gestantes grávidas do segundo filho e seus maridos.

ANEXO D

ENTREVISTA COM A MÃE SOBRE O IMPACTO DA GESTAÇÃO DO SEGUNDO FILHO NA DINÂMICA FAMILIAR

(Terceiro trimestre de gestação)

(NUDIF, 2005)

1. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre o dia-a-dia da tua família...

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Como é um dia típico da tua família?
- Como são os momentos em que estão todos juntos?
- Como é um dia típico de fim de semana da tua família?
- Houve alguma mudança no dia-a-dia da tua família depois que tu engravidaste?

2. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre o teu relacionamento com o teu marido nesta segunda gravidez....

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Como está o teu relacionamento com o teu marido?
- Tu percebeste alguma mudança no relacionamento de vocês desde que tu engravidaste?
- Como tu te sentes?

3. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre o teu primeiro filho, o (nome), ao longo desta segunda gravidez...

(Caso não tenha mencionado) Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Quando lhe foi dada a notícia da gravidez? Como ele/a reagiu? E agora, como ele está?
- O/a (nome) já sabe o sexo do bebê? Como ele/a reagiu?
- *(Se não sabe)* Ele/a prefere um menino ou uma menina?
- Alguma coisa parece desagradar o/a (nome) em relação à tua gravidez?
- E alguma coisa parece agradar o/a (nome) em relação à tua gravidez?
- Ele/a interage com o bebê de alguma maneira (*tocar a barriga, cantar/conversar com o bebê, etc.*)?
- Ele/a já foi alguma vez contigo às ecografias? Como ele/a reagiu?
- Ele/a tem demonstrado alguma curiosidade, preocupação ou interesse sobre a gravidez ou os bebês?
- O que ele tem dito?
- E quanto ao teu afastamento durante a hospitalização? Como tu achas que ele/a vai reagir? Como tu te sentes?
- Tu tens feito alguma coisa para prepará-lo/a?
- Como tu imaginas que o/a (nome) vai reagir à chegada do bebê? Como tu te sentes?
- Tu tens feito alguma coisa para prepará-lo/a?
- Como tu achas que será o relacionamento dele/a com o bebê?

4. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre o relacionamento do/a (nome) com vocês, com a família e com outras crianças desde que tu ficaste grávida...

(Caso não tenha mencionado) Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Tu percebeste alguma mudança no comportamento do/a (nome) em relação a ti?
- O que aconteceu? Como tu te sentes com isto?
- Tu percebeste alguma mudança no relacionamento de vocês três (tu, teu marido e teu filho) desde que tu engravidaste? O que aconteceu? [Como tu te sentes?]
- Como é a relação do/a (nome) com os familiares?
- Tu percebeste alguma mudança no comportamento dele/a com relação aos familiares desde que tu engravidaste?
- [Como tu te sentes?]
- Como é a relação do/a (nome) com as outras crianças?
- Tu percebeste alguma mudança no comportamento do/a (nome) em relação às outras crianças desde que tu engravidaste?

5. Tu gostarias de acrescentar alguma coisa a tudo isso que a gente conversou?

ANEXO E

ENTREVISTA COM A MÃE SOBRE O DESENVOLVIMENTO DO PRIMOGÊNITO¹ (Terceiro ao quinto ano de vida do primogênito) (NUDIF, 2005)

1. Eu gostaria que tu falasses sobre o/a (nome)...

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Como está o desenvolvimento/crescimento do/a (nome)?
- O/A (nome) tem apresentado algum problema de saúde em particular? Que cuidados exigiu?
- O que o/a (nome) é capaz de fazer que mais te chame atenção? Em que momentos tu percebes isso?
- Como tu descreverias o jeito do/a (nome)?
- Com quem tu achas que ele/a é parecido (*física e emocionalmente*)?
- Que coisas o/a (nome) mais gosta de fazer? Que coisas ele/a menos gosta?
- Que tipo de coisas ele/a faz que te desagradam? Como tu reages?
- E ele/a como fica ao perceber que te desagradou?
- Ele/a costuma apresentar algum tipo de medo? Qual? Quando começou?
- Tu percebeste alguma mudança em relação aos medos dele/a desde que tu engravidaste?

2. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre:

a) Alimentação do/a (nome)

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Como tem sido a hora das refeições para o (nome)?
- Ele/a é capaz de alimentar-se sozinho?
- Quem de vocês participa mais da hora das refeições do/a (nome)?
- Tu tens percebido alguma mudança do/a (nome) em relação à alimentação do (nome) desde que tu engravidaste?
- Ele/a ainda mama na mamadeira? Em que momentos?
- (*Se não mama*) Quando ele/a largou a mamadeira?
- (*Se ainda mama*) Tu tens intenção de que ele/a largue a mamadeira? Quando?
- Tu tens percebido alguma mudança do/a (nome) em relação à mamadeira desde que tu engravidaste?
- [Como tu te sentes?]

b) Uso do bico/chupeta

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Ele/a ainda usa bico/chupeta? Em que momentos?
- (*Se ainda usa*) Tu tens intenção que ele/a largue o bico/chupeta?
- Tu tens percebido alguma mudança do (nome) quanto ao uso do bico/chupeta desde que tu engravidaste?

c) Linguagem/fala do/a (nome)

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Como tem sido a comunicação com (nome)?
- Tu tens percebido alguma mudança na fala do/a (nome) desde que tu engravidaste? [Como tu te sentes?]

d) O sono do/a (nome)

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Como tem sido a hora de dormir do/a (nome)? Ele/a consegue pegar no sono sozinho?
- Quem de vocês participa mais deste momento?
- Ele/a tem um quarto só para ele/a ou dorme com alguém?
- Como é o sono dele/a (comportamento quando está dormindo)?
- Tu tens percebido alguma mudança no sono do/a (nome) desde que tu engravidaste? [Como tu te sentes?]

e) O controle do xixi e do cocô do/a (nome)

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Como é o controle do xixi e do cocô do/a (nome)?
- Ele/a usa fraldas?
- (*Se não usa*) Quando tirastes as fraldas? Como foi?
- (*Se usa*) Quando tu estás pensando em tirar as fraldas dele/a? Como pensas fazer isso?
- Tu tens percebido alguma mudança do/a (nome) em relação ao controle do xixi e do cocô desde que tu engravidaste? [Como tu te sentes?]

f) Cuidados e higiene pessoal: hora do banho, troca de roupa, escovação de dentes

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Como tem sido estes momentos para o/a (nome)? Como ele se comporta?
- Ele/a realiza estas atividades sozinho/a? Quem de vocês participa mais destes momentos?
- Tu tens percebido alguma mudança no comportamento do/a (nome) em relação a estes comportamentos desde que engravidaste? [Como tu te sentes?]

h) O choro do/a (nome)

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Em que momentos ele/a chora? [Como tu te sentes?]
- Quem o acalma? Como esta pessoa o acalma?
- Tu tens percebido alguma mudança no choro do/a (nome) desde que tu engravidaste? [Como tu te sentes?]

3. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre as brincadeiras do/a (nome).

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Qual a brincadeira preferida dele/a?
- Como ele/a se comporta enquanto brinca (*corre, fala, irrita-se facilmente, etc.*)?
- Ele/a costuma brincar sozinho/a? Em que momentos?
- Ele/a costuma brincar com outras crianças?
- Tu costumavas brincar com ele/a (nome)? De quê?
- Tu tens percebido alguma mudança nas brincadeiras do/a (nome) desde que tu engravidaste?

4. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre algum objeto preferido do/a (nome).

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Qual é este objeto? (Caso não seja um objeto) Seria uma parte do corpo (*da criança/mãe/pai*)?
- Em que momentos o/a (nome) procura este objeto? E o que ele faz?
- Tu lembras quando isto apareceu?
- Tu tens percebido alguma mudança do/a (nome) em relação a este objeto desde que tu engravidaste?
- [Como tu te sentes?]

5. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre os momentos em que o/a (nome) tem ficado longe de ti.

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Quais têm sido estes momentos? Como ele/a reage?
- E tu, como te sentes?
- Como são os momentos em que vocês se reencontram?
- Como ele/a reage? E tu, como te sentes?
- Com quem ele/a é mais agarrado? E tem mais alguém? Em que momentos tu percebes isso? [Como tu te sentes?]
- Tu percebeste alguma mudança neste comportamento (agarrado) desde que tu engravidaste? [Como tu te sentes?]

6. O/a (nome) foi para a escolinha/creche?

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

(Se a criança foi para a escolinha/creche):

- Com que idade ele/a iniciou?
- Como foi a adaptação dele/a?
- Como tu te sentes em relação à escolinha/creche?
- Como ele/a reage ao afastamento de ti para ir à escolinha/creche?
- Tu percebeste alguma mudança nos comportamentos do/a (nome) em relação a ir para a escolinha/creche desde que engravidaste? [Como tu te sentes?]
- (Se a criança não vai à escolinha/creche)
- Vocês pretendem colocá-lo/a na escolinha/creche? Quando? Por quê?

7. Tu gostarias de acrescentar alguma coisa a tudo isso que a gente conversou?

¹Entrevista adaptada por Coldebella, Lopes, Oliveira, Pereira & Piccinini (2005) para ser aplicada a mães de crianças de três a cinco anos que estão grávidas do segundo filho.